

UMA NOVA HISTÓRIA

Da tragédia da caverna ao trono do Rei

PROJETO ZOROBABEL

Sumário

- Prólogo — Há uma terra da qual é preciso sair
- Capítulo 1 — Moabe: aquilo que nasceu de Ló
- Capítulo 2 — Uma proximidade sem pertencimento
- Capítulo 3 — Quando deixamos de nos importar com o povo de Deus
- Capítulo 4 — A soberba de Moabe
- Capítulo 5 — O deus de Moabe
- Capítulo 6 — Balaão: quando a maldição se transforma em sedução
- Capítulo 7 — Descansado esteve Moabe
- Capítulo 8 — De vasilha em vasilha
- Capítulo 9 — Rute: a graça que visita Moabe
- Capítulo 10 — Teu povo será o meu povo
- Capítulo 11 — Teu Deus será o meu Deus
- Capítulo 12 — A casa do pão
- Capítulo 13 — Aos pés de Boaz
- Capítulo 14 — Uma moabita na linhagem do Rei
- Epílogo — Cristo, nossa verdadeira Belém

Prólogo

Há uma terra da qual é preciso sair

Quando Deus começa a nos conduzir para fora daquilo que aprendemos a chamar de casa

Há lugares aos quais o homem se acostuma simplesmente porque aprendeu a sobreviver neles. Nem sempre são lugares de paz, mas tornaram-se familiares. Nem sempre oferecem vida, mas oferecem alguma forma de estabilidade. Nem sempre correspondem ao propósito de Deus, mas permanecem suficientemente conhecidos para que o coração tema deixá-los. Com o tempo, aquilo que começou como adaptação pode transformar-se em permanência, e o que um dia foi apenas uma circunstância passa a parecer parte inseparável de quem somos.

Moabe é uma dessas imagens nas Escrituras. Não apenas porque foi uma terra real, habitada por um povo real e profundamente envolvida na história de Israel, mas porque sua trajetória reúne princípios que a Palavra de Deus expõe com impressionante clareza. Sua origem está ligada a Ló; sua história se desenvolve às margens da promessa; sua relação com Israel combina proximidade e distância; sua atitude diante do povo de Deus passa pela indiferença, pelo medo, pela oposição e pela sedução; sua religião encontra expressão em Quemus; sua segurança repousa em obras e tesouros; e, nas palavras de Jeremias, Moabe permanece por tanto tempo repousando sobre suas próprias borras que conserva o mesmo sabor e o mesmo aroma.

Por trás de todas essas manifestações existe um princípio que atravessa sua história: a preservação de si mesmo.

Talvez seja exatamente por isso que Moabe nos pareça tão distante e, ao mesmo tempo, tão próximo. Há algo no coração humano que deseja permanecer. Desejamos conservar aquilo que conhecemos, proteger aquilo que construímos, preservar a imagem que formamos de nós mesmos e evitar tudo o que possa exigir uma entrega mais profunda. Podemos mudar de ambiente, de linguagem, de função e até de prática religiosa enquanto essa raiz continua intocada. Podemos aproximar-nos das coisas de Deus, compreender sua linguagem e participar exteriormente de sua história sem permitir que elas alcancem o lugar onde nossas escolhas são realmente governadas.

É nesse sentido que Moabe pode servir-nos como uma figura. Não para que procuremos Moabe nos outros, nem para que transformemos uma antiga nação em rótulo para pessoas, comunidades ou tradições. A Escritura é séria demais para ser usada como instrumento de acusação apressada. O convite deste livro é outro. Queremos permitir que a Palavra nos conduza para dentro, que sua luz alcance aquilo que talvez tenhamos aprendido a justificar como parte inevitável de nossa personalidade, de nossa história ou de nossa maneira de existir diante de Deus.

Porque existem terras que permanecem dentro de nós mesmo depois que nossos pés já caminharam para longe delas. Existem antigos deuses que sobrevivem sem imagens, seguranças que conservamos porque tememos descobrir quem seríamos sem elas e borras que se acomodaram durante tanto tempo no fundo da alma que passamos a confundir seu sabor com nossa própria identidade.

Mas existe também uma graça que não nos deixa ali para sempre.

O começo antes de Moabe

Moabe não surge do nada. Sua história começa antes de seu nascimento, na trajetória de Ló.

Ló caminhou ao lado de Abraão. Viu altares, ouviu promessas e conviveu com um homem cuja vida havia sido marcada pelo chamado de Deus. Não seria justo reduzi-lo a uma simples caricatura de incredulidade, pois o próprio Novo Testamento o chama de justo e fala da aflição que sua alma experimentava diante da impiedade de Sodoma (2Pe 2:7–8). Havia, portanto, nele uma consciência que não conseguia fazer plena paz com aquilo que o cercava. Ainda assim, sua história revela uma tensão profunda entre aquilo que conhecia de Deus e o princípio pelo qual, em momentos decisivos, escolhia viver.

Quando chegou o momento da separação entre ele e Abraão, Ló levantou os olhos e contemplou a campina do Jordão. A terra parecia bem regada, fértil e promissora (Gn 13:10–11). Sua decisão possuía lógica. Havia nela prudência natural, capacidade de avaliar vantagens e desejo de assegurar o futuro de sua casa e de seus rebanhos. Nada na cena sugere uma rebelião aberta contra Deus. O que aparece é algo muito mais sutil: uma escolha feita a partir daquilo que os olhos podiam oferecer como segurança.

É justamente aí que sua história se torna tão instrutiva. Existem caminhos que começam sem qualquer aparência de apostasia. Não nascem de uma declaração consciente contra Deus, mas de pequenas decisões em que a segurança visível passa a pesar mais do que a dependência invisível. O coração continua reconhecendo o Senhor, mas deixa de permitir que Sua vontade seja a referência absoluta diante da qual todas as demais considerações precisam curvar-se.

Ló armou suas tendas em direção a Sodoma. Depois o encontramos dentro da cidade e, mais tarde, assentado à sua porta. Quando o juízo chega, precisa ser retirado pela misericórdia de Deus. E, ao final, sua história termina numa caverna, onde, em meio à embriaguez e à inconsciência, nasce o filho que daria origem a Moabe (Gn 19:30–37).

Moabe nasce numa caverna, mas aquilo que ele passará a representar começou muito antes. Começou quando a vida passou a ser organizada pelo princípio da preservação; quando a criatura começou a perguntar, ainda que silenciosamente, não apenas o que Deus desejava, mas o que parecia mais seguro, vantajoso e controlável para si mesma.

Por isso, a história de Ló exige de nós mais reverência do que condenação. Ela nos mostra que o afastamento nem sempre começa com rejeição aberta da fé. Muitas vezes, começa quando o homem aprende a organizar sua existência de tal maneira que já não precisa depender inteiramente de Deus.

Uma vida que procura preservar-se

Existe uma diferença profunda entre receber com gratidão aquilo que Deus nos concede e construir toda a existência em torno da necessidade de preservar o que recebemos. A gratidão reconhece a dádiva sem esquecer o

Doador. A autopreservação, ao contrário, transforma a dádiva em segurança e passa a temer qualquer movimento que possa ameaçá-la.

Quando esse princípio começa a governar, nossas decisões passam a ser medidas pelo que poderemos perder, pelo que conseguiremos manter sob controle e pelo que poderá garantir nossa continuidade. A vontade de Deus ainda pode ser considerada, mas já não ocupa necessariamente o centro. Precisa agora disputar espaço com a necessidade de proteger uma posição, uma imagem, uma relação, uma obra, uma segurança ou uma identidade.

E talvez o aspecto mais solene de tudo isso seja que essa condição pode existir dentro de uma vida religiosa.

Moabe não aparece nas Escrituras como uma realidade completamente alheia à história de Deus. Era parente de Israel. Sua origem estava ligada a Ló, e o próprio Senhor ordenou que Israel não tomasse sua terra, porque Ele a havia dado aos descendentes de Ló (Dt 2:9). Havia proximidade, história comum e uma medida de relação com aquilo que Deus estava realizando. Contudo, nada disso significava que Moabe estivesse vivendo sob o mesmo princípio que governava o propósito de Deus para Israel.

Proximidade não é pertencimento.

É possível viver perto das coisas de Deus e ainda permanecer governado por outro centro. Podemos conhecer a linguagem da fé, admirar sua beleza e participar de sua história exterior enquanto nossa vida continua organizada em torno de nós mesmos. Podemos estar próximos o suficiente para reconhecer o caminho e, ainda assim, não suficientemente rendidos para permitir que esse caminho nos transforme.

Por isso, uma das perguntas que acompanhará toda esta jornada não diz respeito apenas ao que confessamos, mas ao que realmente governa nossas escolhas. O que determina nossa reação diante da perda? Onde procuramos segurança quando somos ameaçados? O que sentimos que não podemos entregar? Que realidade precisa permanecer intacta para que continuemos sabendo quem somos?

Muitas vezes, aquilo que não conseguimos entregar revela mais sobre o nosso verdadeiro centro do que aquilo que conseguimos professar.

Quando Deus permite que a terra seja revelada

A Palavra de Deus não expõe aquilo que está escondido em nós para nos aprisionar à vergonha. Ela ilumina porque deseja libertar.

Ao longo da história de Moabe, encontraremos orgulho, idolatria, indiferença, sedução e uma falsa estabilidade. Jeremias descreve uma nação que permanecera por tanto tempo repousando sobre suas próprias borras que conservara o mesmo sabor e o mesmo aroma (Jr 48:11). Em seguida, porém, anuncia que Deus enviaria aqueles que a trasfegariam, esvaziariam suas vasilhas e quebrariam seus odres (Jr 48:12).

À primeira vista, essa palavra parece falar apenas de juízo. Mas há nela um princípio que atravessa profundamente a experiência espiritual. Aquilo que nunca é movido pode permanecer escondido. Aquilo que

nunca é exposto pode continuar governando sem ser percebido. Uma característica que jamais foi submetida à luz de Deus pode, com o passar dos anos, receber outros nomes. Chamamos de personalidade o que talvez seja medo; de maturidade o que pode ser rigidez; de prudência o que esconde autopreservação; de firmeza aquilo que talvez seja simplesmente incapacidade de render-se.

Deus não traz essas coisas à luz porque deseja destruir-nos. Ele as revela porque não pretende permitir que aquilo que pertence à velha natureza continue definindo nossa história para sempre. Sua luz não é inimiga. Sua disciplina não é abandono. Sua mão não toca para nos deixar sem direção, mas para abrir espaço para uma realidade maior.

Existe uma misericórdia severa em ser mostrado a nós mesmos sob a luz de Deus. Enquanto permanecemos protegidos por nossas próprias explicações, dificilmente desejaremos transformação. Mas quando a luz revela que aquilo que chamávamos de vida era, em tantos lugares, apenas tentativa de preservação, começamos a compreender por que a cruz é tão indispensável.

Deus não deseja apenas tornar Moabe mais aceitável.

Ele deseja conduzir-nos para fora dele.

A graça que já está a caminho

Se esta história terminasse apenas com Moabe, seria uma narrativa pesada. Teríamos diante de nós apenas diagnóstico, exposição e juízo. A Escritura, porém, introduz algo inesperado e profundamente belo: coloca Rute no meio dessa história.

Uma mulher moabita.

Não um exército que derrota Moabe, nem um profeta que apenas o denuncia, mas uma mulher que nasce naquela terra e começa, pela graça, a sair dela.

É aí que toda a direção do livro começa a mudar.

Rute nos mostra que Deus não revela uma condição apenas para condená-la. Ele revela porque também abriu um caminho para fora dela. E talvez o aspecto mais precioso dessa história seja perceber que a graça não começa com a decisão de Rute. Antes que ela faça sua confissão, antes que deixe sua terra, antes que conheça Boaz, recolha espigas ou encontre um redentor, Deus já está agindo.

O Senhor visita Seu povo e volta a dar pão em Belém. Noemi ouve a notícia e se levanta. A notícia chega a Moabe. Rute ouve. Uma estrada começa a abrir-se.

Ela ainda não sabe para onde tudo aquilo a levará. Não conhece os campos que atravessará, não sabe que encontrará favor, não sabe que um dia estará aos pés de Boaz, nem pode imaginar que seu nome será ligado à linhagem de Davi e, séculos depois, à genealogia de Jesus Cristo.

Ela sabe apenas que há pão em Belém.

E isso é suficiente para começar.

Há algo profundamente consolador nessa maneira de Deus agir. Ele não costuma entregar-nos antecipadamente o mapa inteiro de Sua obra. Muitas vezes, oferece apenas luz suficiente para o próximo passo. A graça não precisa mostrar a genealogia antes de abrir a estrada. Não precisa revelar Boaz antes que Rute deixe Moabe. Basta fazer chegar uma notícia capaz de despertar no coração a percepção de que existe pão em outro lugar.

Talvez seja assim também conosco. Antes de compreendermos tudo o que Deus deseja realizar, alguma coisa de Cristo começa a tornar-se preciosa o bastante para que a antiga terra já não pareça suficiente.

A direção desta jornada

Este livro começa em Moabe, mas não pretende terminar ali. Começa expondo uma origem e os princípios que dela procedem, mas avança em direção a uma nova história. Começa diante da vida que procura preservar a si mesma e caminha até uma mulher que, sem conhecer todo o futuro, aceita entregar sua segurança e seguir pela fé.

De um lado está Ló, levantando os olhos para uma campina bem regada e escolhendo aquilo que parece oferecer melhores garantias. Do outro está Rute, deixando uma terra conhecida sem qualquer garantia natural do que encontrará adiante.

Entre essas duas cenas existe uma estrada.

E essa estrada passa pela cruz.

Aquilo que Moabe representa em nós não pode ser simplesmente educado, refinado ou reorganizado. A velha natureza pode tornar-se religiosa, disciplinada e até aparentemente madura sem deixar de pertencer a si mesma. O problema não é apenas o que ela faz. É o princípio a partir do qual vive. Por isso, a resposta de Deus não é oferecer melhores condições para que o velho homem sobreviva, mas conduzi-lo à cruz para que Cristo se torne a fonte de uma vida nova.

É por isso que Cristo não aparecerá apenas no fim desta jornada. Ele estará diante de nós em cada passo. Será a luz pela qual enxergaremos a autopreservação de Moabe, o contraste diante de sua soberba, a resposta à idolatria, o Pão diante da fome, o Redentor diante da perda e o Rei diante de todos os falsos senhores.

Sem Cristo, Moabe se tornaria apenas um estudo sobre uma antiga nação.

Mas esse não é o convite deste livro.

O convite é permitir que a Palavra nos examine. Que ela revele onde ainda escolhemos pela vista, onde permanecemos próximos sem pertencer inteiramente, onde nosso coração se tornou indiferente ao povo de Deus, onde o orgulho aprendeu a vestir linguagem espiritual, onde antigos deuses continuam escondidos atrás de coisas legítimas e onde permanecemos repousando sobre borras que o Senhor deseja trazer à luz.

E, ao mesmo tempo, o convite é ouvir a notícia que começa a atravessar essa antiga terra.

Há pão em Belém.

Existe uma graça que chega antes de nossa decisão e uma misericórdia que abre caminho antes de compreendermos toda a estrada. Deus não apenas mostra aquilo que precisa ser deixado. Ele também começa a revelar para onde deseja conduzir-nos.

Há, sim, uma terra da qual é preciso sair.

Mas não somos chamados simplesmente a abandonar Moabe.

Somos chamados para Cristo.

A estrada começa com a exposição daquilo que precisa perder seu governo, passa pela graça que nos encontra onde estamos e segue em direção à casa do pão. E, quando finalmente chegamos a Belém, descobrimos que até Belém era apenas uma direção, porque aquilo para o qual Deus sempre esteve conduzindo Seu povo não era simplesmente uma terra melhor, uma história mais segura ou uma existência mais bem ordenada.

Era Seu Filho.

Era Cristo.

Pablo Aguirre, Belo Horizonte 2026

Capítulo 1

Moabe: aquilo que nasceu de Ló

Há coisas que começam a nascer em nós muito antes de conseguirmos percebê-las. Certas direções do coração se formam silenciosamente, por meio de escolhas que, à primeira vista, parecem práticas, razoáveis ou até legítimas. Contudo, quando essas escolhas deixam de ser governadas pela vontade de Deus e passam a responder ao que os olhos veem, ao que a alma deseja preservar ou ao que o homem natural considera vantajoso, algo começa a se deslocar em nosso interior.

O que mais tarde se manifestará como fruto talvez tenha começado muito antes como uma inclinação discreta, uma preferência não examinada, um desejo de segurança ou uma decisão tomada sem que a vontade de Deus ocupasse verdadeiramente o centro.

Moabe nasceu em uma caverna, numa noite marcada pela embriaguez, pela confusão e pela inconsciência. Mas aquilo que mais tarde receberia o nome de Moabe começou a ser formado muito antes, enquanto Ló ainda caminhava ao lado de Abraão. A caverna apenas tornou visível aquilo que vinha sendo gestado ao longo do caminho.

Antes de existir uma nação chamada Moabe, existiu uma trajetória marcada por escolhas, aproximações e deslocamentos interiores que, pouco a pouco, conduziram Ló para uma vida cada vez mais governada pelo que via do que pela promessa que o havia acompanhado.

Não se trata de atribuir a Ló um significado alegórico fixo, nem de transformar sua história em uma medida pela qual julgamos outras pessoas. Trata-se de reconhecer que a Escritura registra, em sua trajetória, princípios que a velha natureza continua a manifestar: a escolha guiada pela aparência, a busca de segurança para si, a aproximação gradual de um ambiente contrário a Deus e a dificuldade de abandonar aquilo que, embora afligindo a alma, ainda oferece alguma forma de vantagem.

Moabe começa ali: não primeiramente em uma nação distante, mas em uma vida que se aproxima da promessa sem se entregar inteiramente ao Deus da promessa.

Próximo dos altares

Ló não era um estranho à história da fé. Ele não aparece na Escritura como um homem inteiramente alheio ao conhecimento de Deus, nem como alguém que jamais tivesse sido alcançado pela influência de uma vida governada pela promessa. Ele caminhou com Abraão, saiu de sua terra, atravessou lugares marcados pela presença de Deus e viveu próximo de altares.

Mais tarde, Pedro se referiria a ele como “o justo Ló”, acrescentando que sua alma era afligida pelo procedimento iníquo dos habitantes de Sodoma. Essa palavra nos obriga a tratar sua história com sobriedade. Ló não deve ser apresentado como alguém desprovido de toda relação com Deus. Sua alma

não se acomodava completamente à perversidade que o cercava. Havia nele uma consciência tocada pela luz; havia sofrimento diante da corrupção; havia, de algum modo, uma vida que não conseguia fazer plena paz com Sodoma.

E, no entanto, a aflição de Ló não o impediu de permanecer ali.

Esse é um dos aspectos mais dolorosos de sua história. O problema de Ló não era uma completa ausência de relação com Deus, mas algo mais profundo e, por isso mesmo, mais próximo de nós: ele conhecia algo de Deus e havia sido beneficiado pela companhia de Abraão, mas, em momentos decisivos, sua vida continuava sendo conduzida por critérios naturais.

É possível ter conhecido a influência de uma vida espiritual e ainda não viver sob seu governo. É possível ouvir a palavra de Deus sem permitir que ela julgue nossas escolhas. É possível caminhar perto de altares e, ainda assim, não possuir um altar próprio. É possível receber benefícios da fé de outros e continuar tomando decisões a partir da segurança, da aparência, da conveniência e da autopreservação.

O Novo Testamento reconhece essa possibilidade quando Paulo escreve aos coríntios dizendo que não podia falar-lhes como a espirituais, mas como a carnis, como a crianças em Cristo. Eles pertenciam ao Senhor, haviam recebido dons, participado da comunhão da igreja e conhecido a verdade. Contudo, ainda havia neles uma maneira de pensar, escolher e reagir que procedia do homem natural.

A carne não precisa necessariamente negar Deus para manifestar-se. Muitas vezes ela aceita conviver com as coisas de Deus, desde que continue preservando o direito de governar a própria existência. Pode frequentar os lugares da promessa e, ainda assim, medir a vida pela vantagem, pela segurança, pela facilidade, pelo reconhecimento e pelo desejo de preservar-se.

Essa talvez seja uma das formas mais sutis de carnalidade: não a rejeição aberta de Deus, mas a tentativa de mantê-Lo por perto sem entregar-Lhe o centro. O homem natural pode aceitar religião, doutrina, atividade espiritual e até sofrimento por causa de certas convicções, desde que continue sendo ele mesmo a última instância de suas escolhas.

A pergunta, portanto, não é apenas se pertencemos ou não a Deus. A pergunta mais séria é: qual princípio governa nossas escolhas?

A campina bem regada

Essa pergunta se torna especialmente clara em Gênesis 13. Os rebanhos de Abraão e de Ló haviam crescido, os bens se multiplicaram e a terra já não podia sustentá-los juntos. Quando surgiu contenda entre seus pastores, Abraão propôs que se separassem.

Então o texto registra algo aparentemente simples, mas profundamente revelador: Ló levantou os olhos e viu toda a campina do Jordão, que era bem regada. Ele viu uma região fértil, abundante e visivelmente promissora. A campina parecia oferecer tudo aquilo que um homem prudente poderia desejar para

assegurar o futuro de sua casa, de seus rebanhos e de seus bens. O texto chega a dizer que ela era como o jardim do Senhor.

Não há erro em enxergar. A fé não exige desprezo pela realidade concreta, nem nos chama a ignorar circunstâncias, responsabilidades ou necessidades práticas. O problema surge quando aquilo que vemos passa a ocupar o lugar da voz de Deus; quando a aparência das circunstâncias começa a definir, antes da submissão do coração, o que é bom, seguro e desejável.

A região podia lembrar, aos olhos humanos, o jardim do Senhor. Contudo, a semelhança exterior de uma circunstância com a bênção jamais substitui a direção do Senhor.

Uma oportunidade favorável pode parecer confirmação divina. Uma porta aberta pode ser imediatamente interpretada como aprovação. Uma região fértil pode parecer promessa. A ausência de dificuldades pode ser confundida com paz. Contudo, nem tudo aquilo que parece promissor aos olhos naturais procede necessariamente da direção de Deus.

Há momentos em que a aparência é tão convincente que somente uma vida verdadeiramente submetida ao Senhor consegue esperar antes de escolher.

Ló viu, avaliou e escolheu. Abraão, por sua vez, entregou a Deus o direito de definir sua herança. Naquela separação aparecem dois princípios distintos: de um lado, a vida que mede a realidade a partir das circunstâncias; de outro, a vida que permite que a palavra de Deus julgue as circunstâncias.

Um homem procura garantir sua porção por meio daquilo que escolhe. O outro confia que Deus é capaz de mostrar e conceder a porção que lhe cabe.

A carne raramente se apresenta dizendo que deseja rebelar-se contra Deus. Com frequência, ela apenas insiste que precisa cuidar de si mesma. Ela possui razões convincentes e sabe explicar por que determinada perda deve ser evitada, por que certa oportunidade não pode ser recusada, por que um caminho oferece maior estabilidade e por que uma decisão parece prudente.

O homem natural, porém, não se torna espiritual porque suas razões parecem razoáveis. O que determina a natureza de uma escolha não é apenas sua aparência exterior, mas a fonte da qual ela procede.

A vida natural sempre desejará preservar-se; a fé, ao contrário, aprende a entregar-se.

Talvez esse seja o verdadeiro começo de Moabe. Não a caverna, mas o momento em que a autopreservação começou a ocupar um lugar que pertencia à confiança. Ló escolheu aquilo que parecia oferecer segurança, e essa escolha iniciou um movimento que, pouco a pouco, revelaria onde estava o centro de sua vida.

Tendas voltadas para Sodoma

Gênesis registra que Ló foi armando suas tendas até Sodoma. A expressão é solene porque mostra que a decadência espiritual raramente acontece de uma só vez. Existem direções que se estabelecem por aproximações sucessivas.

Primeiro vemos e consideramos. Depois nos aproximamos, começamos a nos acostumar e, quando percebemos, aquilo que antes estava apenas no horizonte tornou-se o ambiente no qual passamos a viver.

Ló não precisou declarar que desejava abandonar a história de Abraão para abraçar Sodoma. Bastou que continuasse escolhendo em determinada direção. A escolha da campina não foi, em si, a conclusão de toda a trajetória; foi o início de um caminho que, pouco a pouco, o levaria até aquela cidade.

Por isso, precisamos olhar não apenas para onde estamos, mas para onde nossas escolhas estão nos conduzindo. Há decisões que ainda não nos colocaram em Sodoma, mas já orientaram nossas tendas para lá.

Essa é uma pergunta necessária diante de Deus: para onde estão apontadas as nossas tendas?

Ela não diz respeito apenas às circunstâncias exteriores, nem trata somente de cidades, trabalhos, relacionamentos ou recursos. Trata da direção profunda de nossos afetos, ambições e esperanças. O que temos escolhido? O que estamos chamando de segurança? Que visão de futuro governa nossas decisões? O que buscamos preservar quando somos chamados a confiar?

O problema espiritual raramente começa quando finalmente entramos em um lugar de afastamento. Ele começa quando o coração aceita uma direção. Podemos permanecer próximos da linguagem da fé, conservar vínculos com pessoas espirituais e continuar participando de ambientes cristãos enquanto nossas escolhas, silenciosamente, passam a organizar-se ao redor de outro centro.

O que hoje é apenas uma inclinação pode amanhã tornar-se uma habitação. E aquilo que se torna habitação começa, pouco a pouco, a formar em nós uma maneira de pensar, reagir e desejar.

Mais tarde, quando os anjos chegaram a Sodoma, encontraram Ló assentado à porta da cidade. A porta da cidade era lugar de relações, negociações e decisões públicas. O fato de Ló estar ali revela, ao menos, que ele já não se encontrava apenas próximo de Sodoma: Sodoma havia se tornado o ambiente de sua vida.

Ainda assim, Pedro declara que sua alma justa era atormentada por aquilo que via e ouvia.

Aqui encontramos uma das condições mais dolorosas da vida espiritual: conhecer suficientemente a Deus para não conseguir encontrar descanso no mundo, mas ainda não viver suficientemente rendido a Ele para abandonar aquilo que nos prende.

O homem nessa condição sofre em dois lugares. O mundo já não pode satisfazê-lo plenamente, porque algo da luz de Deus entrou em sua consciência. Contudo, ele também não desfruta da liberdade de uma

vida inteiramente entregue ao Senhor, porque ainda preserva interesses, vínculos e escolhas que o mantêm ligado àquilo que interiormente o aflige.

Há uma tristeza peculiar na alma que sabe que algo não corresponde ao propósito de Deus, mas continua ali. Ela conhece desconforto sem ruptura, inquietação sem rendição, consciência sem transformação.

Pode reconhecer a superficialidade de uma religião e ainda desejar sua aprovação. Pode perceber a corrupção de uma cultura e continuar medindo seu próprio valor pelos padrões que essa cultura estabelece. Pode sofrer diante de Sodoma e ainda permanecer assentada às suas portas.

A fé de outro não basta

A narrativa de Abraão, por outro lado, é marcada por altares. Quando Deus lhe aparece, ele edifica; quando Deus fala, ele responde; quando se move, leva consigo a memória de um relacionamento renovado diante do Senhor.

De Ló não temos o registro de altares. Isso não significa que ele jamais tenha buscado a Deus, pois a Escritura não nos autoriza a afirmar isso. Mas o silêncio do texto permanece instrutivo: o altar não aparece como marca de sua caminhada.

Um homem pode viver muito tempo perto do altar de outro sem possuir um altar próprio. Pode ser beneficiado pela fé de alguém, viver sob a influência de uma comunidade espiritual, ouvir a verdade, admirar pessoas que conhecem o Senhor e até caminhar ao lado delas por muitos anos. Contudo, chegará o momento em que deverá escolher sozinho. E, quando esse momento vier, aquilo que realmente governa seu coração se manifestará.

Não podemos viver indefinidamente da fé de Abraão. A proximidade com pessoas espirituais não produz automaticamente uma vida espiritual. A verdadeira fé começa a ganhar forma quando o próprio Deus se torna o centro diante do qual nossas decisões são examinadas.

O Senhor não deseja apenas que caminhemos perto de altares. Ele deseja formar em nós uma vida que responda à Sua voz.

Tirado pela misericórdia

Quando o juízo finalmente veio sobre Sodoma, a misericórdia de Deus se revelou de maneira comovente. Os anjos apressaram Ló e sua família, mas o texto diz que ele ainda se demorava. Então aqueles mensageiros o tomaram pela mão, porque o Senhor lhe era misericordioso.

Há algo profundamente consolador e, ao mesmo tempo, humilhante nessa cena. Ló hesita e se demora, mas a misericórdia de Deus não o abandona à própria indecisão. Os mensageiros o tomam pela mão e o conduzem para fora.

Sua saída não é um monumento à força de sua decisão, mas um testemunho da misericórdia divina.

Ainda assim, ser retirado de Sodoma não significava que tudo aquilo que havia sido formado durante aquela trajetória estivesse resolvido. É possível sair de um lugar sem que o lugar tenha saído de nós. Mudanças de circunstância podem ocorrer em um instante, mas transformações interiores exigem a obra profunda de Deus.

Sair de Sodoma não basta quando o princípio que nos levou até ela ainda permanece em nós.

Gênesis registra que Deus se lembrou de Abraão e tirou Ló do meio da ruína. Ló foi alcançado não porque possuísse força suficiente para salvar a si mesmo, mas porque a misericórdia de Deus entrou justamente onde sua própria capacidade já não podia sustentá-lo.

Há nisso um consolo que não deve ser confundido com complacência: a graça não minimiza a gravidade da nossa condição; ela entra onde a condição foi plenamente exposta e faz aquilo que nós mesmos não conseguimos fazer.

A caverna e aquilo que nasceu da carne

Ló termina numa caverna com suas duas filhas. Aquele que escolheu uma campina por ser fértil e bem regada termina sem cidade, sem campos e sem a segurança que imaginava preservar.

O movimento é impressionante: da companhia de Abraão para a planície, da planície para Sodoma, de Sodoma para a fuga e da fuga para uma caverna. A vida que procurou preservar-se por meio daquilo que os olhos viam terminou profundamente empobrecida.

É aqui que as palavras de Cristo lançam luz sobre toda a trajetória: “Quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á.”

O problema fundamental da carne não está apenas em sua capacidade de praticar pecados visíveis, mas em sua determinação em preservar a própria vida. A vida natural deseja existir para si mesma, proteger seus direitos, estabelecer sua segurança, definir seu caminho e conservar seu próprio centro. Pode até aceitar religião, disciplina e linguagem espiritual, desde que não precise passar pela cruz.

Por isso, a palavra de Cristo toca tão profundamente a raiz do homem natural. Ele não veio somente melhorar nossas escolhas ou tornar a velha vida mais prudente. Veio conduzir ao fim a vida que insiste em pertencer a si mesma, para que uma nova vida encontre expressão em nós.

A resposta de Deus à carne não é aperfeiçoamento, mas cruz.

É nesse ponto que chegamos ao nascimento de Moabe. O relato de Gênesis 19 é sombrio e deve ser recebido com reverência. As filhas de Ló, tomadas pelo temor de não terem descendência, embriagaram o

pai e conceberam dele dois filhos. O texto observa que Ló não percebeu quando elas se deitaram nem quando se levantaram.

Essa inconsciência não diminui a gravidade da cena. Pelo contrário, revela uma vida obscurecida e incapaz de discernir a profundidade da ruína à sua volta.

Moabe nasce numa atmosfera de confusão. Ló participa da geração de algo que não percebe estar produzindo. A caverna expõe o fruto final de uma trajetória em que a vida natural buscou preservar-se por seus próprios recursos, sem descansar plenamente na palavra e na direção de Deus.

Há frutos que a carne produz em nós enquanto estamos espiritualmente adormecidos para o que está acontecendo. Há padrões que se formam sem que percebamos sua profundidade; escolhas que se repetem até se tornarem caráter; valores que transmitimos; atmosferas que criamos; hábitos que legitimamos; e maneiras de viver que reproduzimos enquanto nossa consciência espiritual permanece obscurecida.

Às vezes, apenas muito mais tarde percebemos que aquilo que parecia um episódio se transformou em herança e que aquilo que começou como concessão tornou-se uma realidade estabelecida.

Gênesis não deixa aquela noite limitada à tragédia particular de uma família. Ao nomear Moabe como pai dos moabitas, a Escritura mostra que aquilo que não é tratado pode ultrapassar uma geração. Isso não significa que toda falha pessoal produza automaticamente um destino inevitável para os que vêm depois, pois a graça de Deus não está limitada por nossa história.

A narrativa, contudo, nos adverte de que disposições não julgadas tendem a reproduzir-se. Uma carnalidade pessoal pode tornar-se cultura coletiva. Uma concessão pode transformar-se em tradição. Uma escolha natural pode, com o tempo, receber linguagem espiritual e ser transmitida como se sempre tivesse pertencido ao propósito de Deus.

Por isso, precisamos permitir que o Senhor examine não apenas aquilo que fazemos, mas aquilo que estamos gerando.

Jesus disse: “O que é nascido da carne é carne.” Essa palavra não admite exceções.

Não importa quão próxima da fé esteja a pessoa que produziu aquilo, nem que Ló tenha caminhado com Abraão, conhecido algo de Deus, sido chamado justo por Pedro ou retirado de Sodoma pela misericórdia. Aquilo que nasce da carne permanece carne, e nenhuma quantidade de linguagem religiosa pode transformar sua natureza.

Se Moabe deve servir-nos como figura ao longo deste livro, ele precisa começar aqui: não numa nação distante, mas na velha natureza que ainda procura sobreviver em nós. Há em cada um de nós algo que prefere andar pelo que vê; algo que busca a campina bem regada; algo que mede a bondade de Deus pela facilidade do caminho; algo que deseja preservar seus próprios interesses; e algo que gostaria de seguir o Senhor sem entregar completamente o governo da vida.

Essa realidade se torna ainda mais perigosa quando consegue conviver com a linguagem espiritual, porque então deixa de parecer carnal. Pode frequentar os lugares da promessa e, ainda assim, continuar sendo governada por si mesma.

Moabe não é, neste livro, um nome para lançarmos sobre outros. É um chamado para que o Espírito de Deus ilumine aquilo que ainda procede da velha natureza em nós. É a exposição de uma vida que permanece próxima o bastante para conhecer a linguagem de Abraão, mas independente o bastante para escolher sua própria campina.

Cristo e a cruz

Cristo, entretanto, não veio apenas para nos retirar de Sodoma. Ele veio tratar a raiz de onde Moabe nasce. A obra da cruz alcança mais profundamente do que nossos pecados exteriores, porque toca o próprio princípio de independência que sustenta o velho homem.

O Filho de Deus não viveu para preservar-Se. Não escolheu segundo a conveniência, nem foi governado pela aparência. Sua vida inteira foi entregue ao Pai.

“Eu não procuro a minha própria vontade, e sim a daquele que me enviou.”

Nele encontramos o contraste absoluto com Ló.

Onde o homem natural busca preservar-se, Cristo se entrega. Onde o homem natural escolhe segundo o que vê, Cristo vive por aquilo que ouve do Pai. Onde a carne procura sua própria segurança, o Filho encontra Seu descanso em fazer a vontade de Deus.

Ele não veio para ensinar a velha natureza a escolher melhor, mas para tornar-Se, em nós, a fonte de uma vida inteiramente nova.

Esse é o objetivo de toda verdadeira obra espiritual: não apenas impedir que caminheemos para Sodoma, mas formar Cristo em nós. Deus não deseja simplesmente produzir cristãos mais prudentes, disciplinados ou religiosos. Seu propósito é conformar-nos à imagem de Seu Filho, e isso exige que aquilo que procede da vida natural seja trazido à luz da cruz.

Não basta mudar a direção exterior das tendas se o princípio interior continua intacto. Não basta abandonar a planície se ainda somos governados pelos mesmos olhos. Não basta sair de Sodoma se ainda carregamos em nós aquilo que nos levou a desejá-la.

A graça de Deus não ignora a velha natureza; ela a leva à cruz. E é exatamente nesse ponto que começamos a compreender que o chamado cristão não consiste em aperfeiçoar Ló, nem em tornar Moabe mais aceitável.

Deus está formando algo que não procede de Ló, não procede de Moabe e não procede de nós mesmos. Ele está formando Cristo em nós.

Mesmo numa história marcada por escolhas naturais, confusão e consequências dolorosas, a soberania de Deus não desaparece. Deus conhece a origem, conhece as fraquezas, conhece as ruínas e ainda assim permanece Senhor sobre a história.

Isso se tornará ainda mais evidente quando chegarmos a Rute.

Por enquanto, é suficiente perceber que a origem não precisa ser o destino. Aquilo que nasceu da carne pode explicar muitos aspectos de nossa história, mas não precisa possuir a palavra final sobre ela. A graça é capaz de interromper a continuidade do velho homem e introduzir-nos numa vida cuja fonte já não está em nós, mas em Cristo.

Antes de encontrarmos Balaque, Balaão, Quem os ou as palavras severas de Jeremias, precisamos permanecer diante dessa origem.

Moabe nasceu de Ló.

Antes de existir uma nação marcada por soberba, indiferença, idolatria e repouso sobre suas borras, houve um homem que caminhou perto de Abraão, conheceu algo da misericórdia de Deus, mas permitiu que seus olhos naturais governassem decisões decisivas.

Suas tendas apontaram numa direção.

E toda direção, cedo ou tarde, produz fruto.

Talvez, portanto, a pergunta mais importante deste primeiro capítulo não seja quem foi Ló, mas onde Ló ainda permanece em nós.

Onde continuamos julgando a vontade de Deus pela aparência? Onde confundimos prosperidade com aprovação? Onde a necessidade de preservar nossa vida ainda fala mais alto que a voz do Senhor? Onde nossas tendas já começaram a apontar para uma direção que o Espírito silenciosamente nos mostra não corresponder ao propósito de Deus?

Porque Moabe não nasce primeiro fora de nós.

Ele nasce onde a vida natural continua procurando preservar-se; onde o eu ainda reivindica o direito de escolher sua própria campina; onde a vontade de Deus é admitida, mas não ocupa inteiramente o centro.

E é exatamente ali que Cristo nos chama para a cruz.

↓ zorobabel

Capítulo 2

Uma proximidade sem pertencimento

Há proximidades que podem enganar o coração. É possível caminhar perto daquilo que Deus está fazendo, conhecer sua linguagem, admirar seus frutos, receber benefícios de sua influência e, ainda assim, não viver debaixo do mesmo princípio que sustenta essa realidade.

A proximidade pode produzir familiaridade, informação, admiração e até participação exterior. Mas nenhuma dessas coisas, por si só, constitui comunhão, revelação, rendição ou pertencimento.

Há uma diferença entre tocar a história da fé e permitir que o Deus dessa história conquiste o centro da vida.

Ló nos oferece uma advertência silenciosa justamente nesse ponto. Ele não desconhecia Abraão, nem vivia alheio à promessa. Saiu com ele, peregrinou ao seu lado, atravessou regiões marcadas pela presença de Deus e conviveu com um homem cuja vida havia sido tomada pela fé.

Viu altares sendo levantados. Viu o nome do Senhor ser invocado. Viu a mão de Deus sustentando um peregrino que não possuía cidade permanente, mas vivia sustentado pela palavra de Deus, embora aquilo que ela anunciava ainda não tivesse se cumprido plenamente.

Ló não ouviu apenas relatos sobre fé. Caminhou ao lado de alguém cuja vida havia sido governada por ela.

E, no entanto, quando chegou o momento de decidir, escolheu para si.

Esse contraste precisa permanecer diante de nós. Alguém pode tocar profundamente a história da fé sem permitir que o princípio dessa fé governe suas próprias escolhas. Pode reconhecer que Deus está agindo, respeitar aqueles que foram chamados, receber luz suficiente para admirar o testemunho de outros e, ainda assim, continuar tratando a si mesmo como referência final.

Há uma diferença entre acompanhar Abraão e compartilhar a fé de Abraão.

Próximo da promessa

A obra de Deus alcança o indivíduo, mas jamais se encerra nele. Quando chamou Abraão, o Senhor estava iniciando uma história de promessa que alcançaria famílias, gerações e povos, até encontrar seu cumprimento final em Cristo.

Ló foi alcançado pela proximidade dessa história. Saiu de Harã com Abraão, peregrinou ao seu lado e prosperou enquanto permanecia ligado exteriormente àquele sobre quem repousava a promessa de Deus.

Isso nos revela algo importante: há pessoas que recebem os efeitos de uma realidade espiritual que ainda não se tornou, em profundidade, o governo de suas próprias vidas. Podemos desfrutar da sombra de uma

obra de Deus, ser fortalecidos por ambientes onde Sua presença é honrada, alimentar-nos de verdades anunciadas por outros e encontrar proteção na fé de uma comunidade, sem que o Senhor tenha conquistado interiormente aquilo que ainda preservamos para nós mesmos.

Não basta, portanto, sermos alcançados pelos frutos de uma obra de Deus. É necessário render-nos ao Deus que realiza essa obra.

Esse é um perigo que acompanha toda herança espiritual. Podemos conhecer testemunhos, doutrinas, nomes, acontecimentos e palavras que marcaram gerações. Podemos valorizar uma visão bíblica, conservar expressões que nasceram em tempos de verdadeiro avivamento e até defender com zelo aquilo que recebemos.

Contudo, a pergunta mais importante nunca será quanto conhecemos da história da fé, mas se essa história nos conduziu a Cristo.

Toda verdadeira história espiritual possui um centro. E esse centro não é um homem, uma tradição, uma experiência, uma comunidade ou uma obra. O centro é Cristo.

Deus não preserva um testemunho para produzir admiradores do testemunho. Ele o preserva para tornar Seu Filho conhecido. A promessa dada a Abraão não terminava em Abraão; o altar não terminava no altar; a peregrinação não terminava na peregrinação. Tudo apontava para algo maior: para o propósito de Deus de fazer convergir todas as coisas em Seu Filho.

Por isso, aproximar-se da história da fé sem ser levado ao centro para o qual ela aponta é perder seu significado mais profundo.

Ló esteve perto da promessa, mas essa proximidade não se tornou pleno governo da promessa sobre sua vida. Ele saiu com Abraão, mas existe uma diferença entre sair porque outro foi chamado e viver porque a palavra de Deus se tornou pessoalmente absoluta para nós.

Ninguém pode viver para sempre por empréstimo diante do Senhor.

A fé de Abraão não podia substituir a resposta de Ló. O altar de Abraão não podia ocupar o lugar de uma relação pessoal com Deus. A direção dada a Abraão não podia, indefinidamente, justificar uma vida ainda governada por critérios próprios.

Chega o momento em que cada homem precisa encontrar-se diante de Deus sem poder esconder-se atrás da história de outro.

E esse momento nem sempre aparece em acontecimentos extraordinários. Muitas vezes, surge em decisões comuns: no uso de recursos, na maneira como tratamos irmãos, na disposição de perdoar, na reação diante da perda, na forma como lidamos com o medo ou na escolha entre preservar nossos interesses e obedecer a uma direção de Deus que nos custa algo.

É nessas horas que se revela se apenas conhecemos a promessa ou se a promessa passou a governar nossa vida.

Ló podia recordar tudo o que havia vivido com Abraão. Mas, quando precisou escolher, a campina bem regada pareceu-lhe mais concreta do que a realidade da promessa sob cuja sombra ele havia caminhado.

Aquilo que se vê sempre parece mais imediato do que aquilo que se crê. A segurança visível parece mais sólida do que uma herança ainda não recebida. A fé, porém, não consiste em negar aquilo que os olhos veem, mas em recusar que os olhos tenham a palavra final.

Abraão não enxergava um futuro mais seguro do que Ló. Ele apenas conhecia Aquele que lhe havia falado. E, quando a palavra de Deus governa o coração, aquilo que ainda não vemos pode tornar-se mais seguro do que aquilo que as circunstâncias oferecem.

A herança e a Fonte

Existe um perigo em toda herança espiritual: aquilo que recebemos por meio de outros pode transformar-se em substituto para uma relação viva com Deus.

Israel conheceu esse perigo repetidas vezes. A terra que deveria testemunhar a fidelidade do Senhor podia tornar-se apenas patrimônio. O templo que deveria apontar para Sua habitação podia ser preservado como símbolo, mesmo quando os corações estavam longe dEle. Os sacrifícios podiam continuar, as festas podiam ser observadas e a linguagem da aliança podia ser repetida enquanto a realidade da obediência já havia se perdido.

Os meios nunca foram o fim. As formas que Deus concede existem para conduzir o coração àquilo que elas testemunham, e não para encerrar o olhar em si mesmas.

Esse perigo acompanha também a Igreja. Podemos receber uma tradição preciosa, conhecer homens e mulheres que serviram a Deus com fidelidade, preservar uma visão bíblica e conservar expressões que nasceram de verdadeira experiência espiritual; e, ainda assim, perder a realidade da qual tudo isso procedeu.

A herança pode permanecer quando a Fonte já não é buscada.

Podemos defender a verdade sem permitir que ela nos julgue. Podemos falar da cruz sem aceitar seu trabalho em nós. Podemos confessar a centralidade de Cristo e organizar, na prática, a vida ao redor de nossos próprios interesses. Podemos citar homens que conheceram profundamente a Deus sem viver com a mesma dependência, o mesmo temor e a mesma disposição para obedecer.

Nada é mais triste do que conservar a linguagem de uma realidade que já não governa o coração.

Quando isso acontece, a herança deixa de produzir humildade e passa a alimentar identidade. O homem natural transforma até mesmo uma verdade elevada em algo que pode possuir e utilizar para distinguir-se dos outros.

Começa a dizer, ainda que não com essas palavras, que possui uma visão, uma história, uma compreensão ou uma herança especial.

Mas o propósito de toda revelação verdadeira não é fazer-nos sentir que possuímos algo. É levar-nos a reconhecer que Cristo nos possui.

O centro da fé não é aquilo que recebemos, mas Aquele de quem tudo recebemos.

Por isso, a linguagem de Abraão nunca poderá substituir a fé de Abraão. Podemos aprender a falar sobre promessa e continuar recusando a condição de peregrinos. Podemos conhecer o valor do altar sem permitir que Deus toque aquilo que precisa ser colocado sobre ele. Podemos admirar a fé enquanto continuamos escolhendo segundo a vista.

A linguagem espiritual, por si só, não é prova de vida espiritual.

Podemos dizer “Senhor” e ainda preservar áreas sobre as quais não permitimos Seu governo. Podemos falar de confiança enquanto somos dirigidos pelo medo. Podemos confessar que Deus é suficiente e, ao mesmo tempo, organizar toda a existência ao redor de garantias que tornam a dependência dEle desnecessária.

A Palavra não foi dada apenas para aumentar nosso vocabulário. Ela foi dada para alcançar, expor, separar e transformar. Quando Deus fala, não deseja apenas que compreendamos uma verdade, mas que essa verdade nos conduza a uma nova posição diante dEle.

Aqueles que pertencem verdadeiramente à história da fé não são simplesmente os que conseguem repetir suas expressões mais elevadas. São os que se permitem ser conduzidos pelo Deus que falou nela.

Quando o centro se perde

Quando Cristo deixa de ocupar o centro, a proximidade transforma-se em independência. A pessoa permanece perto o bastante para conhecer a linguagem, mas distante o bastante para escolher sua própria campina. Deseja os benefícios da promessa, mas não aceita o custo da entrega. Procura abrigo perto do altar, mas não permite que o altar toque aquilo que mais deseja preservar.

Essa condição pode permanecer escondida por muito tempo. Enquanto há abundância, movimento e aparência de bênção, a diferença entre Abraão e Ló nem sempre é facilmente percebida. Ambos possuíam rebanhos, servos, tendas e uma história de peregrinação.

Mas chega o dia em que a terra já não comporta os dois. Então, a pressão revela aquilo que a abundância escondia. Gênesis registra que seus bens haviam crescido de tal maneira que a terra já não os podia sustentar juntos. A prova não cria necessariamente a condição do coração. Muitas vezes, apenas a revela.

Talvez esse seja um dos grandes serviços das crises em nossa vida. Elas retiram de nós a possibilidade de esconder-nos atrás de hábitos, fórmulas e aparências. Quando aquilo que sustentava nossa segurança exterior é abalado, vemos com maior clareza onde nossa confiança realmente repousava.

Deus não necessita dessas circunstâncias para descobrir quem somos, pois Ele já conhece o coração. Nós é que precisamos delas, muitas vezes, para enxergar aquilo que ainda não havíamos reconhecido em nós.

A contenda entre os pastores de Abraão e Ló não foi apenas um problema de espaço. Tornou-se o lugar no qual dois princípios se manifestaram.

Abraão entregou sua causa ao Senhor.

Ló escolheu para si.

Um permaneceu dependente da promessa. O outro seguiu para a campina.

A história de Moabe faz reaparecer, em outra escala, princípios já visíveis na trajetória de Ló: uma proximidade histórica com a promessa que não se converte em identificação com o propósito de Deus.

Não devemos reduzir Moabe a uma simples repetição de Ló. Contudo, sua história deixa reaparecer princípios que a narrativa de Ló já havia exposto: parentesco sem comunhão, proximidade sem rendição e interesse próprio diante do agir de Deus.

A descendência de Ló estaria historicamente próxima de Israel, ligada a ele por parentesco e pela providência de Deus. O próprio Senhor ordenou a Israel que não contendesse com Moabe, pois havia concedido Ar aos descendentes de Ló como possessão.

Contudo, quando Israel atravessasse o deserto, Moabe não sairia ao seu encontro com pão e água. Ao perceber a aproximação do povo de Deus, não reconheceu o agir do Senhor; viu nesse povo uma ameaça e chamou Balaão para amaldiçoá-lo.

Há uma sobriedade necessária nesse contraste. A proximidade de Moabe com Israel não se transformou em identificação com a obra de Deus. O parentesco não produziu comunhão. A memória de uma origem comum não gerou amor pelo povo que Deus conduzia.

Essa será uma das marcas trágicas de Moabe ao longo das Escrituras: estar perto o suficiente para conhecer a história, mas distante o suficiente para não participar de seu centro.

Cristo, o verdadeiro centro

Toda essa história nos conduz, por contraste, à pessoa de Cristo. O Senhor Jesus não tocou apenas a história da fé. Ele é o centro dela.

Não viveu sustentado por uma promessa recebida de segunda mão, pois Ele é o Filho em quem todas as promessas de Deus encontram seu cumprimento. Seu relacionamento com o Pai era a fonte de cada palavra, de cada movimento e de cada decisão.

Ele não veio para preservar Sua própria conveniência, construir um nome para Si mesmo ou escolher aquilo que oferecia maior segurança natural. Quando foi tentado no deserto, recusou usar Seu poder para atender à necessidade natural fora da vontade do Pai. Quando quiseram fazê-Lo rei, retirou-Se. Quando Pedro tentou afastá-Lo do caminho da cruz, rejeitou a sugestão de uma glória sem entrega.

E, quando chegou a hora do cálice, não viveu para preservar-Se.

O Filho viveu inteiramente para a vontade do Pai.

Cristo não é apenas o oposto de Ló. Ele é a resposta de Deus para tudo aquilo que Ló revela em nós.

Onde Ló se aproxima da promessa sem permitir que ela governe plenamente suas escolhas, Cristo vive em perfeita submissão ao Pai. Onde Ló mede a vida pelo que vê, Cristo vive pelo que ouve. Onde Ló procura assegurar sua porção, Cristo entrega tudo nas mãos de Deus. Onde Ló permanece em Sodoma, embora sua alma seja atormentada por ela, Cristo entra no mundo sem jamais pertencer ao princípio do mundo.

E, pela cruz, esse Cristo torna-Se nossa vida.

Deus não nos chama a admirar a obediência do Filho como uma realidade que permanece fora de nós. Ele nos chama a participar de Sua vida, para que a disposição que estava em Cristo comece a governar-nos.

A obra de Deus não consiste em fazer-nos melhores acompanhantes de Abraão. Consiste em tirar-nos da vida que apenas acompanha e introduzir-nos na vida que procede de Cristo.

Esse é o verdadeiro pertencimento: não uma relação exterior com a história da fé, mas uma união interior com Aquele que é o centro de toda a fé.

A pergunta final

Por isso, a pergunta final não pode ser respondida por nossa proximidade com coisas santas. Não basta dizer que conhecemos a verdade, que tivemos contato com pessoas espirituais, que pertencemos a uma tradição, que frequentamos determinados ambientes ou que fomos alcançados por períodos em que a mão de Deus esteve claramente sobre nós.

A pergunta é outra:

Cristo ocupa verdadeiramente o centro?

Ele possui apenas um lugar em nossa vida ou possui o governo dela? É consultado apenas quando as circunstâncias se tornam difíceis ou define, desde o princípio, a maneira como avaliamos toda circunstância? É reconhecido como Salvador, mas mantido à distância quando deseja ser Senhor? É admirado por Sua fidelidade, mas recusado quando Sua cruz toca nossa necessidade de preservar-nos?

Podemos estar perto de Abraão e ainda escolher a campina.

Podemos viver perto de altares e ainda não permitir que Deus tenha acesso ao que carregamos dentro das tendas.

Podemos conhecer a linguagem da promessa e continuar vivendo sob outro princípio.

Mas Deus não nos chama apenas para perto.

Ele nos chama para dentro de uma vida cuja fonte é Cristo; para dentro de Seu propósito; para dentro de Sua comunhão com o Pai; para dentro de uma realidade que já não se sustenta em nossa herança, em nossa capacidade ou em nossa proximidade exterior, mas na vida do Filho comunicada a nós pelo Espírito.

A proximidade pode colocar-nos diante do testemunho.

Pode fazer-nos ouvir palavras verdadeiras.

Pode permitir que contemplemos os frutos de uma obra que Deus levantou.

Mas somente Cristo pode tornar-Se em nós a realidade para a qual esse testemunho sempre apontou.

Capítulo 3

Quando deixamos de nos importar com o povo de Deus

Há uma diferença profunda entre reconhecer que Deus existe e amar aquilo que Deus ama. Podemos conhecer algo de Sua história, confessar Sua soberania, lembrar Suas promessas e até desfrutar de benefícios que procedem de Sua providência, sem que o coração tenha sido verdadeiramente conquistado pelos interesses que ocupam o coração do próprio Deus. E talvez poucas coisas revelem isso de maneira tão clara quanto nossa relação com Seu povo.

Moabe não era alheio à história de Israel. Não se tratava de uma nação completamente estranha à história da promessa. Moabe descendia de Ló (Gn 19:36–37); Israel, de Abraão, Isaque e Jacó (Gn 12:1–3; 21:12; 28:13–15). Havia entre ambos um parentesco distante, uma origem que os colocava, de maneiras diferentes, sob a sombra da mesma história. O próprio Senhor reconheceu essa relação quando ordenou a Israel que não molestasse Moabe nem contendesse com ele por sua terra, pois havia concedido Ar aos descendentes de Ló como possessão (Dt 2:9).

A providência de Deus para com Moabe torna sua atitude posterior ainda mais solene. Aquele povo havia recebido uma porção pela própria determinação do Senhor (Dt 2:9), mas, quando viu aproximar-se o povo que Deus conduzia, não reconheceu nessa aproximação uma oportunidade de servir. Deuteronômio preservou para as gerações uma acusação aparentemente simples: Moabe não saiu ao encontro de Israel com pão e água no caminho (Dt 23:3–4). Não lhe foi exigido um grande feito. Não se esperavam palácios, riquezas ou alianças extraordinárias. Pão e água eram o mínimo oferecido a um peregrino cansado, a expressão elementar de que sua necessidade havia sido percebida e de que sua passagem não era indiferente aos olhos de quem o recebia.

Contudo, Deus considerou aquela omissão digna de memória. E, ao lado dela, a Escritura acrescenta algo ainda mais grave: Balaque, rei de Moabe, contratou Balaão para amaldiçoar Israel (Nm 22:2–6; Dt 23:4–5; Js 24:9–10).

Há uma progressão espiritual nessa sequência que merece nossa atenção. Primeiro, Moabe não oferece aquilo que poderia sustentar o povo no caminho. Depois, procura aquilo que poderia detê-lo. A indiferença torna-se oposição. O povo que antes simplesmente não despertava compaixão passa a ser percebido como ameaça.

Talvez esse seja um dos caminhos mais silenciosos pelos quais o coração se afasta do coração de Deus. Raramente começamos desejando o mal ao Seu povo. Primeiro, apenas deixamos de nos importar. A necessidade dos irmãos já não nos toca como antes. A situação de outras comunidades deixa de nos levar à oração. O avanço do testemunho de Cristo em lugares que não controlamos desperta mais suspeita do que

alegria. Lentamente, o Corpo deixa de ser algo que carregamos diante de Deus e passa a ser apenas uma realidade exterior à nossa própria vida.

Paulo conhecia um espírito inteiramente diferente. Depois de mencionar sofrimentos, perigos, prisões, açoites e perseguições, escreveu acerca daquilo que diariamente pesava sobre ele: “a preocupação com todas as igrejas” (2Co 11:23–28). Em seguida, acrescentou: “Quem enfraquece, que também eu não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu não me inflame?” (2Co 11:29). O coração daquele homem havia sido alargado pelo próprio interesse de Cristo. O estado das igrejas não lhe era uma questão periférica. A fraqueza de um irmão o alcançava, o tropeço de outro acendia nele uma santa inquietação. A vida de Cristo havia rompido as fronteiras estreitas do interesse pessoal.

É possível possuir uma vida cristã muito organizada e, ainda assim, ter um coração pequeno demais para o Corpo de Cristo. Podemos cuidar de nossa família, nosso trabalho, nossa comunidade, nosso ministério, nossos projetos e nossa própria caminhada espiritual, enquanto quase nada em nós se move diante do estado mais amplo da Igreja. Continuamos ocupados com coisas legítimas, mas o interesse de Cristo por Seu povo deixa de produzir peso em nosso espírito. Paulo, porém, descreveu a Igreja como um Corpo no qual, “se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos se regozijam” (1Co 12:26–27).

Quando isso acontece, algo de Moabe começa a aparecer.

Quando o povo de Deus se torna uma ameaça

Quando Balaque viu Israel aproximar-se, sua primeira reação foi medo. Números registra que Moabe temeu grandemente aquele povo e ficou angustiado por causa dos filhos de Israel (Nm 22:2–4). Balaque não discerniu primeiramente um povo que havia sido libertado da escravidão pela mão de Deus (Êx 12:31–42) e que estava sendo conduzido pelo Senhor através do deserto (Êx 13:21–22; Dt 1:30–33). Viu uma multidão capaz de alterar o equilíbrio da região, uma presença que talvez interferisse em sua segurança e em seu território.

O homem natural possui uma grande dificuldade em contemplar o agir de Deus sem perguntar primeiro como esse agir afetará aquilo que considera seu.

Quando ouvimos que Deus está usando outras pessoas, levantando outro testemunho, visitando outra comunidade ou concedendo graça a uma obra sobre a qual não possuímos qualquer influência, o que acontece dentro de nós? Conseguimos simplesmente alegrar-nos porque Cristo está sendo conhecido? João Batista demonstrou esse espírito quando, informado de que muitos estavam indo a Jesus, respondeu: “Convém que Ele cresça e que eu diminua” (Jo 3:26–30). Paulo também pôde alegrar-se porque Cristo estava sendo anunciado, mesmo quando alguns o faziam por motivos inadequados (Fp 1:15–18).

Somos capazes de reconhecer o que procede de Deus mesmo quando não confirma nossas preferências, não amplia nossa visibilidade e não passa pelas estruturas que construímos?

Ou começamos imediatamente a medir, comparar e proteger?

Há uma maneira de olhar para o povo de Deus que procura discernir Cristo, e há outra que procura preservar a si mesma. A primeira pergunta: **“Como posso cooperar com aquilo que pertence ao Senhor?”** A segunda pergunta: **“Como isso afetará aquilo que considero meu?”**

A primeira produz pão e água.

A segunda, cedo ou tarde, procura Balaão.

Esse princípio é particularmente perigoso porque pode esconder-se atrás de palavras espirituais. A autopreservação pode chamar a si mesma de prudência. A rivalidade pode apresentar-se como discernimento. O medo de perder espaço pode receber o nome de zelo pela verdade. A necessidade de controlar pode ser justificada como responsabilidade.

Somente a luz de Deus consegue separar essas coisas em nosso coração. A Palavra é capaz de discernir “os pensamentos e propósitos do coração”, expondo aquilo que nossos próprios argumentos frequentemente escondem de nós mesmos (Hb 4:12–13).

Pão e água no caminho

Há algo profundamente belo na simplicidade daquilo que Moabe recusou. Pão e água não impressionam. Não produzem reputação. Não oferecem ao doador a sensação de estar realizando algo extraordinário. São apenas sustento para quem precisa continuar andando.

Talvez por isso sejam uma figura tão apropriada do verdadeiro cuidado pelo povo de Deus.

O Senhor vê aquilo que quase ninguém vê. Jesus falou do copo de água oferecido a um de Seus pequenos e declarou que tal gesto não perderia sua recompensa (Mt 10:40–42; Mc 9:41). A Escritura também exorta os santos a praticarem a hospitalidade, repartirem com os necessitados e lembrarem daqueles que sofrem (Rm 12:13; Hb 13:1–3; 1Pe 4:9–10). Deus vê o irmão cansado que encontra acolhimento, a intercessão que ninguém conhecerá, os recursos repartidos sem publicidade, a mesa aberta, o tempo oferecido para ouvir e a palavra de consolo pronunciada sem qualquer interesse de retorno.

A comunhão cristã não é provada apenas por grandes declarações sobre unidade. Ela se torna visível quando a vida que recebemos de Cristo nos move em direção aos membros de Seu Corpo. João foi muito direto ao afirmar que não podemos amar a Deus, a quem não vemos, enquanto deixamos de amar o irmão que vemos (1Jo 4:20–21). Também escreveu que o amor não deveria permanecer apenas em palavras, mas manifestar-se “de fato e de verdade” (1Jo 3:16–18).

Podemos confessar que existe um só Corpo (Ef 4:4) e ainda viver de maneira profundamente individualista. Podemos afirmar que Cristo é a Cabeça da Igreja (Ef 1:22–23; Cl 1:18) e continuar tratando nossas comunidades como propriedades particulares. Podemos falar de comunhão enquanto

nossos recursos, nossos relacionamentos, nossos púlpitos e nossas mesas existem quase exclusivamente para preservar aquilo que chamamos de nosso.

O amor de Cristo, porém, sempre encontra alguma forma de tornar-se concreto. Ele carrega, recebe, reparte e sustenta. Paulo exorta: “Levai as cargas uns dos outros” (Gl 6:2), e Pedro chama os crentes a servirem uns aos outros segundo o dom recebido (1Pe 4:10). Não porque todos os irmãos estejam sempre certos, nem porque toda expressão religiosa deva ser aprovada indistintamente, mas porque existe uma diferença entre discernir erros e deixar de amar o povo do Senhor.

O discernimento que procede do Espírito nunca encontra prazer na ruína dos irmãos. Pode ser firme, mas sofre. Pode confrontar, mas deseja restauração. Paulo, ao tratar do irmão surpreendido em alguma falta, ordenou que os espirituais o restaurassem “com espírito de mansidão” (Gl 6:1). O objetivo da disciplina bíblica não é a destruição, mas, sempre que possível, a restauração (Mt 18:15; 2Co 2:6–8).

A ausência de amor não se torna espiritual simplesmente porque aprendemos a chamá-la de discernimento.

Da indiferença à oposição

Existe uma lógica terrível na atitude de Moabe. Aquilo que não foi recebido com pão e água acabou sendo enfrentado por meio de uma maldição (Dt 23:4–5).

Quando deixamos de nos importar com algo que pertence a Deus, tornamo-nos cada vez menos capazes de discernir seu verdadeiro valor. Primeiro nos afastamos emocionalmente. Depois começamos a interpretar com suspeita. Finalmente, aquilo que Deus está fazendo passa a incomodar porque já não cabe nos limites de nossos próprios interesses.

É possível não perseguir abertamente o povo de Deus e ainda assim não amá-lo. É possível jamais pronunciar uma palavra de maldição e, interiormente, desejar que determinada obra não avance, que certa pessoa não seja tão usada, que outra comunidade não prospere ou que aquilo que não podemos controlar permaneça pequeno.

Não há no coração de Deus lugar para esse tipo de rivalidade. Paulo condenou explicitamente as divisões que levavam uns a dizer “eu sou de Paulo”, outros “eu, de Apolo”, lembrando que Paulo e Apolo eram apenas servos e que era Deus quem dava o crescimento (1Co 3:4–7). Mais adiante, ele resume tudo dizendo: “tudo é vosso, e vós, de Cristo, e Cristo, de Deus” (1Co 3:21–23).

Quando Saulo perseguia os discípulos, o Senhor Jesus não perguntou por que ele perseguia “eles”. Perguntou: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (At 9:4–5). Cristo estabeleceu uma identificação tão profunda com os Seus que tocar neles significava tocar nEle.

Essa realidade deveria produzir temor em nós.

Não podemos afirmar que amamos a Cabeça enquanto tratamos com desprezo os membros. Não podemos honrar Cristo e permanecer indiferentes àquilo que Ele chama de Seu Corpo (1Co 12:12–27; Ef 1:22–23). O amor pelo povo de Deus não é um tema secundário da vida cristã. Ele nasce da própria união com Cristo.

Isso não significa substituir a verdade por sentimentalismo. A Igreja precisa de discernimento, correção e disciplina (Mt 18:15–17; Tt 1:9–11; Jd 3). Mas toda correção verdadeira nasce do mesmo coração que levou Cristo a entregar-Se pela Igreja. Ele amou a Igreja e a Si mesmo Se entregou por ela, para santificá-la e purificá-la (Ef 5:25–27).

O espírito de Moabe aparece quando aquilo que pertence a Deus deixa de ser precioso para nós porque não pertence a nós.

A soberba dos territórios

Há ainda outro elemento na história de Moabe que precisa ser considerado. Deus havia dado aos moabitas uma terra e ordenara expressamente a Israel que não a tomasse (Dt 2:9). Moabe possuía limites estabelecidos pela própria providência divina. Não precisava viver sob o medo de que Deus agisse injustamente consigo.

Mesmo assim, a aproximação de Israel despertou temor (Nm 22:2–4).

Esse fato revela algo sobre o coração natural: ele dificilmente descansa naquilo que recebeu. Precisa proteger, controlar, assegurar e, muitas vezes, ampliar seu domínio. O problema não está em possuir uma responsabilidade ou reconhecer limites legítimos, mas em transformar aquilo que Deus confiou em propriedade pessoal.

Esse perigo é especialmente sutil na obra cristã. Deus distribui dons e serviços segundo Sua própria vontade (Rm 12:3–8; 1Co 12:4–11), e aquilo que foi recebido deveria produzir gratidão, humildade e senso de mordomia. Pedro escreve que cada um deve servir aos outros como “bom despenseiro da multiforme graça de Deus” (1Pe 4:10). Contudo, aquilo que foi recebido para servir pode lentamente transformar-se em território.

O encargo torna-se identidade.

O serviço torna-se posse.

A responsabilidade torna-se poder.

E começamos a tratar como nosso aquilo que sempre pertenceu ao Senhor.

Os dons pertencem ao serviço do Corpo (1Co 12:7; Ef 4:11–16). As pessoas pertencem a Cristo (1Co 3:21–23). Os recursos pertencem a Deus (1Cr 29:11–14). O testemunho pertence ao Filho (Ap 1:2,9; 19:10).

Quando esquecemos isso, outras expressões da graça começam a parecer ameaçadoras. Alegremo-nos com o crescimento do Reino enquanto esse crescimento não altera nossa posição. Celebramos a unidade enquanto ela não exige que abramos mão de nossa centralidade. Confessamos Cristo como Cabeça, mas ainda desejamos que tudo passe por nossas mãos.

A soberba espiritual não aparece apenas no desejo de ser maior. Muitas vezes, manifesta-se no desejo de permanecer intocável.

O povo que Deus conduz

Israel estava longe de ser um povo ideal. Sua passagem pelo deserto foi marcada por murmuração, incredulidade, rebeliões e repetidos fracassos (Êx 16:2–3; Nm 11:1–6; 14:1–4; 16:1–35). A Escritura não esconde nenhuma dessas coisas. Deus mesmo disciplinou Seu povo severamente (Nm 14:26–35; 1Co 10:1–12; Hb 3:7–19).

E, ainda assim, aquele era o povo que Ele havia tirado do Egito e estava conduzindo para a terra prometida (Êx 3:7–8; 6:6–8; Dt 8:2).

Moabe não precisava idealizar Israel. Precisava discernir a presença de Deus em sua história.

Há aqui uma lição que precisamos guardar. **O povo de Deus pode estar fraco e continuar sendo povo de Deus.** Pode atravessar períodos de confusão, correção e profundo empobrecimento e ainda permanecer objeto da fidelidade do Senhor. Pode carregar feridas, contradições e vergonhas e, ainda assim, Cristo não deixa de amar aquilo que comprou com Seu próprio sangue (At 20:28).

É fácil amar uma Igreja ideal.

É mais difícil amar a Igreja real.

É fácil falar sobre um Corpo glorioso em linguagem doutrinária. Mais difícil é carregar irmãos reais, comunidades imperfeitas, pessoas feridas, relacionamentos difíceis e situações que exigem paciência, perdão e perseverança (Cl 3:12–14; Ef 4:1–3,32).

Mas Cristo não entregou-Se por uma Igreja imaginária.

Ele conhece cada mancha, cada divisão, cada ferida e cada necessidade de correção. Contudo, não abandona Seu Corpo. Continua sendo sua Cabeça (Cl 1:18), continua intercedendo por aqueles que são Seus (Hb 7:25; Rm 8:34), continua santificando Sua Igreja (Ef 5:25–27) e continua edificando-a segundo Sua promessa (Mt 16:18).

Se Cristo não desistiu de Seu povo, não temos o direito de tratá-lo como algo secundário.

Cristo, o Pão repartido

A acusação contra Moabe começa com pão e água (Dt 23:4). Quando o povo peregrino chegou perto, Moabe não se moveu em sua direção.

Cristo fez exatamente o contrário.

O Filho de Deus não contemplou nossa necessidade à distância. O Verbo Se fez carne e habitou entre nós (Jo 1:14). Ele não preservou Sua posição enquanto observava nossa miséria, mas “a Si mesmo Se esvaziou”, assumindo a forma de servo e tornando-Se obediente até à morte de cruz (Fp 2:5–8).

“Eu sou o pão da vida” (Jo 6:35).

Ele não veio apenas trazer pão.

Ele é o Pão.

Essa é a diferença entre Moabe e Cristo em sua raiz mais profunda. Moabe preserva. Cristo entrega-Se. Moabe pergunta como a chegada de Israel afetará sua própria segurança. Cristo não considera Sua própria vida algo a ser preservado diante da vontade do Pai, mas declara que veio não para fazer Sua própria vontade, e sim a vontade daquele que O enviou (Jo 4:34; 5:30; 6:38). Moabe fecha-se diante do peregrino. Cristo abre-Se inteiramente para aqueles que nada poderiam oferecer-Lhe em troca (Rm 5:6–8).

Por isso, o verdadeiro amor pelo Corpo não pode ser produzido apenas por exortação moral. Precisamos de uma revelação maior de Cristo. Quanto mais conhecemos Aquele que Se entregou por nós, mais estreito se torna o lugar reservado à indiferença, à rivalidade e à autopreservação.

Repartimos porque fomos alcançados por Aquele que Se deu por nós (Gl 2:20; Ef 5:2).

Recebemos porque fomos recebidos por Cristo (Rm 15:7).

Perdoamos porque fomos perdoados (Ef 4:32; Cl 3:13).

Levamos água aos cansados porque fomos convidados a beber gratuitamente da água da vida (Jo 4:13–14; 7:37–38; Ap 22:17).

Servimos porque o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar Sua vida em resgate por muitos (Mc 10:45).

Quando Cristo ocupa o centro, o povo de Deus deixa de ser uma ameaça ao nosso território e torna-se lugar onde Sua própria vida pode encontrar expressão através de nós. A pergunta já não é quanto precisamos preservar, mas quanto de Cristo pode ser repartido.

A pergunta que permanece

Moabe nos coloca, portanto, diante de uma pergunta que deveria permanecer conosco por muito tempo: **o que acontece em nosso coração quando o povo de Deus se aproxima?**

Quando irmãos atravessam períodos difíceis, sentimo-nos envolvidos? Quando outra comunidade recebe graça de Deus, conseguimos alegrar-nos sem comparar? Quando o Senhor levanta um testemunho que não controlamos, reconhecemos Sua mão? Quando uma parte do Corpo sofre, aquilo de algum modo alcança nossa vida diante de Deus? Paulo declarou que, no Corpo, “se um membro sofre, todos sofrem com ele” (1Co 12:26).

Ou estamos tão ocupados com nossa própria terra que já não temos pão e água para os peregrinos?

Há uma diferença entre guardar a verdade e proteger o próprio território, entre discernir e suspeitar, entre zelo pelo testemunho de Cristo e preocupação com nosso nome. Somente o Espírito pode mostrar-nos onde uma coisa terminou e a outra começou.

O povo de Deus não nos pertence.

Pertence a Cristo.

Ele comprou a Igreja com Seu próprio sangue (At 20:28), é a Cabeça do Corpo (Cl 1:18) e entregou-Se por ela (Ef 5:25).

E aquilo que pertence a Cristo precisa tornar-se precioso para aqueles que dizem amá-Lo.

Moabe viu Israel aproximar-se e pensou em sua própria segurança. Recusou o pão e a água e procurou Balaão (Nm 22:2–6; Dt 23:4–5). Aquilo que começou como ausência de cuidado terminou como oposição àquilo que Deus havia determinado abençoar. E, mesmo quando Balaão tentou amaldiçoar Israel, Deus transformou a maldição em bênção porque amava Seu povo (Dt 23:5; Nm 23:8,20; 24:10).

Que o Senhor nos livre desse caminho.

Que Sua luz revele em nós toda indiferença disfarçada de prudência, toda rivalidade escondida atrás do discernimento, toda soberba protegida pelo zelo e toda autopreservação que ainda nos impede de carregar os interesses de Cristo em relação ao Seu Corpo.

E que, quando os peregrinos do Senhor se aproximarem de nossas portas, não encontrem em nós o espírito de Moabe, mas algo da própria vida daquele que Se tornou Pão para os famintos (Jo 6:35) e Fonte para os sedentos (Jo 4:14; 7:37–38).

Porque, afinal, oferecer pão e água ao povo de Deus não é apenas uma questão de hospitalidade.

É uma questão de quanto do coração de Cristo já encontrou lugar em nós.

Capítulo 4

A soberba de Moabe

Autossuficiência, reputação, poder e a recusa em reconhecer o agir de Deus

A soberba raramente começa por uma declaração aberta de independência diante de Deus. Poucos homens diriam conscientemente que desejam viver sem o Senhor, que não precisam de Sua providência ou que atribuem a si mesmos aquilo que receberam de Suas mãos. Mais frequentemente, a soberba se instala de modo silencioso, quando uma dádiva passa a ser tratada como posse, quando uma responsabilidade começa a alimentar a importância daquele que a recebeu, quando uma medida de graça se transforma em fundamento de segurança e quando aquilo que Deus confiou para ser administrado passa a ser preservado como se nos pertencesse por direito. A alma deixa de reconhecer que vive de misericórdia e começa a comportar-se como origem daquilo que apenas recebeu.

Moabe havia recebido uma porção de terra. Quando Israel se aproximou de seus limites, o Senhor ordenou que Seu povo não molestasse Moabe nem contendesse com ele, porque aquela possessão havia sido concedida aos descendentes de Ló pela própria providência de Deus:

“Então, o Senhor me disse: Não hostilize Moabe e não contendas com ele em peleja, pois não te darei da sua terra por herança; porque dei Ar em possessão aos filhos de Ló.”

Deuteronômio 2:9

A terra de Moabe não estava fora do alcance da soberania divina. Era uma porção delimitada pelo Senhor, concedida segundo Sua justiça e guardada por Sua palavra.

Contudo, tudo aquilo que Deus concede pode ser recebido de duas maneiras. Pode ser acolhido com gratidão, temor e consciência de mordomia; ou pode ser apropriado como fundamento de independência. Uma terra pode tornar-se um lugar de serviço ou o início de um território. Um recurso pode tornar-se instrumento de generosidade ou fonte de autoconfiança. Uma obra pode ser mantida diante de Deus como encargo ou pode transformar-se, pouco a pouco, em uma extensão do nome de quem a realiza. A diferença não está necessariamente naquilo que possuímos, mas no lugar que aquilo ocupa em nosso coração.

Moabe havia recebido uma porção, mas a porção se tornara seu centro. A terra, os recursos, a força e a capacidade de manter-se passaram a oferecer-lhe uma falsa segurança. Jeremias revela a raiz desse problema:

“Pois, por confiares nas tuas obras e nos teus tesouros, também tu serás tomada; e Quem os sairá para o cativeiro, juntamente com os seus sacerdotes e os seus príncipes.”

Jeremias 48:7

A sentença é solene porque atinge exatamente aquilo em que Moabe repousava. Seus recursos não o livrariam, sua força não permaneceria, e até Quem os, o deus em quem depositava sua confiança, iria para o cativeiro juntamente com seus sacerdotes e príncipes.

Moabe não é condenado por ter trabalhado, acumulado recursos ou ocupado uma terra. A Escritura não despreza trabalho, responsabilidade, diligência ou provisão. O problema aparece quando a obra se torna aquilo em que confiamos, quando os tesouros passam a determinar nossa segurança e quando a porção recebida substitui Aquele de quem toda porção procede. A obra deixa então de ser serviço e torna-se ídolo; a provisão deixa de ser dádiva e torna-se prisão; a experiência deixa de produzir gratidão e passa a dispensar dependência. O que deveria conduzir-nos ao Senhor se torna, silenciosamente, aquilo que nos permite imaginar que podemos viver sem precisar dEle.

Essa é uma das formas mais sutis de soberba espiritual. Podemos afirmar que tudo vem de Deus e, ao mesmo tempo, organizar a vida como se nossa permanência dependesse principalmente daquilo que construímos. Podemos agradecer por uma obra, uma comunidade, uma oportunidade, uma capacidade ou uma responsabilidade e, ainda assim, tratar essas coisas como garantias de que jamais precisaremos ser levados além delas. Podemos possuir uma história de serviço ao Senhor e, sem perceber, começar a descansar mais nessa história do que no Deus que nos chamou para servi-Lo. A alma passa a recordar o que Deus fez, mas deixa de esperar no Deus que ainda precisa agir.

O homem humilde entende que aquilo que recebeu continua pertencendo a Deus. Ele sabe que nenhum dom torna alguém sua própria fonte, que nenhuma obra autoriza um servo a possuir pessoas e que nenhuma responsabilidade confere o direito de estabelecer um reino particular. Pode cuidar daquilo que lhe foi confiado com zelo, mas não precisa tratá-lo como propriedade. Pode servir com fidelidade, mas não necessita controlar todos os resultados. Pode reconhecer uma medida de graça em sua vida sem transformar essa medida em padrão absoluto para tudo o que Deus realiza por meio de outros.

A soberba, porém, vive de outro modo. Ela se sente ameaçada quando outro recebe graça. Perturba-se quando uma obra avança sem passar por suas mãos. Receia que outra voz seja ouvida, que outro encargo seja reconhecido ou que o Senhor manifeste Sua vida em lugares que não confirmam sua própria importância. Aquele que deveria alegrar-se porque Cristo está sendo conhecido começa a perguntar se sua posição continuará preservada. E, nessa pergunta, revela-se algo que talvez estivesse oculto durante muito tempo: não era apenas o testemunho de Cristo que desejava guardar; era também o lugar que ocupava dentro desse testemunho.

Isaías e Jeremias descrevem Moabe com palavras que parecem acumular-se umas sobre as outras. O profeta não fala de uma soberba ocasional, mas de uma condição profunda, conhecida e persistente:

“Temos ouvido da soberba de Moabe, soberba em extremo; da sua arrogância, da sua soberba, do seu orgulho e do seu furor; mas a sua jactância é vã.”

Isaías 16:6

“Temos ouvido da soberba de Moabe, soberba em extremo; da sua arrogância, do seu orgulho, da sua soberba e da altivez do seu coração.”

Jeremias 48:29

Isaías acrescenta que o alarde de Moabe era vazio; sua vanglória não correspondia à realidade.

Toda vanglória possui algo de vazio porque ela tenta produzir uma imagem que a criatura não é capaz de sustentar. O homem exalta a si mesmo porque teme sua própria fragilidade. Procura ser reconhecido porque já não repousa no fato de ser conhecido por Deus. Defende continuamente seu nome porque não descobriu a liberdade de pertencer inteiramente ao Nome que está acima de todo nome. Assim, a soberba precisa de espectadores. Precisa ser lembrada, consultada, citada e confirmada. Não suporta facilmente que uma obra permaneça escondida se não puder ligá-la à sua própria participação. Não consegue alegrar-se plenamente quando outro é honrado, porque toda honra concedida a outro lhe parece uma diminuição de si mesmo.

Há uma diferença profunda entre ser usado por Deus e viver para ser reconhecido por ter sido usado por Deus. A primeira condição produz servos; a segunda produz homens que, mesmo falando de serviço, começam a construir monumentos para si mesmos. Um servo verdadeiro pode ser esquecido pelos homens e continuar em paz, porque conhece Aquele a quem serve. Pode diminuir sem ressentimento, entregar o que recebeu sem medo de perder sua identidade e ver outros prosperarem sem transformar a graça concedida a eles em ameaça pessoal. Mas a alma soberba não possui essa liberdade. Ela precisa guardar sua porção porque sua porção se tornou seu nome.

É por isso que a soberba de Moabe se manifesta também na recusa em reconhecer o agir de Deus. Quando Israel se aproximou, Moabe não viu primeiramente um povo libertado da escravidão e conduzido pela fidelidade divina. Não perguntou o que o Senhor estava fazendo no meio daquele povo. Viu uma presença que poderia alterar o equilíbrio de sua terra, uma multidão que parecia ameaçar sua segurança e uma realidade que não poderia controlar. O olhar da soberba não começa contemplando Cristo; começa medindo o risco que algo representa para o próprio homem.

Esse princípio continua sendo profundamente atual. Quando ouvimos que Deus está visitando uma comunidade que não conhecemos, restaurando irmãos fora de nossas fronteiras, levantando um testemunho que não se ajusta inteiramente às nossas expectativas ou concedendo graça a pessoas que não passaram por nossas mãos, o que se move em nós? Somos capazes de perguntar, com temor e humildade, se Cristo está sendo honrado? Conseguimos alegrar-nos quando a vida do Senhor encontra expressão em outro lugar? Ou começamos imediatamente a medir, comparar, suspeitar e proteger aquilo que consideramos nosso?

O discernimento pergunta se Cristo está sendo conhecido e se Sua Palavra está sendo honrada. A soberba pergunta se nossa importância permanecerá intacta. O discernimento reconhece que Deus jamais contradiz Seu próprio caráter e Sua própria verdade, mas também se humilha diante da possibilidade de que o Senhor esteja realizando algo maior do que nossa medida de compreensão. A soberba considera

perigoso tudo o que não pode controlar. O discernimento busca proteger o testemunho de Cristo; a soberba busca proteger o território do homem.

Há um perigo real em transformar nossa experiência de Deus na medida de toda experiência legítima. Deus é fiel, e Sua obra será sempre coerente com Sua Palavra. Porém, o Espírito não é propriedade de uma tradição, uma comunidade, um ministério ou uma geração. A Igreja não pertence aos homens. Os filhos pertencem ao Pai. O Corpo pertence à Cabeça. Nenhum servo recebe o direito de limitar a ação de Deus aos contornos de sua própria história.

Isso não diminui a responsabilidade de guardar a verdade. Pelo contrário, torna essa responsabilidade mais pura. Guardar a verdade não é usá-la como fronteira para preservar uma identidade independente. É permanecer debaixo de sua luz, permitindo que ela primeiro julgue nossas próprias motivações. A verdade não foi dada para que nos tornássemos superiores a outros; foi dada para que Cristo fosse formado em nós. Quando a verdade se torna apenas instrumento de comparação, ela já não está sendo recebida segundo a natureza dAquele que é a Verdade.

A soberba de Moabe também se revela em sua relação com o poder. O problema não está no fato de haver responsabilidade, autoridade ou encargos distintos entre os homens. Deus estabelece governo, distribui dons, chama pessoas para servirem e confia medidas de responsabilidade ao Seu povo. Na Igreja, há cuidado, ensino, correção e serviço. Mas todas essas coisas deixam de expressar a vida de Deus quando são usadas para preservar o eu.

Uma responsabilidade recebida pode transformar-se em domínio. Um encargo pode tornar-se instrumento de autoproteção. Uma voz que deveria servir ao testemunho pode tornar-se exigência de reconhecimento. O cuidado pode ser deformado em controle. A liderança pode deixar de ser serviço e transformar-se em poder exercido sobre aquilo que jamais nos pertenceu. Sempre que isso acontece, o homem deixa de administrar algo para Deus e começa a utilizar aquilo que recebeu para manter-se no centro.

O Senhor Jesus apresentou um caminho inteiramente diferente:

“Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo; tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.”

Mateus 20:25–28

A cruz não elimina o serviço, a responsabilidade ou o encargo; ela trata a fonte de onde essas coisas procedem. Ela liberta a autoridade do desejo de possuir, devolve o cuidado ao amor e torna a liderança novamente uma expressão da vida do Servo.

Quando Cristo ocupa o centro, aquele que serve não precisa proteger uma posição. Ele pode alegrar-se quando outros crescem, entregar sem ressentimento e trabalhar sem a ansiedade de controlar os resultados.

Pode reconhecer que o Senhor usa muitos membros em Seu Corpo e que nenhuma expressão particular contém, por si só, a plenitude daquilo que Cristo deseja manifestar. Ele sabe que recebeu uma porção, mas não confunde sua porção com a totalidade da obra de Deus.

A resposta para a soberba não é uma falsa humildade que nega os dons, diminui responsabilidades ou finge que Deus não confiou nada a ninguém. Humildade não consiste em negar que recebemos algo. Consiste em reconhecer de onde aquilo veio, a quem pertence e para qual finalidade foi dado. Paulo faz essa pergunta com uma simplicidade que desfaz toda vanglória:

“Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?”

1 Coríntios 4:7

Se recebemos, não podemos vangloriar-nos como se fôssemos a fonte. Se Deus abriu uma porta, não podemos tratá-la como conquista exclusiva. Se Ele confiou uma porção, não podemos usá-la para desprezar outras porções. Se Ele nos usou para fortalecer alguém, não podemos possuir aquele que pertence a Cristo.

A humildade reconhece a mão de Deus em sua própria vida, mas aprende também a reconhecê-la na vida dos outros. Reconhece que pode aprender, que sua compreensão é parcial, que sua experiência não esgota a riqueza de Cristo e que toda medida de graça foi concedida para o bem do Corpo. A humildade não enfraquece o testemunho; ela o torna transparente. Quando a necessidade de exaltar o homem diminui, Cristo torna-Se mais visível.

João Batista expressou essa liberdade quando declarou:

“Convém que ele cresça e que eu diminua.”

João 3:30

Não se tratava de desprezo de si mesmo, mas da alegria de alguém que havia reconhecido o centro. João sabia quem era e qual era sua missão. Não precisou negar o chamado que recebera. Mas também não tentou prolongar sua importância para além do propósito de Deus. Encontrou descanso em ver o Filho ocupar o lugar que sempre fora Seu.

A soberba teme diminuir porque não encontrou sua segurança em Cristo. A humildade se alegra quando Cristo cresce.

Em Cristo encontramos o contraste absoluto com Moabe. O Filho possuía toda autoridade. Todas as coisas foram feitas por meio dEle e para Ele. Nele habita toda a plenitude; Seu nome está acima de todo nome. E, contudo, Ele não usou Sua posição para proteger-Se, nem tratou Sua glória como instrumento de autopreservação.

“Antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome.”

Filipenses 2:7-9

A glória de Cristo não foi diminuída por Sua humilhação; foi revelada nela. Nos reinos dos homens, o poder procura elevar aquele que o possui. No Reino de Deus, a verdadeira autoridade manifesta-se no serviço, e a verdadeira grandeza encontra expressão na entrega. O Pai exaltou o Filho porque o Filho viveu inteiramente para a vontade do Pai. Somente Ele poderia reivindicar tudo e, ainda assim, escolheu servir.

Quando Cristo se torna nossa vida, já não precisamos provar continuamente que possuímos valor. Quando Ele se torna nossa herança, já não precisamos proteger pequenas porções como se fossem a fonte de nossa segurança. Quando Ele é reconhecido como Cabeça, já não precisamos controlar o Corpo para sentirmos que pertencemos. A visão elevada de Cristo não destrói a dignidade da criatura; liberta-a da necessidade de construir uma dignidade própria.

A soberba de Moabe continua procurando espaço em nós sempre que aquilo que recebemos começa a tornar-se nossa identidade, nossa segurança ou nosso território. Que porção recebida de Deus começamos a tratar como propriedade? Que obra permitimos que se transforme em nosso nome? Que recurso, posição, experiência ou responsabilidade já não conseguimos entregar nas mãos do Senhor? Que expressão da graça em outros nos incomoda porque ameaça nossa centralidade? Que temor chamamos de prudência, mas que é, na verdade, medo de perder o controle?

O Senhor não faz essas perguntas para destruir-nos. Ele as faz porque deseja libertar-nos. A soberba prende-nos ao que possuímos; a humildade devolve-nos Àquele a quem tudo pertence. Moabe confiou em suas obras e em seus tesouros. Cristo confiou-Se inteiramente ao Pai. Moabe procurou preservar sua terra, seu nome e sua força. Cristo entregou-Se para que o Reino do Pai fosse manifesto.

Que o Espírito Santo revele toda soberba que ainda se esconde sob o nome de responsabilidade, prudência, zelo ou maturidade. E que Ele nos conduza à liberdade dos que sabem que nada possuem em si mesmos, mas receberam tudo em Cristo.

Porque a verdadeira grandeza não está em preservar aquilo que chamamos de nosso, mas em reconhecer que tudo pertence ao Senhor e alegrar-nos quando Cristo ocupa, em nós e por meio de nós, o lugar que sempre foi Seu.

Capítulo 5

O deus de Moabe

Quando a religião preserva o homem em vez de entregá-lo a Deus

Há uma diferença entre possuir religião e conhecer Deus. A religião pode conservar palavras sagradas, práticas antigas, símbolos venerados e formas exteriores de devoção sem que o coração tenha sido verdadeiramente rendido Àquele que é Deus. Pode produzir zelo, disciplina, temor e aparência de reverência, mas, quando preserva o homem no centro, torna-se apenas uma forma mais sofisticada de mantê-lo distante do governo do Senhor.

Moabe não era uma nação sem deuses. Seu problema não era a ausência de religião, mas possuir uma religião que expressava e protegia aquilo que Moabe era. A Escritura associa esse povo a Quemos e se refere aos moabitas como “povo de Quemos” (Nm 21:29). Mais tarde, o mesmo deus seria chamado de “a abominação de Moabe” (1Rs 11:7). Salomão, já com o coração desviado, levantaria um alto para Quemos nas proximidades de Jerusalém, e gerações depois Josias destruiria os lugares altos ligados àquela idolatria (2Rs 23:13).

Há algo solene no fato de aquilo que pertencia a uma terra exterior ter encontrado espaço tão perto de Jerusalém. O ídolo de Moabe não precisou substituir o templo para tornar-se perigoso. Bastou receber um lugar ao lado da cidade de Deus. A idolatria nem sempre chega exigindo que abandonemos tudo o que conhecemos do Senhor. Muitas vezes, pede apenas um espaço. Uma área reservada. Uma parte da vida em que o homem ainda possa continuar sendo o centro.

Esse é o perigo mais profundo da religião que não procede da revelação de Deus. Ela não precisa negar inteiramente o nome do Senhor. Pode conservá-lo e, ainda assim, reduzir Deus a instrumento de seus próprios interesses. Pode desejar proteção, mas não governo; bênção, mas não cruz; consolo, mas não transformação; respostas, mas não rendição. Ela admite Deus desde que Deus não toque aquilo que o homem decidiu preservar.

A idolatria nunca é simplesmente a troca de um nome por outro. Ela é a transferência da confiança, do temor, da esperança e da entrega para algo que não é Deus. Sempre que aquilo que não é o Senhor passa a definir nossa segurança, nossa identidade, nossa direção ou nossa expectativa de vida, alguma forma de idolatria começou a estabelecer-se em nós.

Por isso, quando contemplamos o deus de Moabe, não estamos apenas diante de uma religião antiga. Estamos diante de uma pergunta que atravessa todas as gerações: **que deus se revela na maneira como vivemos?** Não apenas no que confessamos, nas palavras que cantamos, nos cultos que frequentamos ou nas doutrinas que defendemos, mas naquilo que buscamos quando sentimos medo, no que preservamos quando somos provados, no que procuramos quando desejamos segurança e no que somos incapazes de entregar quando o Senhor toca aquilo que chamamos de nosso.

O verdadeiro deus de um coração é, frequentemente, aquilo que ele não consegue entregar.

Uma religião para preservar Moabe

Quemos não pode ser compreendido apenas como um nome antigo ligado à história religiosa de um povo. Ele aparece associado à identidade de Moabe, à sua segurança e à preservação de sua existência. Nesse sentido, o deus de Moabe expressava uma ordem espiritual em que a própria nação permanecia no centro. Sua religião não a conduzia para fora de si, não a libertava de seu orgulho, de sua autoconfiança ou de sua necessidade de preservar território. Pelo contrário, oferecia-lhe uma forma de justificar e proteger tudo aquilo que Moabe desejava continuar sendo.

Esse é um dos movimentos mais profundos de toda idolatria. O ídolo pode exigir sacrifícios, impor temor, organizar costumes e parecer severo, poderoso ou religioso, mas continua existindo dentro de uma ordem em que o homem procura preservar a própria vida, o próprio futuro, o próprio nome e o próprio centro.

O Deus vivo chama o homem para fora de si.

O ídolo mantém o homem dentro de si.

O Deus de Abraão chama um homem para deixar sua terra, sua parentela e a casa de seu pai (Gn 12:1). Chama-o para tornar-se peregrino, sustentado por uma promessa ainda não plenamente cumprida (Hb 11:8–10). Chama-o para levantar altares e reconhecer que tudo procede dEle. E, no momento mais profundo de sua jornada, toca exatamente aquilo que Abraão teria maior razão humana para preservar: Isaque, o filho da promessa (Gn 22:1–2).

A prova de Abraão não revela um Deus interessado em privar o homem daquilo que lhe é precioso, mas um Deus que não permitirá que Sua própria dádiva ocupe o lugar que pertence somente a Ele. O próprio relato mostra que Deus provê o cordeiro e preserva Isaque (Gn 22:11–14). O ponto não era destruir a promessa, mas revelar se o coração de Abraão descansava mais na promessa do que no Deus que a havia feito.

Esse é exatamente o lugar em que a idolatria se manifesta. Ela começa quando uma dádiva se torna indispensável de uma maneira que Deus já não pode tocar. O coração pode continuar falando de Deus, agradecendo a Deus e servindo a Deus, mas, em seu interior, existe algo que já não pode ser entregue. Uma obra. Um nome. Uma segurança. Um relacionamento. Um recurso. Uma identidade. Uma expectativa de futuro. Algo que se tornou importante demais para ser devolvido Àquele de quem tudo procede.

Quemos não podia conduzir Moabe para fora de Moabe, porque sua religião existia precisamente para manter Moabe no centro. Um deus que serve à autopreservação jamais confrontará o princípio que lhe dá lugar. Um ídolo que protege o reino do homem nunca chamará esse homem a morrer para si.

O Deus vivo, porém, não se deixa moldar pelo desejo humano. Não existe para garantir que nossos projetos sejam preservados. Não pode ser reduzido a uma força que protege interesses, confirma escolhas ou sustenta a importância que atribuímos a nós mesmos. Ele é Senhor.

E ser Senhor significa possuir o direito de determinar aquilo que precisa ser abandonado, aquilo que deve ser julgado e aquilo que deve passar pela cruz.

A grande questão espiritual não é apenas se possuímos um deus em nossa linguagem. É saber se Deus possui o governo de nossa vida.

Podemos falar de Sua bondade e resistir à Sua disciplina. Podemos celebrar Sua graça e recusar Seu senhorio. Podemos pedir Sua proteção e rejeitar toda palavra que toque nossa necessidade de preservar a própria campina. Há uma religião que aceita um deus que consola sem transformar, abençoa sem governar e acompanha sem possuir.

Mas esse deus não é o Deus vivo.

O Deus verdadeiro não veio apenas para ser incluído em nossa vida.

Ele veio para ser a nossa vida.

O deus que pede o filho

A história de Moabe apresenta uma cena terrível. Em dias posteriores, quando o rei de Moabe se viu cercado, enfraquecido e diante da possibilidade de derrota, tomou seu filho primogênito, aquele que reinaria em seu lugar, e o ofereceu em holocausto sobre o muro da cidade (2Rs 3:26–27).

O texto não nos autoriza a afirmar mais do que ele diz a respeito do destinatário imediato daquele sacrifício. Permite-nos, contudo, contemplar a lógica terrível de um reino que, diante da ameaça de desaparecer, chega ao ponto de entregar o próprio filho para tentar preservar-se.

Quando tudo parece ameaçado, quando a perda se torna possível e quando os recursos se mostram insuficientes, Moabe revela a crueldade de seu princípio: para preservar o reino, até aquilo que deveria ser mais precioso pode ser entregue.

O ídolo sempre pede mais do que parece pedir no início. Primeiro exige atenção, depois lealdade, depois temor e, finalmente, aquilo que deveria ser mais precioso. Toda falsa fonte de segurança termina escravizando aquilo que prometeu proteger.

O falso deus não salva a vida; ele a devora.

Essa é uma das marcas da religião que nasce do homem. Ela transfere para a criatura o peso de produzir sua própria salvação. Exige que ela faça, pague, prove, entregue ou sacrifique algo a fim de preservar a vida que

teme perder. Toda falsa religião, em algum momento, coloca sobre o homem um fardo que ele não pode carregar e lhe pede um preço que jamais conseguirá pagar.

O evangelho começa exatamente onde esses recursos terminam.

Moabe oferece o filho para preservar o reino do homem.

Deus entrega o Filho para introduzir-nos em Seu Reino.

“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16).

“Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?” (Rm 8:32).

Em Moabe, o filho é colocado sobre o muro porque o homem deseja continuar possuindo aquilo que teme perder. No evangelho, o Filho é levantado na cruz porque Deus deseja resgatar aqueles que estavam perdidos.

A diferença é infinita.

O falso deus exige que o homem ofereça o que tem de mais precioso para manter intacto o reino do eu. O Deus vivo entrega o Filho para pôr fim ao governo do eu e libertar o homem de sua escravidão.

Não fomos reconciliados porque conseguimos oferecer algo suficientemente precioso.

Fomos reconciliados porque Deus ofereceu o Filho.

O cativo de Quemos

Jeremias anuncia que Quemos iria para o cativo com seus sacerdotes e príncipes. Essa declaração expõe a impotência final de todo ídolo. O deus que Moabe imaginava capaz de guardar sua terra não seria capaz de guardar nem a si mesmo. A religião que prometia proteção acabaria revelando que também precisava ser carregada.

“Pois, por confiares nas tuas obras e nos teus tesouros, também tu serás tomada; e Quemos sairá para o cativo, juntamente com os seus sacerdotes e os seus príncipes” (Jr 48:7).

O ídolo não salva quem o serve. Ele precisa ser carregado por aqueles que esperam ser carregados por ele. Não sustenta o homem, consome suas forças. Não conduz para a liberdade, mantém o coração preso ao medo de perder aquilo que tomou o lugar de Deus.

Isaías desenvolve essa imagem de maneira ainda mais impressionante. Bel e Nebo são colocados sobre animais e transportados como cargas pesadas; não conseguem salvar o próprio peso que representam. Em

seguida, o Senhor estabelece o contraste: “Vós, a quem desde o nascimento carregue e levo desde o ventre materno. Até à vossa velhice, eu serei o mesmo e ainda até às cãs, eu vos carregarei; já o tenho feito; levar-vos-ei, pois, carregar-vos-ei e vos salvarei” (Is 46:1–4).

Essa é uma das diferenças fundamentais entre o Deus vivo e todos os nossos falsos deuses.

Os ídolos precisam ser carregados.

Deus carrega Seu povo.

Aquilo que criamos para nos sustentar termina tornando-se um peso. Precisamos protegê-lo, alimentá-lo, defendê-lo, preservá-lo e continuamente assegurar que não seja perdido. O Senhor, porém, apresenta-Se como Aquele que toma sobre Si aqueles que Lhe pertencem.

Há, portanto, uma grande misericórdia quando Deus permite que nossos falsos apoios revelem sua incapacidade de salvar. Isso pode ser doloroso, porque existem coisas nas quais investimos muito de nossa energia, esperança e identidade. Mas nada poderia ser mais trágico do que chegar ao fim e descobrir que confiamos nossa vida a algo incapaz de sustentá-la.

Todo Quemos acaba indo para o cativeiro.

Chega o momento em que aquilo que prometia sustentar nossa vida revela que nunca teve vida em si mesmo. Toda segurança construída fora de Deus mostra sua fragilidade, e toda religião que mantém o homem no centro demonstra, por fim, sua incapacidade de libertá-lo de si mesmo.

Cristo, porém, não é um ídolo que precisa ser carregado. Ele é o Bom Pastor que dá Sua vida pelas ovelhas, conhece as que Lhe pertencem e as conduz (Jo 10:11,14,27–28). Não é uma força impessoal que precisamos manipular para obter proteção. É o Filho vivo que nos chama pelo nome e nos leva ao Pai.

Ele não veio pedir que sustentássemos Sua causa com nossos recursos.

Veio sustentar-nos com Sua própria vida.

A pergunta diante de nós

O deus de Moabe não pertence apenas a uma terra antiga. Seu princípio continua procurando espaço em nós sempre que tentamos usar Deus para preservar aquilo que Ele deseja trazer à cruz.

Quemos reaparece quando desejamos uma religião que proteja nosso pequeno reino, mas não permita que Deus reine plenamente. Reaparece quando pedimos ao Senhor que abençoe nossos planos, mas resistimos quando Ele deseja julgá-los. Reaparece quando desejamos Sua ajuda, mas não Sua posse; Seu consolo, mas não Sua correção; Sua provisão, mas não Seu governo.

A pergunta diante de nós não é se usamos o nome de Deus.

É se nos colocamos inteiramente sob Seu nome.

Que coisa recebida se tornou, para nós, mais importante que o Doador?

Que porção da vida tentamos esconder quando Deus a toca?

Que segurança não conseguimos entregar?

Que projeto, imagem, relacionamento, posição ou recurso passou a definir aquilo que chamamos de vida?

Que deus temos procurado: um deus que proteja o homem natural ou o Deus vivo que conduz o homem à cruz?

O Senhor não faz essas perguntas para nos empobrecer. Ele as faz porque deseja libertar-nos de todos os senhores menores que prometem vida enquanto nos mantêm presos a nós mesmos.

Cristo não veio acrescentar-Se aos nossos pequenos reinos.

Veio pôr fim ao governo do eu e introduzir-nos em Seu Reino.

Ele não exige que ofereçamos um filho para salvar a nós mesmos.

Ele é o Filho que foi entregue para que recebêssemos vida (Jo 3:16; Rm 8:32).

Quando Cristo deixa de ser apenas uma ajuda para nossos projetos e Se torna a fonte, o centro e a finalidade de toda a existência, começamos finalmente a ser libertos do deus de Moabe.

Porque a verdadeira liberdade não está em possuir uma religião que preserve aquilo que somos.

Está em pertencer inteiramente ao Deus que Se entregou para fazer-nos Seus.

Capítulo 6

Balaão: quando a maldição se transforma em sedução

A estratégia da mistura, o tropeço e a corrupção interna do povo de Deus

Há ataques contra o povo de Deus que chegam de forma visível. Assumem a aparência de oposição, perseguição, hostilidade e ameaça. Quando isso acontece, a Igreja costuma perceber com maior clareza que está diante de algo contrário ao propósito do Senhor. A oposição declarada, por assim dizer, mostra o rosto. Obriga o povo de Deus a decidir se permanecerá fiel, desperta vigilância e torna mais evidente a necessidade de depender daquele que o chamou.

Mas há ataques que chegam por outro caminho. Não pedem que o povo abandone imediatamente o nome de Deus. Não começam com uma ordem para negar a aliança, rejeitar a Palavra ou curvar-se publicamente diante de outro senhor. Aproximam-se como convite, ocasião, mesa, relação, oportunidade e aparente ampliação de experiência. Não procuram destruir a identidade do povo por meio de uma maldição lançada de fora, mas enfraquecê-la por meio da introdução silenciosa de uma lealdade dividida.

Esse é o caminho de Balaão.

Balaque, rei de Moabe, viu Israel acampado nas campinas de Moabe, junto ao Jordão, diante de Jericó. O povo que saíra do Egito e atravessara o deserto havia se aproximado. Balaque não discerniu naquela multidão a fidelidade de Deus à promessa feita a Abraão. Viu uma presença que ameaçava sua segurança, um povo numeroso que poderia alterar o equilíbrio de sua terra e uma realidade que ele não conseguia controlar. Por isso, enviou mensageiros a Balaão, filho de Beor, pedindo que viesse amaldiçoar Israel.

“Agora, pois, vem, rogo-te, amaldiçoa-me este povo, pois é mais poderoso do que eu; para ver se o poderei ferir e lançar fora da terra; porque eu sei que aquele a quem tu abençoa é abençoado, e aquele a quem tu amaldiçoa é amaldiçoado.”

Números 22:6

A intenção de Balaque era simples: se Israel fosse amaldiçoado, talvez pudesse ser enfraquecido, ferido e expulso. O rei de Moabe imaginava que uma palavra espiritual pronunciada contra o povo de Deus seria capaz de interromper aquilo que o Senhor havia determinado.

Mas Balaão recebeu uma resposta que estabelecia um princípio inabalável:

“Não irás com eles, nem amaldiçoarás o povo; porque é povo abençoado.”

Números 22:12

Essa declaração não significa que Israel fosse, em si mesmo, um povo irrepreensível. Sua história no deserto havia revelado murmuração, incredulidade, desobediência e repetidas expressões de rebelião (Êx 16:2–3; Nm 11:1–6; 14:1–4; 16:1–35). O próprio Deus tratara Seu povo severamente em diversas ocasiões. Israel, porém, não permanecia de pé porque sua conduta fosse perfeita. Permanecia porque Deus o havia separado para Si e porque Sua fidelidade era maior que a fraqueza humana.

Há uma diferença decisiva entre aquilo que Deus disciplina e aquilo que Ele permite que o inimigo amaldiçoe.

O Senhor corrige Seus filhos porque os ama (Hb 12:5–11). Sua disciplina não anula Sua aliança; confirma que pertencem a Ele. Mas nenhum poder exterior pode desfazer aquilo que Deus determinou abençoar. Balaão reconheceu isso quando declarou:

“Como amaldiçoarei o que Deus não amaldiçoou? E como detestarei, quando o Senhor não detesta?”
Números 23:8

Mais adiante, afirmou:

“Eis que recebi ordem de abençoar; pois ele abençoou, e eu não o posso revogar.”
Números 23:20

A maldição não pôde prevalecer porque a bênção de Deus não estava nas mãos de Balaão, nem dependia da vontade de Balaque. O rei de Moabe podia levantar altares, oferecer sacrifícios, prometer honrarias e insistir para que outra palavra fosse pronunciada, mas nenhuma prática religiosa, nenhuma recompensa e nenhuma estratégia humana poderiam revogar aquilo que Deus havia estabelecido sobre Seu povo.

Esse é um consolo profundo para todos os que pertencem a Cristo. A segurança do povo de Deus não repousa na ausência de inimigos, nem na impossibilidade de sofrer oposição. Repousa na fidelidade daquele que nos chamou para Si. A Igreja é fraca em si mesma, mas não está entregue a si mesma. Pode atravessar períodos de correção, humilhação e aparente fragilidade; pode sofrer por seus próprios erros e carregar marcas de sua história, mas permanece debaixo da fidelidade e da intercessão de Cristo (Rm 8:33–34; Hb 7:25).

O inimigo pode acusar, ameaçar e desejar ferir. Pode apontar manchas, divisões, pecados e fraquezas do povo. Mas não possui autoridade para estabelecer a palavra final. Aquilo que Deus abençoa não pode ser definitivamente amaldiçoado por homens.

Contudo, a história de Balaão não termina aí.

A maldição que não pôde ser pronunciada encontrou outro caminho.

Quando a oposição aprende a seduzir

Aquilo que Balaque não conseguiu alcançar pela maldição encontrou, por meio do conselho de Balaão, um caminho mais sutil: a sedução.

Se Israel não podia ser destruído externamente, talvez pudesse ser levado a comprometer o próprio testemunho por dentro. Se não podia ser vencido por uma palavra lançada contra ele, poderia ser atraído para uma comunhão que enfraquecesse sua exclusividade diante de Deus.

Números 25 mostra o resultado:

“Israel deteve-se em Sitim, e o povo começou a prostituir-se com as filhas dos moabitas. Estas convidaram o povo aos sacrifícios dos seus deuses; e o povo comeu e inclinou-se aos deuses delas. Juntando-se Israel a Baal-Peor, a ira do Senhor se acendeu contra Israel.”
Números 25:1–3

O ataque não começou no campo de batalha. Chegou por meio de um convite.

Não começou com a exigência de que Israel negasse o Senhor. Começou com uma aproximação.

Não começou com uma renúncia pública à aliança. Começou com uma mesa.

Esse é o caráter da sedução espiritual. Ela raramente começa exigindo que abandonemos tudo aquilo que conhecemos de Deus. Com mais frequência, pede apenas que acrescentemos alguma coisa. Não diz: “Deixe o Senhor.” Diz: “Há espaço também para isto.” Não exige que a aliança seja negada; sugere apenas que pode ser ajustada, acomodada ou dividida. Não se apresenta inicialmente como rebelião, mas como experiência, relação, oportunidade ou satisfação aparentemente pequena demais para alterar o centro da vida.

A mistura é perigosa precisamente porque se apresenta como complemento antes de revelar-se como rival.

Pode começar quando acrescentamos uma fonte de satisfação ao lado de Cristo, uma segurança ao lado da promessa, uma identidade ao lado daquela que recebemos no Filho, outra medida de aceitação ao lado da aprovação de Deus, outra voz ao lado da voz do Senhor ou outra mesa ao lado da mesa que Ele preparou.

No início, nada parece ter sido abandonado. As palavras cristãs permanecem, a linguagem da fé continua presente e as práticas religiosas podem ser mantidas. Mas aquilo que deveria pertencer inteiramente ao Senhor começa a ser dividido. A lealdade se reparte, a consciência se adapta e o coração aprende a conviver com aquilo que antes reconhecia como estranho.

Quando percebemos, já não estamos apenas próximos de Peor.

Estamos ligados a ele.

A mesa e a comunhão

Há mesas que fazem mais do que alimentar o corpo. Elas expressam comunhão, pertencimento e participação. Por isso, o problema em Peor não era apenas que Israel tivesse comido determinado alimento. A mesa representava uma aproximação espiritual que o conduzia à idolatria.

O Salmo 106 recorda o episódio nestes termos:

“Também se juntaram a Baal-Peor e comeram os sacrifícios dos mortos; assim, provocaram o Senhor à ira com as suas ações; e grassou-lhes uma praga.”

Salmo 106:28–29

Israel se uniu a Baal-Peor. A questão não era apenas uma transgressão exterior. Era a formação de um vínculo contrário à exclusividade que o povo devia ao Senhor.

Paulo retomaria esse princípio ao advertir os coríntios. Embora reconheça que o ídolo não possui realidade divina em si mesmo, adverte que os sacrifícios oferecidos aos ídolos envolvem uma comunhão que não pertence ao Senhor. Por isso conclui:

“Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios; não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demônios.”

1 Coríntios 10:21

A questão não é apenas o alimento.

É a comunhão à qual o alimento nos liga.

Toda mesa possui uma comunhão, e toda comunhão, cedo ou tarde, revela um senhorio.

Isso não significa que a vida cristã deva ser governada por isolamento, medo ou suspeita. Cristo aproximou-Se dos pecadores, sentou-Se à mesa com publicanos e foi conhecido por receber aqueles que a religião desprezava (Mt 9:10–13; Lc 15:1–2). Sua proximidade, porém, nunca significou participação no princípio que os governava. Ele entrou no mundo sem receber do mundo a fonte de Sua vida.

A Igreja também não foi chamada para fugir dos homens, mas para não receber o espírito que governa o mundo. Pode amar sem misturar-se, servir sem curvar-se e aproximar-se sem entregar ao espírito de sua época aquilo que pertence exclusivamente a Cristo.

A pergunta, portanto, não é simplesmente com quem estamos, mas de que mesa nossa alma está se alimentando. Que valores estão formando nossos desejos? Que vozes definem para nós o significado de sucesso, segurança e felicidade? Que convites aceitamos porque parecem pequenos demais para exigir discernimento? Que alianças começaram a formar-se em nosso coração antes que tivéssemos discernido sua verdadeira natureza?

A mesa da qual participamos termina, cedo ou tarde, formando o culto que oferecemos.

Balaão e o coração dividido

Balaão torna essa história ainda mais grave porque não era um homem sem linguagem espiritual. Falava acerca do Senhor, recebia palavras e pronunciava bênçãos. Chegou a contemplar a beleza da habitação de Israel e declarou:

“Quão formosas são as tuas tendas, ó Jacó! Quão formosas, as tuas moradas, ó Israel!”
Números 24:5

Ele sabia que não podia ultrapassar a palavra do Senhor. Quando os mensageiros de Balaque lhe ofereceram honra e recompensa, respondeu:

“Ainda que Balaque me desse a sua casa cheia de prata e de ouro, eu não poderia traspasar o mandado do Senhor, meu Deus, para fazer coisa pequena ou grande.”
Números 22:18

A frase estava correta.

O coração, porém, ainda não estava livre.

Essa talvez seja uma das advertências mais profundas da história de Balaão. É possível reconhecer externamente os limites da Palavra de Deus e ainda conservar interiormente o desejo por aquilo que essa Palavra não nos permite alcançar. Balaão sabia até onde não podia ir, mas continuava atraído pelo caminho que levava a Balaque.

Sua boca reconhecia o limite.

Seu coração ainda negociava com a recompensa.

Há uma grande diferença entre não ultrapassar externamente uma ordem de Deus e possuir interiormente um coração livre daquilo que essa ordem nos impede de alcançar. Podemos obedecer porque não encontramos outro caminho e ainda permanecer desejando aquilo que Deus não concedeu. Podemos dizer a coisa certa enquanto o coração continua procurando uma brecha pela qual preservar seus interesses.

Números 25 não menciona Balaão diretamente no momento do pecado de Peor. Mas Números 31 esclarece o vínculo:

“Eis que estas foram as que, por conselho de Balaão, fizeram prevaricar os filhos de Israel contra o Senhor, no caso de Peor, pelo que houve a praga entre a congregação do Senhor.”
Números 31:16

Séculos mais tarde, o próprio Cristo retomaria essa história na mensagem à igreja em Pérgamo:

“Tens, todavia, aí pessoas que mantêm a doutrina de Balaão, o qual ensinava Balaque a armar ciladas diante dos filhos de Israel, para comerem coisas sacrificadas aos ídolos e praticarem a prostituição.”

Apocalipse 2:14

Aquilo que aconteceu nas campinas de Moabe reaparece, séculos depois, no meio de uma igreja.

A Escritura interpreta o caso de Peor como resultado de uma estratégia ensinada por Balaão. A maldição externa não fora possível, então surgiu um caminho mais eficaz: colocar tropeço diante do povo e oferecer-lhe aquilo que pudesse seduzi-lo a afastar-se, por escolha própria, da fidelidade ao Senhor.

Aqui aparece um princípio de grande seriedade: **aquilo que não pode ser destruído pela oposição pode ser enfraquecido pela sedução.**

A perseguição pode levar o povo de Deus a separar-se do mundo; a sedução procura trazer o mundo para dentro do povo de Deus. A hostilidade aberta desperta vigilância; a mistura chega com aparência de convite, aceitação, prazer, oportunidade e comunhão. A perseguição ameaça exteriormente; a sedução procura alterar a fonte interior.

Talvez por isso a sedução seja, em muitos momentos, mais perigosa do que a oposição declarada.

O Novo Testamento associa Balaão ao amor pelo prêmio da injustiça e ao caminho da ganância (2Pe 2:15; Jd 11). Ele desejava lidar com coisas santas sem permitir que a santidade julgasse completamente a fonte de sua própria vida.

Essa é a tragédia da religião sem cruz. Ela pode falar de revelação e preservar interesses, falar de unção e recusar submissão, falar de dons e negligenciar o caráter, falar de ministério e conservar ambição.

Pode falar de Deus e continuar pertencendo a si mesma.

Uma palavra verdadeira na boca de um homem dividido não transforma a divisão em aprovação divina.

A pergunta decisiva nunca será apenas o que dizemos acerca de Deus.

É quem possui nosso coração.

A mesa de Cristo

O problema mais profundo de Peor não foi apenas um comportamento imoral ou uma cerimônia idólatra. Foi a divisão daquilo que pertencia exclusivamente ao Senhor. Israel havia sido chamado para ser povo de Deus, separado entre as nações não para alimentar superioridade, mas para testemunhar que somente o Senhor é Deus (Êx 19:5–6; Dt 7:6).

A idolatria sempre contém uma mentira acerca da suficiência de Deus. Sugere que precisamos de algo além dEle para possuir vida, segurança, prazer, identidade ou futuro. A mistura diz que Cristo pode permanecer, desde que aceite dividir o centro com outras fontes.

Mas Cristo não veio ocupar um lugar entre muitos.

Ele não é apenas a prioridade mais elevada numa lista de interesses. Não é apenas o centro de nossos cultos enquanto outros centros governam nossas escolhas. Não é apenas Aquele a quem recorremos em dias difíceis enquanto o mundo define nossas medidas de valor, sucesso e segurança.

Cristo é nossa vida (Cl 3:4).

Ele é nossa sabedoria, justiça, santificação e redenção (1Co 1:30).

Ele é nossa paz (Ef 2:14).

Nele estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento (Cl 2:3).

E há algo especialmente belo quando voltamos à imagem da mesa. Peor ofereceu uma comunhão que dividia o coração; Cristo oferece a Si mesmo.

“Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede.”
João 6:35

Paulo, ao falar da mesa do Senhor, escreve:

“Porventura, o cálice da bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo?”
1 Coríntios 10:16

A resposta de Deus à mesa de Peor não é simplesmente ordenar que permaneçamos famintos diante de todas as outras ofertas. Ele coloca diante de nós uma comunhão infinitamente superior: a comunhão de Seu próprio Filho.

Cristo não apenas nos chama para longe das falsas mesas.

Ele Se oferece como o Pão.

A santidade cristã não nasce, portanto, de uma tentativa ansiosa de escapar de tudo aquilo que poderia contaminar-nos. Nasce de uma visão cada vez maior da suficiência de Cristo. Quanto mais Ele se torna precioso, menos atraentes se tornam as mesas que prometem aquilo que já encontramos nEle. Quanto mais Sua cruz opera em nós, menos necessidade temos de negociar fidelidade para preservar vantagens. Quanto mais Sua vida se torna nossa vida, menos espaço resta para uma religião que deseja servir a Deus e ao eu ao mesmo tempo.

A resposta de Deus à sedução não é apenas uma lista de proibições. É uma revelação do Filho.

A sedução perde seu poder quando Cristo deixa de ser apenas Aquele a quem devemos fidelidade e Se torna Aquele em quem encontramos nossa satisfação.

A pergunta diante de nós

Balaão não pertence apenas à história de Moabe. Seu princípio continua procurando espaço sempre que uma palavra espiritual é separada de uma vida entregue. Ele reaparece quando desejamos os benefícios da revelação sem a disciplina da cruz, quando tratamos dons como substitutos para caráter ou quando queremos servir a Deus enquanto preservamos uma região interior na qual ainda negociamos com nossos próprios interesses.

Peor reaparece quando aceitamos uma mesa que divide nossa fidelidade. Quando outra voz começa a definir nossos desejos, quando uma relação se torna mais importante que a vontade de Deus, quando uma vantagem parece preciosa demais para ser deixada ou quando uma pequena concessão se torna o início de uma comunhão que já não pertence inteiramente ao Senhor.

Essas coisas não devem conduzir-nos a observar os outros com suspeita.

Devem levar-nos para a luz de Deus sobre nós mesmos.

Que mesa tem alimentado nossos desejos?

Que convite temos tratado como inofensivo, embora esteja lentamente deslocando o centro?

Que voz aceitamos ao lado da voz de Deus?

Que realidade deste mundo começou a tornar-se fonte de nossa identidade, segurança ou satisfação?

Que parte de nós deseja falar acerca de Cristo sem permitir que Cristo possua inteiramente o coração?

A maldição não pôde prevalecer sobre Israel porque Deus havia determinado abençoá-lo. Mas a sedução produziu uma ferida que nenhuma maldição exterior havia conseguido produzir.

Que o Senhor nos guarde de uma vida que fala corretamente enquanto se alimenta de mesas erradas. Que nos livre de toda comunhão que divide nossa lealdade e de toda religião que preserva alguma região fora do governo de Cristo.

E que a beleza do Filho seja tão real diante de nós que nenhuma mesa de Peor consiga competir com a plenitude da vida que Deus nos deu nEle.

Porque, quando Cristo Se torna verdadeiramente o Pão da nossa alma, aquilo que a sedução oferece começa a revelar toda a sua pobreza.

Capítulo 7

Descansado esteve Moabe

A tragédia de uma vida que conserva o próprio sabor

Há uma paz que procede de Deus e há uma tranquilidade que apenas preserva o homem em sua antiga condição. Há um descanso que nasce quando a alma se entrega ao governo do Senhor e encontra nEle sua segurança, mas há também uma estabilidade que não passa de resistência à Sua mão, uma quietude que evita tudo aquilo que poderia expor, corrigir ou transformar.

O verdadeiro descanso não consiste na ausência de processos, nem na preservação intacta das estruturas que nos deram segurança. Ele é conhecido quando a alma deixa de lutar para proteger-se e aprende a repousar em Deus, mesmo quando esse governo a conduz por caminhos que ela não escolheria por si mesma.

Moabe, porém, conhecia outro tipo de repouso. Por meio de Jeremias, o Senhor pronunciou uma palavra que talvez revele o diagnóstico mais profundo daquela nação:

“Descansado esteve Moabe desde a sua mocidade e tem repousado sobre as suas fezes; não foi despejado de vasilha em vasilha, nem foi para o cativo; por isso, conservou-se nele o seu sabor, e não se alterou o seu aroma.”

Jeremias 48:11

Jeremias não está apenas dizendo que Moabe não mudou. Está revelando por que ele não mudou.

Moabe havia descansado desde a mocidade, permanecera sobre aquilo que se sedimentara em seu interior e não fora despejado de vasilha em vasilha. Por isso, seu sabor continuava nele e seu aroma permanecia o mesmo. O tempo avançara, as gerações haviam se sucedido e a história seguira seu curso, mas os princípios que caracterizavam Moabe desde o princípio continuavam ativos.

Sua origem permanecia reconhecível. Seu orgulho ainda podia ser percebido. Sua autoconfiança não havia sido quebrada. Sua relação com o povo de Deus, sua religião e sua necessidade de preservar a si mesmo continuavam revelando uma mesma raiz.

Moabe permaneceu Moabe porque descansou sobre suas borras.

E, porque descansou, conservou o sabor.

A estabilidade que preserva

Existe no coração humano uma tendência de interpretar toda permanência como sinal de favor e toda mudança como sinal de perigo. Quando nossos recursos permanecem, nossas posições se mantêm, nossas

estruturas continuam de pé e os caminhos conhecidos não sofrem abalo, facilmente concluímos que Deus está aprovando tudo aquilo que somos e fazemos.

A estabilidade pode ser uma dádiva do Senhor. Há estações de paz, provisão e permanência que recebemos com gratidão. Mas a estabilidade exterior não é, por si só, evidência de maturidade interior.

Moabe havia conhecido descanso desde sua mocidade. Não fora levado ao cativeiro e não experimentara, até então, o tipo de deslocamento que exporia sua fragilidade. Aos seus próprios olhos, a continuidade podia parecer confirmação de segurança. Contudo, diante de Deus, aquela estabilidade havia se tornado um meio de conservação.

O que o homem chama de paz pode ser apenas ausência de confronto com a verdade.

Podemos aprender a construir uma vida na qual quase nada nos contrarie. Cercamo-nos de relações que confirmam aquilo que pensamos, preservamos ambientes em que nossas fraquezas permanecem escondidas e aproximamo-nos da Palavra de Deus desde que ela não toque as regiões em que decidimos manter o controle. Desejamos consolo, mas resistimos à correção; recebemos promessas, mas evitamos disciplina; gostamos do encorajamento, mas recuamos quando a cruz começa a tocar aquilo que consideramos parte de nossa identidade.

Essa condição pode parecer serena. Pode até receber o nome de equilíbrio espiritual. Mas, quando a vida se organiza de tal forma que Deus já não encontra liberdade para questionar aquilo que somos, a paz deixou de ser descanso e tornou-se preservação.

O falso descanso sempre protege aquilo que Cristo deseja transformar.

Ele não aparece necessariamente como rebelião. Pode esconder-se atrás da prudência, da estabilidade, da fidelidade às formas recebidas e até do desejo de “guardar aquilo que Deus deu”. Mas existe uma diferença entre guardar aquilo que procede de Deus e proteger aquilo que nos acostumamos a ser.

A firmeza permanece fiel à verdade.

A imobilidade preserva a si mesma.

O sabor antigo

Jeremias afirma que Moabe conservou seu sabor e que seu aroma não se alterou. A imagem é penetrante porque há algo na vida que se torna reconhecível com o tempo. Não apenas pelas palavras que usamos, mas pelo modo como reagimos quando somos contrariados; não apenas pela doutrina que confessamos, mas pela fonte interior da qual nasce nossa defesa dessa doutrina; não apenas pelo serviço que realizamos, mas pelo espírito com que servimos.

O sabor de uma vida aparece quando somos provados, e seu aroma torna-se perceptível quando aquilo que procurávamos preservar é tocado.

Podemos afirmar que confiamos no Senhor e descobrir, diante de uma perda, que nossa segurança estava profundamente ligada a outra coisa. Podemos falar de humildade e perceber, quando somos corrigidos, quanto ainda dependemos de reconhecimento. Podemos confessar que Cristo é suficiente e, diante da retirada de uma posição, de uma oportunidade ou de um recurso, descobrir quanta vida havíamos depositado naquela realidade. Podemos falar da unidade do Corpo e perceber, diante do crescimento de outros, se realmente nos alegamos com a graça de Deus quando ela se manifesta fora de nossos limites.

É nessas circunstâncias que o antigo aroma se torna perceptível.

Não se trata de exigir perfeição de nós mesmos. Todos conhecemos áreas em que a obra do Espírito ainda está em andamento. A questão não é se ainda possuímos fraquezas, mas se consentimos que o Senhor trate aquilo que Ele revela. O problema de Moabe não era apenas possuir marcas de orgulho, independência e autopreservação. Era conservar essas marcas como parte legítima de sua própria identidade.

Também nós podemos transformar nossa fraqueza em identidade e dizer: “Eu sempre fui assim”, como se o tempo de permanência de determinada característica lhe concedesse o direito de permanecer.

Chamamos de personalidade aquilo que pode ser medo, de sinceridade aquilo que talvez seja dureza, de zelo aquilo que se transformou em controle e de prudência aquilo que apenas preserva nossa recusa de confiar.

Com o tempo, o antigo sabor passa a parecer natural. Já não distinguimos claramente entre aquilo que Deus formou e aquilo que simplesmente nunca foi levado à luz.

Mas a vida cristã não consiste em tornar o velho homem mais aceitável. O propósito de Deus é conformar-nos à imagem de Seu Filho, transformar-nos de glória em glória pela ação do Espírito e formar Cristo em nós (Rm 8:29; 2Co 3:18; Gl 4:19).

Por isso, a pergunta não é apenas há quanto tempo caminhamos com Deus, quantas experiências acumulamos ou quantas responsabilidades assumimos. A pergunta mais profunda é quanto de Cristo já se tornou reconhecível em nós. Que antigo sabor perdeu força? Que medo deixou de governar? Que necessidade de controle foi entregue? Que orgulho foi humilhado pela graça? Que amor por Cristo e por Seu povo começou a ocupar o lugar em que antes havia indiferença?

O tempo, por si só, não transforma ninguém. A atividade religiosa, por si só, não transforma ninguém. O conhecimento bíblico, por si só, não transforma ninguém.

A transformação acontece quando Cristo encontra espaço para governar aquilo que antes pertencia ao eu.

O repouso e o orgulho

Jeremias não apresenta o descanso de Moabe como uma realidade isolada. No mesmo capítulo, descreve sua soberba em termos insistentes:

“Temos ouvido da soberba de Moabe, soberba em extremo; da sua arrogância, do seu orgulho, da sua soberba e da altivez do seu coração.”

Jeremias 48:29

Mais adiante, declara:

“Moabe será destruído, para que não seja povo, porque se engrandeceu contra o Senhor.”

Jeremias 48:42

Essa ligação entre descanso falso e orgulho é importante. O homem que permanece por muito tempo sobre suas borras não apenas resiste à transformação; começa também a sentir-se confirmado por sua própria permanência. Sua estabilidade parece provar que está bem. Sua continuidade torna-se argumento contra qualquer necessidade de mudança.

O orgulho não deseja ser movido porque não deseja depender. Prefere uma posição conhecida, uma identidade preservada e uma forma de vida que possa controlar. Tem dificuldade para admitir que aquilo que chama de maturidade possa ser rigidez, que seu discernimento contenha suspeita ou que sua firmeza esconda incapacidade de render-se.

A soberba prefere conservar o sabor conhecido a ser conduzida para uma transformação que não pode controlar.

Por isso, ela teme a mão de Deus. Teme que o Senhor toque aquilo que se tornou identidade, que uma correção exponha fragilidade, que uma perda revele dependências e que a luz de Cristo desfaça a imagem que construímos de nós mesmos.

Mas Deus não deseja preservar a identidade de Moabe em nós.

Ele deseja formar Cristo.

E Cristo não encontra plena expressão onde o eu exige permanecer intocado.

Firmeza não é imobilidade

Há uma diferença profunda entre permanecer firme e permanecer imóvel. A firmeza cristã repousa em Cristo e, por isso, pode atravessar mudanças sem perder sua fonte. A imobilidade espiritual repousa em formas, hábitos, posições e seguranças humanas e, por isso, entra em temor quando aquilo que considerava indispensável começa a ser tocado.

A verdadeira firmeza não significa que nada muda. Significa que, em meio às mudanças, Cristo permanece.

“Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre.”

Hebreus 13:8

É justamente porque Ele não muda que nossa vida pode ser conduzida por caminhos inesperados sem perder seu fundamento. O próprio Senhor Jesus revela essa diferença de maneira perfeita. Sua estabilidade nunca esteve na preservação das circunstâncias, mas em permanecer inteiramente sob o governo do Pai. Ele declarou: “Eu não procuro a minha própria vontade, e sim a daquele que me enviou” e também: “Desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou” (Jo 5:30; 6:38).

Por isso, Cristo podia atravessar aceitação e rejeição, multidões e abandono, honra e oposição sem mudar de fonte. Sua firmeza não era rigidez. Era dependência perfeita.

Essa é a estabilidade que Deus deseja produzir em nós: não uma vida que exige que tudo permaneça como está, mas uma vida tão enraizada em Cristo que pode ser corrigida sem perder-se, deslocada sem desintegrar-se e conduzida para além de suas antigas seguranças sem deixar de repousar.

A firmeza diz: “Ainda que tudo seja abalado, o Senhor permanece.”

A imobilidade diz: “Nada pode ser tocado, porque preciso que aquilo que conheço permaneça.”

A firmeza recebe a verdade mesmo quando ela corrige.

A imobilidade aceita a verdade apenas enquanto ela confirma.

A firmeza guarda aquilo que Deus confiou, mas permite que o próprio Deus continue julgando o coração que guarda.

A imobilidade protege uma herança exterior enquanto deixa de ouvir a Fonte da qual aquela herança originalmente procedeu.

O objetivo de Deus não é apenas produzir pessoas estáveis.

É formar pessoas semelhantes a Cristo.

O verdadeiro descanso

Existe, portanto, um descanso inteiramente diferente daquele que Moabe conheceu. Jesus chama os cansados e sobrecarregados para Si e promete descanso para a alma:

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma.”

Matheus 11:28–29

O descanso de Cristo não é uma licença para permanecermos como somos. Ele nos chama a repousar nEle, não na estabilidade das circunstâncias nem nas formas que procuramos preservar. Moabe descansava sobre suas borras; o cristão encontra descanso no próprio Cristo. E, porque descansa nEle, já não precisa temer quando o Senhor começa a tocar aquilo que precisa ser transformado.

A pergunta diante de nós não pode ser respondida apenas pela estabilidade de nossas circunstâncias. Sobre o que temos descansado? Estamos descansando em Cristo ou apenas repousando sobre aquilo que se sedimentou em nós? Nossa paz procede da confiança no Senhor ou da sensação de que ainda controlamos os recursos, os relacionamentos, os caminhos e o futuro? Temos chamado de fidelidade aquilo que talvez seja apego, de prudência aquilo que pode ser medo ou de maturidade aquilo que, diante de Deus, ainda é orgulho?

Que sabor continua presente porque nunca permitimos que a luz do Senhor tocasse sua raiz? Que antigo aroma ainda aparece quando somos contrariados, corrigidos, esquecidos ou privados de alguma coisa que julgávamos indispensável?

O Senhor não nos chama a encarar essas coisas para humilhar-nos diante dos homens. Ele nos conduz à verdade porque deseja libertar-nos. O falso descanso conserva aquilo que somos; o descanso em Cristo entrega-nos Àquele que pode fazer-nos semelhantes ao Seu Filho.

Moabe descansou sobre suas borras. Conservou seu sabor. Seu aroma não se alterou.

O Espírito de Deus, porém, continua chamando Seu povo para uma vida que não exige permanecer intacta, mas que descansa nAquele que é capaz de guardar-nos, sustentar-nos e completar em nós a boa obra que começou (Fp 1:6).

Jeremias, contudo, não termina sua palavra dizendo apenas que Moabe havia repousado sobre suas borras. Logo em seguida, o Senhor anuncia:

“Portanto, eis que vêm dias, diz o Senhor, em que lhe enviarei trasfegadores, que o trasfegarão; esvaziarão as suas vasilhas e despedaçarão os seus odres.”

Jeremias 48:12

O diagnóstico está feito. Moabe permaneceu Moabe porque descansou sobre suas borras.

Agora precisamos contemplar aquilo que acontece quando Deus decide tocar o recipiente.

É aí que começa o próximo passo de nossa jornada:

de vasilha em vasilha.

Capítulo 8

De vasilha em vasilha

A mão de Deus, a disciplina do Pai e a separação da borra

Jeremias havia mostrado por que Moabe conservara seu sabor: permanecera em repouso sobre suas borras. Mas a palavra do Senhor não termina no diagnóstico. O verso seguinte anuncia a intervenção. Aquilo que por tanto tempo permanecera imóvel seria finalmente movido.

“Portanto, eis que vêm dias, diz o Senhor, em que lhe enviarei trasfegadores, que o trasfegarão; esvaziarão as suas vasilhas e despedaçarão os seus odres.”

Jeremias 48:12

A imagem é forte. Moabe havia permanecido tempo demais no mesmo recipiente. Sua estabilidade conservara aquilo que deveria ter sido exposto. Seu repouso impedira que a borra viesse à superfície. Agora, porém, o Senhor anuncia que a vasilha seria tocada, esvaziada e movida.

Não porque Deus Se deleitasse em perturbar, mas porque aquela condição já não poderia continuar sendo confundida com paz.

Há momentos em que o amor de Deus se manifesta justamente por não nos permitir permanecer onde aprendemos a descansar sobre nós mesmos. Enquanto tudo continua imóvel, aquilo que se sedimentou pode parecer inofensivo. A borra permanece no fundo, deixa de chamar atenção e cria a impressão de que já não existe. Mas ela não desapareceu. Apenas não foi exposta.

Quando Deus move a vasilha, aquilo que estava depositado começa a aparecer.

O movimento não cria a borra. Ele revela aquilo que já estava ali.

Essa é uma verdade que precisamos guardar diante de muitos processos que não compreendemos. Quando uma perda, uma mudança, uma correção, uma espera prolongada ou uma circunstância dolorosa expõe reações que não esperávamos encontrar em nós, somos tentados a imaginar que o processo produziu aquilo que agora aparece. Muitas vezes, porém, ele apenas trouxe à superfície algo que havia permanecido escondido sob a tranquilidade de uma vida pouco tocada.

Aquilo que julgávamos vencido revela sua força. Aquilo que chamávamos de maturidade manifesta rigidez. O que tratávamos como prudência pode revelar medo. O que parecia zelo pode expor necessidade de controle. O que imaginávamos ser firmeza pode mostrar que, em alguma medida, ainda era incapacidade de render-nos.

A mão de Deus não revela para humilhar inutilmente.

Ela revela para separar, curar e libertar.

O Deus que move

Ser mudado de vasilha em vasilha não significa, em primeiro lugar, trocar de cidade, trabalho, comunidade, função ou circunstância. Há pessoas que atravessam muitas mudanças exteriores e permanecem essencialmente as mesmas por dentro. Outras vivem em relativa estabilidade, mas continuam profundamente abertas à correção, à disciplina e ao governo do Espírito.

A questão não está simplesmente na mudança do cenário. Está em saber se a vida permanece entregue à mão de Deus.

Há mudanças que escolhemos e outras que nos alcançam sem terem sido desejadas. Algumas parecem claramente providenciais; outras chegam como perda, interrupção ou aparente retrocesso. Uma estação termina, uma segurança deixa de existir, uma expectativa não se cumpre, uma posição é alterada, uma relação muda, uma espera se prolonga. Em certas ocasiões, compreendemos alguma coisa do que Deus está fazendo. Em outras, apenas somos chamados a confiar.

Por isso, precisamos ser cuidadosos. Nem toda dor deve ser interpretada como disciplina corretiva específica de Deus, e nem toda circunstância difícil pode ser explicada como resposta direta a alguma falha pessoal. A Escritura não nos permite tratar o sofrimento de forma simplista. Jó sofreu sem que seus amigos tivessem razão ao reduzir sua dor a um castigo direto por pecado oculto (Jó 1–2; 42:7). O homem cego de nascença não carregava sua condição como explicação automática de culpa pessoal ou familiar (Jo 9:1–3).

Há mistérios na providência de Deus que exigem reverência.

Ainda assim, há algo que podemos afirmar com segurança: nenhuma circunstância precisa ser desperdiçada diante de Deus.

Nem toda dor é disciplina corretiva, mas toda circunstância pode ser trazida à presença do Pai e tornar-se ocasião de conhecê-Lo mais profundamente, de conhecermos melhor a nós mesmos e de permitirmos que Cristo seja formado em nós.

A Palavra também nos ensina que o Pai disciplina aqueles que recebe como filhos:

“Filho meu, não menosprezes a correção que vem do Senhor, nem desmaies quando por ele és reprovado; porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe.”

Hebreus 12:5–6

A disciplina, portanto, não é apresentada como ação impessoal de um Deus distante, mas como tratamento de Pai. Ela não significa abandono. Ao contrário, em Hebreus, torna-se evidência de filiação (Hb 12:7–8).

Isso não torna o processo agradável. A própria Escritura reconhece que, no momento, a disciplina não parece motivo de alegria, mas de tristeza. Contudo, seu propósito não é o sofrimento como fim em si mesmo. Seu propósito é fruto (Hb 12:10–11).

A mão que move não é a mão de um inimigo arbitrário.

É a mão do Pai que ama demais para nos deixar repousar para sempre sobre nossas borras.

O que o processo expõe

Há coisas que só reconhecemos quando o recipiente é tocado. Enquanto a vida acontece como esperávamos, podemos acreditar que somos mais rendidos do que realmente somos. Podemos falar de confiança enquanto os recursos permanecem disponíveis, de humildade enquanto somos reconhecidos e de suficiência de Cristo enquanto nada ameaça aquilo que consideramos indispensável.

Mas quando algo é removido, alterado ou abalado, o coração frequentemente revela sua fonte.

Uma perda pode mostrar quanto confiávamos em determinada posição. Uma espera prolongada pode revelar quanto dependíamos do controle. Uma correção pode expor quanto nossa identidade estava ligada a parecer certos. O anonimato pode mostrar quanto precisávamos de reconhecimento. O crescimento de outro pode revelar quanto ainda desejávamos ser superiores. A fragilidade pode mostrar quanto da nossa segurança repousava na própria força.

O processo não cria necessariamente essas coisas.

Ele as revela.

Por isso, a pergunta diante de uma circunstância difícil não precisa ser apenas: “Senhor, quando isso terminará?” Há momentos em que precisamos perguntar também: “Senhor, o que está sendo revelado em mim? Que apego se tornou visível? Que falsa segurança está aparecendo? Que área eu julgava entregue, mas ainda procuro controlar?”

Essa não é uma pergunta de condenação.

É uma pergunta de rendição.

O Pai não expõe uma ferida para desprezar o filho. Ele a expõe para curá-la. Não toca uma falsa segurança para deixar-nos sem esperança, mas para conduzir-nos à segurança verdadeira. Não permite que apoios revelem sua fragilidade para que sejamos destruídos, mas para que aprendamos a repousar naquilo que não pode ser abalado (Hb 12:27–28).

A disciplina que produz fruto

Hebreus conduz a disciplina para sua finalidade:

“Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça.”

Hebreus 12:11

A palavra decisiva é “exercitados”.

O processo, por si só, não transforma automaticamente. É possível atravessar dores e endurecer. É possível sofrer e tornar-se mais amargo. É possível perder e continuar autocentrado. É possível ser movido de uma vasilha a outra e ainda desejar apenas reconstruir, em outro lugar, exatamente os mesmos mecanismos de proteção e controle.

A disciplina produz fruto naqueles que se deixam exercitar por ela.

Isso não significa compreender tudo o que Deus faz. Muitas vezes, não compreendemos. Também não significa deixar de chorar. Há perdas que precisam ser choradas, dores que precisam ser reconhecidas e feridas que não podem ser tratadas com frases superficiais. Tampouco significa chamar o mal de bem.

Significa permanecer diante de Deus.

Significa permitir que Sua luz julgue nossas reações, que Sua graça nos sustente e que Sua verdade alcance regiões que talvez nunca tivéssemos conhecido sem aquele processo.

Deus pode falar, e o coração pode fechar-se. Pode corrigir, e podemos justificar-nos. Pode remover, e podemos tornar-nos ressentidos. Pode permitir que antigos apoios caiam, e ainda assim podemos procurar desesperadamente reconstruí-los em outra forma.

Mas quando o coração se rende, aquilo que parecia apenas perda pode tornar-se lugar de transformação.

A disciplina de Deus não existe para tornar-nos duros. Existe para produzir o fruto de Sua santidade (Hb 12:10–11).

Não existe para diminuir-nos diante dos homens. Existe para libertar-nos da necessidade de construir uma importância própria.

Não existe para destruir toda alegria. Existe para arrancar de nós falsas fontes de alegria e conduzir-nos a uma alegria mais profunda no Senhor.

Não existe para deixar-nos sem nada.

Existe para mostrar-nos que Cristo continua suficiente quando aquilo que julgávamos indispensável perde seu poder sobre nós.

O vaso e o tesouro

Jeremias fala de uma vasilha que precisa ser movida. Paulo fala de um vaso de barro que precisa deixar evidente que o poder não procede dele. As imagens não são idênticas, mas convergem em um ponto importante:

o recipiente nunca é o centro da obra de Deus.

“Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós.”

2 Coríntios 4:7

O vaso é frágil. Não existe para atrair atenção para si mesmo. Sua razão de ser está no tesouro que carrega. O poder não procede do recipiente, mas de Deus.

Paulo continua descrevendo uma vida submetida a pressões, perplexidades, perseguições e abatimentos, mas em cada circunstância a vida de Deus demonstra ser mais profunda do que a fragilidade humana: “em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos” (2Co 4:8–9).

Então ele revela a finalidade:

“Levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo.”

2 Coríntios 4:10

Aqui chegamos ao centro do tratamento de Deus.

Ele não toca o vaso para que o vaso se torne admirável por sua resistência. Não nos conduz por processos para que desenvolvamos uma identidade baseada naquilo que suportamos. O objetivo é que, no enfraquecimento daquilo que pertence ao homem natural, a vida de Jesus se torne mais claramente manifesta.

A cruz não é apenas uma doutrina que confessamos. Ela é o princípio pelo qual o velho homem perde o direito de governar. O morrer de Jesus toca nossa necessidade de preservar-nos, nossa insistência em controlar, nossa busca por reconhecimento e nossas fontes naturais de segurança. E, à medida que esse governo do eu perde espaço, algo diferente começa a aparecer.

A vida de Cristo.

O objetivo final não é que sejamos especialistas em processos.

É que Cristo seja manifestado.

A vida cristã não é a história de um vaso que se torna importante.

É a história de um tesouro que se torna evidente.

Da perda à entrega

Há uma diferença profunda entre perder coisas e entregar-se a Deus.

A perda, por si só, não santifica. Podemos perder e endurecer, sofrer e tornar-nos mais autocentrados, atravessar mudanças e reconstruir rapidamente os mesmos mecanismos de controle em outro lugar. Podemos até transformar nossa dor em identidade e fazer do sofrimento mais um modo de permanecer ocupados conosco mesmos.

Mas, quando o coração se rende ao Senhor, aquilo que nos acontece pode tornar-se ocasião para uma entrega mais profunda.

Cristo é o padrão perfeito dessa vida entregue. Ele não apenas suportou o caminho da cruz. Entregou-Se voluntariamente à vontade do Pai.

“A si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.”

Filípenses 2:8

O Filho não viveu Sua obediência como resignação amarga. Sua vida inteira estava voltada para o Pai. Ele podia dizer que ninguém Lhe tirava a vida, mas que Ele espontaneamente a dava (Jo 10:17–18).

Por isso, quando Paulo fala do “morrer de Jesus”, não está celebrando a dor em si mesma. Está apontando para uma vida em que o direito de preservar a si mesmo já não ocupa o centro.

Em outro lugar, o Senhor Jesus usa a imagem do grão de trigo:

“Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto.”

João 12:24

A morte, nesse sentido, não é esterilidade. É o caminho para o fruto.

Isso ajuda a compreender o que Deus deseja realizar em Seus filhos. Ele não busca produzir pessoas fascinadas pelo sofrimento, mas vidas tão entregues que até aquilo que atravessam pode tornar-se ocasião para que outros recebam algo de Cristo.

Paulo expressa isso de maneira impressionante:

“De modo que, em nós, opera a morte, mas, em vós, a vida.”

2 Coríntios 4:12

Há processos que Deus usa não apenas para tratar-nos, mas para tornar-nos mais disponíveis para Seu propósito. O que foi entregue a Deus deixa de ser apenas perda e pode tornar-se consolo, serviço, compaixão, maturidade e vida repartida.

Isso não nos autoriza a buscar sofrimento ou a impor fardos sobre outros. A cruz não é uma estética da dor. É uma vida entregue à vontade de Deus.

O que define o valor de um processo não é sua intensidade aparente.

É a medida em que Cristo encontra liberdade para manifestar-Se.

A segurança das mãos de Deus

Quando a vasilha é tocada, a reação do homem natural é procurar recuperar o controle. Quer reconstruir rapidamente aquilo que perdeu, compreender tudo, assegurar resultados e voltar a uma condição conhecida. A fé, porém, começa de outro lugar. Ela pergunta: “Senhor, que deseja formar em mim? O que esta circunstância está revelando? Que falsa segurança precisa perder seu poder? Que parte da minha vida ainda precisa ser entregue para que Cristo seja mais claramente visto?”

Não precisamos chamar toda dor de disciplina. Nem precisamos explicar cada perda como se conhecêssemos todos os pensamentos de Deus. Podemos, porém, trazer tudo diante dEle e pedir que nada seja desperdiçado.

A verdadeira segurança não está em permanecer no mesmo recipiente.

Está em permanecer nas mãos de Deus.

O recipiente pode mudar. A estação pode terminar. Os recursos podem diminuir. Uma posição pode ser entregue a outro. Uma porta pode fechar-se. Uma história que imaginávamos definitiva pode tomar um rumo inesperado.

Mas Cristo permanece.

“Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre” (Hb 13:8).

E, se Cristo permanece, a realidade essencial não foi perdida.

A mão que move não é a mão de um inimigo arbitrário. É a mão do Pai que nos ama, do Oleiro que conhece o vaso (Jr 18:1–6) e do Redentor que deseja manifestar a vida de Seu Filho em nós.

Moabe precisava ser movido porque havia descansado sobre suas borras.

Os filhos de Deus, porém, não precisam temer a mão que os move.

Podem entregar-se a ela.

Porque Deus não nos conduz de vasilha em vasilha para deixar-nos vazios. Seu propósito não é apenas remover aquilo que pertence à velha natureza, mas abrir espaço para que outra vida se torne reconhecível.

Moabe conservou seu antigo aroma.

Em nós, Deus deseja manifestar o bom perfume de Cristo (2Co 2:14–15).

Esse é o propósito final do processo.

Não apenas deixar para trás aquilo que éramos.

Mas permitir que Cristo seja cada vez mais claramente reconhecido em nós.

Capítulo 9

Rute: a graça que visita Moabe

Quando Deus começa uma nova história antes que alguém saiba para onde ela irá

Depois de contemplarmos a origem de Moabe, sua proximidade sem pertencimento, sua indiferença diante do povo de Deus, sua soberba, sua religião e sua longa acomodação sobre as próprias borras, a história de Rute surge como uma mudança de direção. Até aqui, vimos aquilo que Moabe revela sobre o homem que preserva a si mesmo. Agora começamos a contemplar algo diferente: a graça de Deus entrando numa história marcada por Moabe e iniciando, silenciosamente, um caminho de redenção.

Essa mudança é importante porque a graça não começa com a decisão de Rute. Começa com Deus. Antes que Rute escolha qualquer coisa, antes que pronuncie sua grande confissão, antes que deixe sua terra, antes que conheça Boaz e antes que encontre lugar na história da promessa, o Senhor já está agindo. A graça se move primeiro.

O livro de Rute começa em dias de fome. E essa fome é especialmente solene porque acontece em Belém, a casa do pão.

“Nos dias em que julgavam os juízes, houve fome na terra; e um homem de Belém de Judá saiu a habitar na terra de Moabe, com sua mulher e seus dois filhos.”

Rute 1:1

A casa do pão conhecia escassez. A família de Elimeleque deixou Belém e foi para os campos de Moabe. Não precisamos transformar essa decisão em algo que a narrativa não declara diretamente. O texto registra a fome, a partida e a permanência da família em Moabe. Mais tarde, Elimeleque morre. Seus filhos, Malom e Quiliom, casam-se com mulheres moabitas, Orfa e Rute, e também morrem. Noemi fica sem marido e sem filhos.

A história parece esvaziar-se. Mas é exatamente nesse cenário que a graça começa a mover-se.

A graça começa com uma visita

O primeiro grande movimento de redenção no livro de Rute não acontece quando Rute decide deixar Moabe. Acontece quando Deus visita Belém.

“Então, se levantou ela com suas noras, para voltar da terra de Moabe, porquanto nesta ouvira que o Senhor se lembrara do seu povo, dando-lhe pão.”

Rute 1:6

Noemi ouve uma notícia: o Senhor visitou Seu povo e há pão novamente em Belém. A narrativa não apresenta essa mudança apenas como melhora agrícola. Ela coloca Deus no centro, pois afirma que o Senhor visitara Seu povo, dando-lhe pão. Aquilo que poderia ser visto apenas como alteração das circunstâncias é descrito como visitação.

É nesse ponto que a graça entra na história de Rute. Ela ainda está em Moabe. Ainda não fez qualquer confissão, não decidiu seu futuro e não conhece o Deus de Israel como virá a conhecê-Lo. Contudo, uma notícia procedente da ação de Deus já alcançou sua vida.

A graça começa assim muitas vezes. Deus age em um lugar, e a notícia alcança outro. Ele visita Seu povo, e alguém distante ouve. Ele prepara pão em Belém, e uma mulher em Moabe começa, sem perceber a extensão do que acontecerá, a ser alcançada por essa visita. Antes que Rute se mova na direção de Deus, a graça já se moveu na direção de Rute.

Há uma beleza profunda no fato de que a mudança dessa história comece com a notícia de que havia pão em Belém. Noemi não volta apenas porque Moabe se tornou doloroso. Ela se levanta porque ouviu que o Senhor havia visitado Seu povo. Isso faz toda a diferença.

A graça não é simplesmente o reconhecimento de que uma terra antiga já não satisfaz. É a descoberta de que Deus continua sendo capaz de prover aquilo que nenhuma terra estranha pode oferecer.

Moabe podia oferecer abrigo temporário, campos, relações e a possibilidade de sobrevivência. Noemi havia vivido ali por anos. Mas Moabe não podia tornar-se a fonte daquilo que Deus havia associado ao Seu povo. A notícia dizia que o pão havia voltado à casa do pão. Noemi ouvira, e Rute ouviria por meio dela. Ainda não é o momento de desenvolver plenamente o significado de Belém. Por enquanto, basta perceber que o caminho de Rute começa porque algo procedente de Deus rompe a aparente normalidade de sua vida em Moabe: havia pão, o Senhor visitara Seu povo e um caminho começava a abrir-se.

A graça chega por meio de uma mulher vazia

Talvez esperássemos que Deus alcançasse Rute por meio de alguém forte, cheio de respostas e cercado de sinais evidentes de prosperidade. Mas não é assim que a história se desenvolve. A notícia do pão chega até Rute por meio de Noemi, e Noemi está vazia.

Ela havia perdido o marido e os dois filhos. Mais tarde, ao chegar a Belém, diria:

“Ditosa eu parti, porém o Senhor me fez voltar pobre; por que, pois, me chamareis Noemi, visto que o Senhor se manifestou contra mim e o Todo-Poderoso me tem afligido?”

Rute 1:21

Noemi não parece, naquele momento, a testemunha ideal de uma vida abundante. Carrega luto, amargura e perguntas. Ainda assim, há algo nela que Moabe não possui: ela conhece o caminho de volta. Sabe de que povo faz parte, sabe onde há pão e sabe que o Senhor visitou Seu povo. Mesmo vazia, levanta-se.

A graça de Deus não depende da aparência de plenitude de Seus instrumentos. Ele pode usar pessoas feridas para indicar o caminho da cura, pessoas cansadas para transmitir a notícia do pão e vasos que se sentem vazios para conduzir outros até aquilo que eles mesmos ainda estão reaprendendo a receber. Noemi não tinha riquezas, garantias naturais ou soluções prontas para oferecer a Rute. Tinha, porém, uma direção: conhecia o caminho de volta, sabia onde havia pão e continuava pertencendo ao Deus que visitara Seu povo.

E, às vezes, isso é suficiente para que a graça comece uma nova história.

Rute ainda está em Moabe

É importante não nos apressarmos. Rute ainda não chegou a Belém. Ainda não declarou que o povo de Noemi seria seu povo, nem que o Deus de Noemi seria seu Deus. Ainda não entrou nos campos de Boaz, não encontrou redenção nem aparece na genealogia do rei. Tudo isso virá. Mas a graça já começou.

Rute não é alcançada porque já deixou Moabe. Ela é alcançada enquanto ainda está em Moabe. Esse é um dos aspectos mais belos de sua história. Deus não espera que ela esteja no lugar certo para começar a agir. Sua graça a encontra no lugar em que ela está, em meio a uma história marcada pela viuvez, pela pobreza, pela incerteza e por uma origem que não lhe concedia direito natural à herança de Israel.

A Escritura continuará chamando-a de “Rute, a moabita” ao longo de sua narrativa. Sua origem não é apagada para que a graça possa operar. Pelo contrário, permanece visível para que fique claro que aquilo que acontecerá com ela não pode ser explicado por sua origem.

A graça não precisa negar de onde viemos para vencer o poder que nossa origem exercia sobre nós.

Rute é moabita.

Mas Moabe não terá a última palavra sobre Rute.

Quando a graça antecede a resposta

Há algo muito importante na ordem da narrativa. Primeiro, Deus visita Seu povo. Depois, a notícia chega a Moabe. Depois, Noemi se levanta para retornar. Só então Rute será colocada diante de uma decisão.

A resposta humana é real e será decisiva. Rute terá de escolher. Sua saída de Moabe terá consequências concretas. Mas o texto nos permite ver que, antes de qualquer decisão de Rute, algo já havia sido posto em movimento pela misericórdia de Deus.

O movimento da graça não começa com a força de nossa decisão. Antes que Rute pudesse declarar o que escolheria, Deus já havia feito chegar até ela a notícia de Sua visita. Isso não diminui a responsabilidade da resposta; pelo contrário, dá-lhe seu verdadeiro contexto. Respondemos porque fomos alcançados.

Movemo-nos porque algo procedente de Deus chegou até nós. Passamos a desejar outro caminho porque a graça revelou que existe uma realidade além da terra à qual nos acostumamos.

Rute ainda não conhecia a extensão dessa obra. Não sabia que Boaz um dia reconheceria que ela viera buscar refúgio sob as asas do Deus de Israel. Não sabia que uma herança seria restaurada, que encontraria um redentor ou que seu nome entraria em uma linhagem real. Por enquanto, ela sabia apenas que Noemi estava voltando e que havia pão em Belém.

Às vezes, a graça começa exatamente assim: não nos mostrando todo o caminho, mas fazendo chegar até nós uma notícia suficiente para dar o primeiro passo.

Uma nova história no fim

A narrativa de Rute começa com fome, morte e vazio. Tudo parece indicar encerramento. Noemi perdeu marido e filhos. Rute perdeu o marido. Humanamente, não há uma linha clara de futuro.

Mas a graça não precisa de uma história promissora para começar. Ela entra em histórias quebradas, visita casas vazias, alcança pessoas sem herança e encontra quem não possui direitos naturais. Então começa a escrever a partir de um lugar em que o homem já não consegue produzir sozinho o desfecho.

Rute não pode criar para si uma genealogia israelita. Não pode produzir um redentor, garantir uma herança ou fabricar o futuro que mais tarde receberá. Mas Deus pode.

É por isso que sua história é tão preciosa. Até aqui, Moabe foi uma figura daquilo que o homem procura preservar. Em Rute, começamos a contemplar aquilo que acontece quando Deus decide agir onde nada parecia oferecer condições para uma nova história. A graça não encontra Rute porque ela já se tornou alguém diferente. A graça começa a torná-la parte de uma história diferente.

Por enquanto, a narrativa nos chama apenas a contemplar esse primeiro movimento da graça. O Senhor visitou Seu povo. Havia pão em Belém. Noemi ouviu a notícia e se levantou para retornar. Rute, ainda sem compreender a extensão do caminho que se abria diante dela, foi alcançada por essa notícia.

Ainda haveria despedidas, lágrimas e uma estrada. Haveria uma possibilidade real de retorno à terra que ela conhecia e, diante dela, uma escolha que não poderia ser feita por Noemi. Rute ainda precisaria responder ao que a graça começara a formar silenciosamente em seu coração.

Mas a iniciativa já não pertencia a Moabe. Pertencia a Deus.

A graça chegou antes da decisão. A visita veio antes da confissão. O pão foi dado antes que Rute soubesse que um dia recolheria espigas nos campos de Belém. Essa é a beleza do início da redenção: Deus começa a agir antes que consigamos compreender onde Sua graça pretende nos levar.

Há pão em Belém. O Senhor visitou Seu povo. E a notícia dessa visita chegou até uma mulher moabita.

Rute ainda teria de escolher entre a terra que conhecia e o povo ao qual ainda não pertencia. Mas a graça já a encontrara. E, quando chegasse a hora de responder, sua resposta revelaria que Deus já havia começado uma nova história em seu coração.

Capítulo 10

Teu povo será o meu povo

Quando a graça transfere nosso pertencimento

No capítulo anterior, vimos que a graça chegou antes da decisão de Rute. O Senhor visitou Seu povo, a notícia do pão alcançou os campos de Moabe e, por meio de Noemi, um caminho começou a abrir-se diante daquela mulher moabita. Rute ainda não havia feito sua grande confissão, nem sabia onde aquela estrada terminaria. Não conhecia Boaz, não possuía qualquer promessa de herança e não tinha diante de si nenhuma garantia natural de que sua história se tornaria melhor. Contudo, algo já havia começado a movê-la para fora da terra em que nascera.

Agora, porém, chega o momento em que aquilo que a graça iniciou silenciosamente precisa encontrar uma resposta consciente. Rute já não está apenas diante de uma estrada que conduz de Moabe a Belém. Está diante de duas histórias, dois povos e dois futuros. De um lado permanecem a terra que conhece, os vínculos que a formaram, as relações que ainda poderiam recebê-la e as seguranças que, de algum modo, talvez pudesse reconstruir. Do outro encontra-se Noemi, uma mulher viúva, empobrecida e marcada pela amargura, retornando para uma terra estrangeira aos olhos de Rute e sem possuir qualquer recurso capaz de garantir-lhe futuro.

A graça havia aberto o caminho, mas chegara o momento em que ninguém poderia responder em lugar de Rute.

Noemi não tentou tornar a decisão mais fácil. Pelo contrário, colocou diante de suas noras toda a precariedade da situação. Não prometeu casamento, prosperidade ou segurança em Belém. Não disfarçou sua própria pobreza, nem tentou convencê-las de que algo extraordinário certamente aconteceria. Ela sabia que Orfa e Rute ainda tinham diante de si uma possibilidade real de voltar para casa, reconstruir a vida entre os seus e permanecer dentro da ordem que conheciam.

“Porém Noemi disse às suas duas noras: Ide, voltai cada uma à casa de sua mãe; e o Senhor use convosco de benevolência, como vós usastes com os que morreram e comigo. O Senhor vos dê que sejais felizes, cada uma em casa de seu marido. E beijou-as. Elas, porém, choraram em alta voz e lhe disseram: Não! Iremos contigo ao teu povo. Porém Noemi disse: Voltai, minhas filhas; por que iríeis comigo? [...] Tenho eu ainda no ventre filhos que possam ser vossos maridos? [...] Não, filhas minhas, porque por vossa causa a mim me pesa mais do que a vós mesmas; porquanto a mão do Senhor se descarregou contra mim.”

Rute 1:8-13

As duas choraram. As duas demonstraram afeição por Noemi. As duas chegaram a caminhar com ela durante parte do percurso. Mas a narrativa, em determinado momento, começa a revelar uma diferença que não poderia ser percebida apenas pelas lágrimas.

“Então, choraram em alta voz outra vez; Orfa, com um beijo, se despediu de sua sogra, porém Rute se apegou a ela.”

Rute 1:14

Orfa beijou Noemi e voltou. Rute se apegou a ela.

Não há razão para tratar Orfa com desprezo. A Escritura não a apresenta como mulher cruel, indiferente ou rebelde. Sua decisão é humanamente compreensível. Noemi nada tinha para oferecer, e Moabe continuava sendo a terra em que Orfa possuía relações, história e alguma possibilidade de recomeçar. Rute, contudo, permaneceu. E a palavra escolhida pela narrativa para descrever sua atitude vai além de simples simpatia. Ela se apegou a Noemi, ligou-se a ela e permaneceu unida quando a estrada já não oferecia nenhuma vantagem visível.

Há uma diferença entre caminhar ao lado de alguém enquanto o caminho ainda permanece aberto para todas as possibilidades e continuar quando uma escolha começa a fechar as portas do retorno. A emoção pode acompanhar-nos por certa distância. O apego de Rute, porém, começa a revelar algo mais profundo: a graça que a visitara em Moabe estava produzindo nela um novo pertencimento.

A possibilidade de voltar

Depois que Orfa retorna, Noemi dirige-se novamente a Rute:

“Eis que voltou tua cunhada ao seu povo e aos seus deuses; também tu volta após tua cunhada.”

Rute 1:15

Essa palavra torna o momento especialmente significativo. Orfa não voltara apenas para uma região geográfica. Voltava ao seu povo e aos seus deuses. A estrada para Moabe conduzia de volta a uma ordem de pertencimento, a um conjunto de vínculos, memórias, referências e lealdades que haviam definido sua vida até aquele momento.

Rute conhecia muito bem aquela terra. Ali seria reconhecida como uma entre os seus. Em Belém, ao contrário, seria conhecida como moabita. Em Moabe havia uma história que podia explicar quem ela era; em Belém, dependeria de misericórdia. Em sua terra de origem havia referências naturais; entre o povo de Noemi, ela precisaria aprender a viver numa realidade que não havia recebido por nascimento.

É precisamente aqui que sua escolha adquire profundidade espiritual. A graça não apaga nossa história anterior, mas retira dela o direito de definir a quem pertencemos. Não exige que desprezemos família, cultura, origem ou responsabilidades legítimas, mas o chamado de Deus alcança inevitavelmente o centro de nossa lealdade. Em algum momento, esse chamado toca aquilo que considerávamos simplesmente “nosso” e pergunta se essas coisas ainda possuem um direito sobre nós maior do que o Seu.

Podemos sair exteriormente de uma terra e continuar pertencendo a ela por dentro. Podemos mudar de ambiente, aprender uma nova linguagem e aproximar-nos das coisas de Deus enquanto antigos princípios

continuam governando silenciosamente nossa vida. Podemos estar a caminho de Belém e ainda carregar Moabe no coração.

Por isso, a decisão de Rute não poderia ser apenas geográfica. Ela precisava responder a uma questão muito mais profunda: a quem passaria a pertencer?

Teu povo será o meu povo

É diante dessa possibilidade real de retorno que Rute pronuncia as palavras que atravessariam os séculos:

“Não me instes para que te deixe e me obrigue a não seguir-te; porque, aonde quer que fores, irei eu e, onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus. Onde quer que morreres, morrerei eu e aí serei sepultada; faça-me o Senhor o que bem lhe aprouver, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti.”

Rute 1:16–17

Essa não é apenas uma declaração de afeto por Noemi. Rute coloca diante dela caminho, morada, povo, Deus, morte e sepultamento. Sua confissão alcança praticamente todas as dimensões que davam forma à existência de uma pessoa naquele mundo. Ela não pede simplesmente permissão para continuar a viagem. Está entregando-se a uma nova história.

Neste capítulo, porém, precisamos deter-nos especialmente numa dessas frases: “O teu povo é o meu povo.”

A confissão continua imediatamente com “o teu Deus é o meu Deus”, e essas duas realidades jamais poderão ser separadas. Mas há uma riqueza particular no fato de Rute mencionar o povo antes de chegar à confissão que desenvolveremos adiante. A graça que a chama para o Deus de Israel também a chama para dentro da história de Israel. Ela não está escolhendo uma espiritualidade abstrata, desvinculada de um povo concreto. Está aceitando tornar-se estrangeira entre aqueles aos quais, por nascimento, não pertencia.

Sua origem não desaparece. O próprio livro continuará referindo-se a ela como “Rute, a moabita” (Rt 1:22; 2:2, 6, 21; 4:5, 10). Mas essa designação, em vez de aprisioná-la ao passado, passa a tornar ainda mais evidente a obra da graça. Cada vez que a narrativa lembra que Rute é moabita, recorda-nos que sua nova história não pode ser explicada pelaquilo que ela possuía por natureza.

Ela não nasceu naquele povo. Foi recebida nele pela graça.

A partir daquele momento, Moabe já não teria o direito de definir seu pertencimento final.

Quando a graça interrompe uma herança

Há algo particularmente belo nessa escolha quando a colocamos ao lado de tudo o que vimos anteriormente sobre Moabe. Aquela nação havia demonstrado indiferença em relação ao povo de Deus,

recusando pão e água aos peregrinos de Israel. Balaque olhara para Israel como ameaça e procurara amaldiçoá-lo. A história de Moabe carregava marcas de distância, rivalidade, autopreservação e resistência diante do propósito de Deus.

Agora, porém, uma mulher moabita deixa sua terra para unir seu destino ao de uma israelita vazia e vulnerável. Onde Moabe havia preservado distância, Rute escolhe proximidade. Onde a nação havia olhado para Israel como ameaça, Rute passa a reconhecer naquele povo o seu próprio povo. Onde Moabe se caracterizara pela preservação de si mesmo, Rute aceita deixar a segurança daquilo que conhecia para caminhar em direção a uma realidade que ainda não podia controlar.

A graça possui esse poder. Ela pode interromper, em uma vida, princípios que pareciam fazer parte de uma herança inevitável.

Não escolhemos muitas das coisas que recebemos em nossa formação. Herdamos maneiras de pensar, medos, valores, padrões de relacionamento e formas de interpretar o mundo. Certas características parecem tão antigas que já não conseguimos imaginar quem seríamos sem elas. Contudo, aquilo que recebemos por origem não precisa continuar governando nosso destino quando a graça de Deus entra em nossa história.

Rute continuaria sendo lembrada como moabita, mas não seria finalmente definida pelo espírito de Moabe. Sua origem explicava de onde viera. Sua fé começaria a revelar para onde estava indo.

O povo que a graça nos dá

A escolha de Rute também nos mostra que a obra de Deus nunca teve como objetivo formar apenas indivíduos espiritualmente satisfeitos em isolamento. A graça nos chama para Deus e, ao fazê-lo, insere-nos em uma comunhão maior do que a nossa própria história.

Rute não estava sendo conduzida apenas para uma experiência interior. Estava entrando em um povo, numa herança e em uma história que não poderia reivindicar por nascimento. Aquilo que nela começava como uma decisão de acompanhar Noemi acabaria colocando-a no coração da história da redenção.

No Novo Testamento, essa realidade encontra sua plenitude em Cristo. Paulo escreve que aqueles que estavam longe foram aproximados pelo sangue de Cristo. O próprio Senhor derrubou a parede de separação, fez de povos antes divididos uma nova humanidade e reconciliou-os com Deus em um só corpo por meio da cruz. Por isso, o apóstolo pode concluir:

“Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos e sois da família de Deus.”
Efésios 2:19

E, em outro lugar, afirma:

“Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo.”

1 Coríntios 12:13

Pertencer a Cristo nos introduz inevitavelmente na realidade de Seu Corpo. A mesma vida que nos une ao Filho nos coloca em comunhão com aqueles que também pertencem a Ele. Não porque uma estrutura humana nos comunique vida, mas porque Cristo não é Cabeça de membros independentes entre si. Ele forma um Corpo, uma família e uma habitação espiritual em que ninguém existe apenas para si mesmo.

Isso não significa que tudo o que se apresenta exteriormente como igreja expresse automaticamente aquilo que Deus deseja para Sua Igreja. O Novo Testamento exige discernimento, fidelidade e verdade. Mas nenhum discernimento legítimo pode transformar-se em justificativa para desprezarmos aquilo pelo qual Cristo Se entregou.

Aquele que é unido à Cabeça começa a reconhecer os membros. Aquele que recebe o Pai descobre que recebeu também uma família. A graça não nos chama para uma vida em que Deus pertence exclusivamente a nós; ela nos ensina a reconhecer que Seu povo também é nosso povo.

Uma aliança que custa

A decisão de Rute não era romântica. Custava-lhe a terra, as referências, o reconhecimento de sua origem e a possibilidade de reconstruir a vida num ambiente onde não precisaria ser estrangeira. Custava caminhar para Belém sem saber como seria recebida e aceitar um futuro para o qual Noemi não podia oferecer nenhuma garantia.

Rute não saiu de Moabe porque sabia que encontraria Boaz. Não conhecia os campos onde recolheria espigas, não sabia que encontraria favor e tampouco poderia imaginar que seu nome seria associado à linhagem de um rei. Nada disso lhe foi apresentado como condição para que partisse.

Ela simplesmente já não conseguia voltar a pertencer ao que deixava.

Há algo profundamente verdadeiro nisso. A fé nem sempre recebe um mapa completo. Muitas vezes, recebe luz suficiente apenas para o passo seguinte. O futuro permanece desconhecido, as perdas são reais e a estrada ainda não oferece explicações. Contudo, algo mudou no interior: aquilo que antes nos definia perdeu o direito de determinar nossa direção.

A verdadeira fé toca exatamente esse ponto. Ela não é uma negociação em que obedecemos depois que Deus nos mostra todas as vantagens do caminho. É uma resposta à graça já recebida, mesmo quando ainda não conhecemos a forma final que essa graça assumirá.

Rute não caminhava em direção a uma promessa que pudesse explicar. Caminhava em resposta a um chamado que já havia alcançado seu coração.

Cristo e o novo pertencimento

Em Cristo, aquilo que vemos em Rute alcança uma expressão infinitamente maior. O Filho de Deus veio reunir para Si um povo cuja identidade não seria estabelecida pela origem natural, pela raça, pela cultura, pela posição social ou por qualquer forma de mérito humano. Ele veio criar, em Si mesmo, uma nova humanidade.

Os que estavam longe foram aproximados pelo sangue de Cristo. Os estrangeiros foram recebidos na família. Aqueles que antes não eram povo são agora chamados povo de Deus, alcançados por misericórdia (1Pe 2:10).

Essa é uma das maravilhas da graça. Ela não apenas perdoa nosso passado e nos deixa à margem da casa. Ela nos introduz numa comunhão que não tínhamos direito natural de reivindicar.

Rute não seria apenas tolerada perto de Belém. Seria introduzida numa história.

Do mesmo modo, em Cristo, não recebemos apenas permissão para permanecer próximos das coisas de Deus. Somos feitos parte de uma família cuja vida procede do próprio Filho. E isso transforma nossa existência. Se Deus nos deu um povo, então a vida cristã inevitavelmente nos ensinará a amar, carregar, perdoar, servir, repartir, sofrer junto e alegrar-nos junto.

Rute não recebeu primeiro uma herança. Recebeu um povo.

E somente depois perceberia quanta graça estava escondida naquela escolha.

A pergunta diante de nós

A confissão de Rute coloca-nos diante de uma pergunta que vai muito além de nossa participação em alguma comunidade religiosa: a quem pertencemos?

Que vínculos antigos ainda reivindicam nossa lealdade final? Que histórias, tradições, interesses, medos ou identidades continuam dizendo quem somos antes que Cristo possa dizer? Desejamos uma fé que apenas nos console individualmente ou estamos dispostos a receber também o povo que Deus nos dá, com todas as exigências de amor, paciência, serviço, perdão e entrega que essa comunhão traz consigo?

Talvez seja possível desejar Belém e ainda resistir ao povo de Belém. Desejar a provisão de Deus, mas permanecer protegido da proximidade daqueles a quem Ele chama de Seus. Desejar Cristo como Salvador pessoal, mas continuar construindo uma vida em que Seu Corpo ocupa apenas um lugar periférico.

A graça, porém, não nos chama apenas para fora de uma antiga terra. Ela nos introduz em uma nova realidade de pertencimento.

Rute estava deixando mais do que Moabe. Moabe já não definiria o seu povo. Sua origem continuaria sendo parte de sua história, mas já não teria autoridade para determinar seu destino. Contudo, sua confissão não termina no pertencimento a um povo. Ela prossegue até o centro de toda verdadeira conversão: “O teu Deus é o meu Deus.”

Esse será o próximo passo da jornada. A graça não apenas muda a terra, os vínculos e a direção de uma vida; ela conduz o coração a abandonar seus antigos deuses para pertencer inteiramente ao Deus vivo.

Capítulo 11

Teu Deus será o meu Deus

A ruptura com os deuses de Moabe e a entrega exclusiva ao Senhor

A confissão de Rute não termina quando ela declara que o povo de Noemi seria seu povo. Aquela palavra já revelava uma mudança profunda de pertencimento, mas o centro de sua decisão viria logo em seguida. Noemi havia dito que Orfa retornara “ao seu povo e aos seus deuses” (Rt 1:15). Voltar para Moabe, portanto, não significava apenas regressar a uma terra conhecida, reencontrar vínculos familiares ou tentar reconstruir a vida dentro de uma história familiar. Significava retornar à ordem espiritual daquela terra, aos deuses que faziam parte de sua identidade e às referências que haviam moldado sua maneira de compreender segurança, futuro e pertencimento.

Rute responde de outra forma. Depois de dizer que o povo de Noemi seria seu povo, acrescenta: “O teu Deus é o meu Deus.” A frase é breve, mas alcança a raiz de toda a sua história. Ela não está apenas escolhendo acompanhar uma mulher israelita ou aceitar uma nova comunidade. Está reconhecendo que sua antiga ordem já não pode definir sua relação com Deus. Não procura acrescentar o Senhor àquilo que já possuía, nem tenta conservar seus antigos deuses como reserva para um futuro ainda incerto. Sua palavra revela que algo mais profundo começou a acontecer: Rute já não deseja permanecer dividida entre dois mundos.

“Eis que voltou tua cunhada ao seu povo e aos seus deuses; também tu volta após tua cunhada. Disse, porém, Rute: Não me instes para que te deixe e me obrigue a não seguir-te; porque, aonde quer que fores, irei eu e, onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus.”

Rute 1:15–16

A ordem das palavras é significativa. Noemi fala de povo e de deuses; Rute responde falando de povo e de Deus. Aquilo que antes estava distribuído entre as referências de Moabe começa agora a concentrar-se numa única direção. O Deus de Israel não seria mais uma possibilidade entre outras, nem uma ajuda adicional para uma vida que continuasse governada pelos mesmos fundamentos. Se Ele seria seu Deus, então toda a sua existência precisaria aprender a viver debaixo desse novo centro.

O Deus de Rute não seria mais o deus que protege Moabe.

Seria o Deus que a tira de Moabe.

Quando os antigos deuses deixam de sustentar

Os deuses de Moabe não existiam separados da vida daquele povo. Estavam ligados à sua compreensão de território, segurança, continuidade e identidade. Quem os reconhecia era reconhecido como o deus de Moabe (Nm 21:29; 1Rs 11:7), e a história de Peor havia mostrado como a idolatria podia penetrar o povo de Deus por meio da sedução e da mistura (Nm 25:1–3). A religião de Moabe fazia parte de uma ordem em que o homem continuava procurando preservar sua própria vida, sua posição e suas seguranças.

Por isso, voltar significaria muito mais do que simplesmente mudar de direção na estrada. Rute poderia regressar a um lugar em que seus vínculos naturais, sua cultura e seus antigos deuses continuariam oferecendo a estrutura conhecida de sua existência. Em Moabe, ela não precisaria enfrentar a condição de estrangeira. Poderia tentar recomeçar dentro de uma história que conhecia, apoiando-se novamente nas referências que haviam sustentado sua vida até então.

Mas a graça já havia tocado alguma coisa em seu interior.

Toda verdadeira volta para Deus alcança, mais cedo ou mais tarde, as fontes ocultas de nossa confiança. Ela não se limita a algumas mudanças exteriores, mas começa a perguntar onde repousamos quando sentimos medo, de onde esperamos segurança, o que sustenta nossa identidade e aquilo que julgamos indispensável para continuar vivendo. Há coisas que podem permanecer muito tempo em nossa vida sem que percebamos o lugar que ocupam, até que, em algum momento, Deus as toca e descobrimos que já não sabemos viver sem elas.

Os ídolos nem sempre possuem imagens ou altares visíveis. Muitas vezes, assumem a forma de coisas legítimas que passaram a ocupar um lugar que não lhes pertence. Recursos, relacionamentos, reconhecimento, conhecimento, reputação, controle ou posição podem tornar-se tão centrais que qualquer ameaça contra eles produz em nós um medo desproporcional. É nesse ponto que uma realidade criada começa a disputar o espaço que deveria pertencer somente a Deus.

Rute não conhecia ainda o caminho que se abriria diante dela. Não sabia como seria recebida em Belém, não conhecia Boaz, não podia prever a restauração que viria e muito menos imaginar que seu nome seria um dia ligado à linhagem real. Mas já havia chegado a um ponto em que os deuses de Moabe não podiam mais oferecer-lhe um futuro verdadeiro.

Há momentos em que a fé não nasce porque todas as respostas foram dadas, mas porque aquilo em que confiávamos já não consegue sustentar o coração.

O Deus que é um

A confissão de Rute nos conduz naturalmente ao coração da fé de Israel. O Deus de Noemi não era uma divindade local, limitada a uma região ou acrescentada a outros deuses para reforçar a segurança humana. Ele era o Senhor, o único Deus vivo, aquele que chama Seu povo para uma lealdade inteira.

“Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força.”

Deuteronômio 6:4–5

A declaração de que o Senhor é um não é apenas uma afirmação doutrinária. Ela exige uma resposta correspondente. Se Deus é único, então o coração não pode permanecer dividido entre vários centros. Ele não pode ser tratado apenas como a prioridade mais importante de uma lista que continua governada por outros interesses. Sua presença alcança tudo.

Por isso, Deuteronômio não separa a unicidade de Deus do amor. O Senhor deve ser amado de todo o coração, de toda a alma e de toda a força. Não há nessa palavra um chamado para acrescentar Deus a uma existência já organizada, mas para reconhecer que toda a vida encontra nEle sua verdadeira ordem.

A idolatria fragmenta porque distribui a confiança entre diferentes senhores. Uma parte do coração busca segurança no dinheiro, outra procura valor no reconhecimento, outra depende de relacionamentos, outra teme perder posição ou controle. A alma torna-se dividida porque precisa sustentar muitos centros ao mesmo tempo.

O senhorio de Deus faz o caminho oposto. Ele reúne aquilo que estava fragmentado e devolve à vida um único centro.

Rute estava deixando uma terra de muitos deuses para confessar o Deus único. Não conhecia ainda todas as implicações dessa palavra, mas havia começado a descobrir que não seria possível caminhar para Belém conservando intactas as antigas lealdades.

Quando Deus deixa de ser apenas uma ajuda

“O teu Deus é o meu Deus” não é uma declaração de curiosidade religiosa. Rute não afirma apenas que deseja conhecer melhor o Deus de Noemi ou experimentar Sua proteção. Sua palavra possui a força de uma entrega. O Deus de Noemi passa a ser seu Deus.

Há uma diferença profunda entre procurar Deus como auxílio em tempos difíceis e recebê-Lo como Senhor da vida. Podemos aproximar-nos dEle movidos pela dor, pela perda ou pelo medo, e muitas vezes é exatamente nesses lugares que Sua misericórdia nos encontra. Mas a graça não termina quando recebemos alívio. Ela continua trabalhando até tocar o centro de nossa existência.

Deus não deseja apenas ser aquele a quem recorremos quando os outros recursos falham. Ele chama-nos a confiar nEle antes que os demais apoios desapareçam. Deseja tornar-Se a fonte a partir da qual interpretamos o futuro, recebemos aquilo que temos e atravessamos aquilo que não compreendemos.

Rute deixa Moabe sem garantias. Não possui promessa de casamento, provisão assegurada ou posição social em Belém. Tem apenas a notícia de que o Senhor visitara Seu povo e uma convicção que a impede de

regressar à antiga ordem. Sua fé não nasce de uma promessa de facilidade, mas da descoberta de que nenhuma facilidade poderia substituir o próprio Deus.

A verdadeira liberdade começa quando Deus deixa de ser uma ajuda para a vida que queremos preservar e torna-Se o Senhor da vida que já não queremos possuir para nós mesmos.

Sob as asas do Deus de Israel

Mais tarde, Boaz compreenderia algo do significado da escolha de Rute. Depois de ouvir sobre aquilo que ela havia feito por Noemi e sobre como deixara pai, mãe e terra natal para caminhar até um povo que não conhecia, diria:

“O Senhor retribua o teu feito, e seja cumprida a tua recompensa do Senhor, Deus de Israel, sob cujas asas vieste buscar refúgio.”

Rute 2:12

Essa palavra ilumina a confissão de Rute de maneira muito bela. Dizer “o teu Deus é o meu Deus” significava vir buscar refúgio sob as asas do Deus de Israel.

Ela não saiu de Moabe para tornar-se independente. Saiu para refugiar-se.

Isso é importante porque o homem natural costuma imaginar liberdade como a capacidade de não depender de ninguém, manter todas as alternativas abertas e permanecer dono de sua própria história. Rute encontra uma liberdade diferente. Ela abandona os antigos abrigos para colocar-se debaixo de uma cobertura que não depende de sua força.

O Deus de Israel não recebe Rute porque ela chega poderosa, esclarecida ou capaz de construir sozinha uma nova vida. Recebe-a como estrangeira, viúva e vulnerável. Aquele que ela escolheu como Deus seria também aquele sob cujas asas seu futuro começaria a ser guardado.

O refúgio em Deus não é fuga da realidade. É a entrega da realidade Àquele que reina sobre ela.

E talvez esse seja um dos aspectos mais profundos da fé. Não estamos seguros porque compreendemos tudo, mas porque sabemos em cujas mãos colocamos aquilo que não conseguimos compreender.

Deixando os ídolos e voltando-se para Deus

Séculos mais tarde, Paulo descreveria a conversão dos tessalonicenses com palavras que expressam com notável clareza o movimento que vemos em Rute:

“...como, deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro.”

1 Tessalonicenses 1:9

A ordem é preciosa. Eles não apenas deixaram os ídolos. Voltaram-se para Deus.

Essa diferença impede que transformemos a vida espiritual numa simples sequência de renúncias. Podemos abandonar muitas coisas e continuar profundamente ocupados conosco mesmos. Podemos romper com práticas, ambientes e hábitos e, ainda assim, manter o coração no centro. O abandono dos ídolos só encontra seu verdadeiro sentido quando outra realidade ocupa o lugar que eles deixaram.

Rute não apenas deixa Quemos.

Ela se volta para o Senhor.

A resposta de Deus à idolatria não é simplesmente o vazio. Ele não remove falsos deuses para deixar a alma sem referência. Revela-Se como o Deus vivo e verdadeiro. Quando Sua presença começa a tornar-se preciosa, os antigos altares perdem parte de sua força porque já não parecem indispensáveis.

A transformação mais profunda não ocorre quando somos apenas convencidos de que um ídolo é errado, mas quando começamos a perceber que aquilo que procurávamos nele só pode ser encontrado verdadeiramente em Deus.

Cristo e o coração indiviso

Em Cristo, essa realidade alcança sua plenitude. O Filho de Deus não veio acrescentar uma nova religião à existência humana. Veio revelar o Pai e chamar-nos para uma vida cujo centro não está mais em nós mesmos.

O evangelho não oferece Cristo como complemento para uma existência que continua governada pelos mesmos senhores. Ele não se acomoda ao lado da autopreservação, do controle, da reputação ou do desejo de reconhecimento. Seu senhorio alcança precisamente aquilo que antes reivindicava o centro.

Paulo escreve que Cristo morreu e ressuscitou “para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2Co 5:15). Em outra passagem, descreve essa nova realidade dizendo: “logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2:20).

Essa é a profundidade da vida cristã. Não se trata apenas de receber algo de Cristo, mas de pertencer a Ele.

Quando Cristo ocupa esse lugar, outras coisas não precisam necessariamente desaparecer, mas deixam de possuir o direito de governar. Recursos continuam sendo recursos. Relacionamentos continuam sendo dádivas. Trabalho, reconhecimento, conhecimento e segurança podem ser recebidos com gratidão, desde que permaneçam no lugar de coisas recebidas e não se transformem em fontes últimas de identidade.

O problema não é possuir essas coisas.

É precisar delas para ser aquilo que somente Cristo pode fazer de nós.

Por isso, a obra do evangelho não consiste apenas em derrubar altares exteriores. Ela conduz o coração para um ponto em que Cristo se torna tão central que os antigos deuses já não encontram o mesmo espaço para governar.

A pergunta que permanece

A confissão de Rute coloca diante de nós uma pergunta simples e profunda: quem é o nosso Deus?

Não apenas o Deus de nossas palavras, músicas ou reuniões, mas aquele a quem nossa vida recorre quando tudo se torna incerto. Quem governa nossa imaginação quando pensamos no futuro? Onde repousamos quando aquilo que parecia estável começa a ser abalado? O que sentimos que não podemos perder porque, sem isso, deixamos de saber quem somos?

Há deuses que nunca chamaremos por esse nome. Não possuem templos ou imagens, mas ainda assim absorvem nossos afetos, determinam nossas decisões e despertam medo quando parecem ameaçados.

O Senhor não nos chama a abandonar essas coisas para deixar-nos vazios. Ele nos chama para Si. Não nos retira de falsos abrigos para expor-nos ao abandono, mas para receber-nos debaixo de Suas asas. Não nos liberta de senhores menores para que nos tornemos independentes, mas para que encontremos nEle a liberdade de pertencer inteiramente ao Deus vivo.

Rute deixou Moabe sem saber tudo o que a aguardava. Não conhecia o caminho completo nem possuía garantia de como seria recebida. Mas já havia chegado a um ponto em que retornar aos antigos deuses não era mais uma possibilidade para seu coração.

“O teu Deus é o meu Deus.”

Essa palavra não significa que Rute já compreendia todos os caminhos daquele Deus. Significa que já não desejava outro senhor.

E talvez seja esse o início mais profundo da fé: quando deixamos de perguntar apenas o que Deus pode fazer por nós e começamos a reconhecer que Ele próprio é aquilo de que mais precisamos.

Rute ainda não sabia, mas o Deus a quem acabara de entregar sua vida a conduziria exatamente para o lugar onde Sua provisão começaria a ser revelada.

Belém.

A casa do pão.

Capítulo 12

A casa do pão

Belém, a colheita, a provisão e a restauração da comunhão

Rute havia deixado Moabe. Tinha unido seu destino ao de Noemi, recebido o povo de Noemi como seu povo e confessado o Deus de Noemi como seu Deus. Mas a graça que a retirara da antiga terra não a conduziria para uma existência sem lugar, sem alimento ou sem futuro. O caminho que começa com uma saída de Moabe tem uma direção positiva: conduz a Belém, a casa do pão.

Ao final do primeiro capítulo, a narrativa registra a chegada das duas mulheres com uma sobriedade que não deve passar despercebida:

“Assim, Noemi voltou da terra de Moabe, com Rute, a moabita, sua nora, que voltou dos campos de Moabe; e chegaram a Belém no princípio da sega da cevada.”

Rute 1:22

A cena reúne perda e esperança. Noemi retorna vazia. Rute chega como estrangeira. Nada em sua condição exterior sugere estabilidade. Elas não voltam cercadas de bens, nem carregam recursos que lhes assegurem a sobrevivência. Noemi perdera marido e filhos; Rute perdera o marido; ambas chegam a Belém sem a segurança natural que, em outros tempos, poderia ter sustentado uma casa.

Contudo, elas chegam no princípio da ceifa.

A fome que abriu o livro não possui mais a última palavra. Belém, a casa do pão, volta a ser lugar de colheita. A provisão de Deus já estava presente antes que Rute soubesse como seria sustentada. A graça havia começado a mover sua vida em Moabe, conduzira-a pela estrada e agora a fazia entrar numa terra em que os campos começavam a oferecer alimento.

Há uma ordem preciosa na maneira como Deus trabalha. Ele não chama Seu povo para fora apenas para deixá-lo no vazio. Quando tira alguém de Moabe, não o conduz para uma terra de desamparo, mas para o lugar onde Sua provisão está sendo preparada. Nem sempre essa provisão aparece imediatamente sob a forma que esperamos. Rute não chega a Belém com uma casa, uma herança ou um futuro definido. Chega diante de campos que ainda precisará percorrer, espigas que ainda terá de recolher e misericórdias que ainda não conhece. Mas chega no lugar certo.

A casa do pão não elimina, de uma vez, toda pobreza. Ela muda a fonte da qual a vida será sustentada.

Uma casa que volta a ter pão

Há algo profundamente significativo no fato de Belém ser chamada de casa do pão e, ainda assim, a história começar com fome. A terra da promessa havia conhecido escassez. A casa que deveria alimentar encontrava-se vazia. Elimeleque e Noemi tinham saído procurando sobrevivência, e aquela busca os conduziu aos campos de Moabe.

Agora, depois de mortes, perdas e anos de ausência, Noemi retorna. Ela volta sem aquilo que lhe dera segurança no passado. Não possui marido, filhos, bens ou respostas que possam explicar sua história. Quando as mulheres de Belém a reconhecem e perguntam se aquela é Noemi, ela responde a partir da experiência de sua própria amargura:

“Não me chameis Noemi; chamai-me Mara, pois grande amargura me tem dado o Todo-Poderoso. Ditosa eu parti, porém o Senhor me fez voltar pobre; por que, pois, me chamareis Noemi, visto que o Senhor se manifestou contra mim e o Todo-Poderoso me tem afligido?”
Rute 1:20–21

Noemi ainda não consegue enxergar o que Deus está preparando. Sua leitura do passado é marcada pela perda, e sua compreensão do presente está atravessada pela dor. Ela voltou para Belém, mas ainda não voltou a experimentar a plenitude do significado de seu próprio nome. Carrega a notícia do pão, mas sua alma continua sendo habitada pela memória da fome, da morte e do vazio.

A Escritura não despreza essa condição. Ela não repreende Noemi por expressar sua dor, nem exige que ela use palavras de triunfo antes que a obra de Deus tenha se desdobrado. Há sofrimentos que não podem ser respondidos por frases rápidas. Há perdas que precisam ser choradas. Há períodos em que a fidelidade não consiste em explicar o que Deus está fazendo, mas em continuar caminhando na direção em que Ele está conduzindo.

Noemi ainda não vê a colheita completa. Mas Deus já a trouxe para o princípio da ceifa.

A providência de Deus muitas vezes começa antes que possamos reconhecê-la. Ele pode estar preparando pão enquanto ainda falamos de vazio. Pode estar iniciando uma colheita enquanto ainda enxergamos apenas a terra que perdemos. Pode estar conduzindo-nos para a restauração enquanto ainda carregamos em nós as marcas de uma longa fome.

A volta a Belém não apaga imediatamente o luto de Noemi. Mas coloca sua vida novamente no lugar onde Deus está agindo.

A colheita que espera os necessitados

Rute chega a Belém como estrangeira, viúva e pobre. Sua condição não lhe concede direito a exigir nada. Ela não volta para uma terra que lhe pertence por herança e não possui recursos para construir um novo começo por suas próprias forças. Seu primeiro movimento em Belém não será reivindicar uma porção, mas pedir permissão para recolher espigas.

“Rute, a moabita, disse a Noemi: Deixa-me ir ao campo, e apanharei espigas atrás daquele em cujos olhos eu achar mercê. Ela lhe disse: Vai, minha filha.”

Rute 2:2

Há grande beleza nessa cena. A mulher que deixara Moabe não chega a Belém tentando impor-se, provar seu valor ou reclamar direitos. Ela se apresenta como alguém que depende de favor. Não pede a primeira parte da colheita. Pede permissão para recolher aquilo que fica atrás dos ceifeiros.

A graça conduz Rute à casa do pão, mas também a ensina a viver pela misericórdia que existe naquela casa.

Esse princípio já estava presente na Lei. Deus havia ordenado a Israel que, ao colher os campos, não recolhesse inteiramente as extremidades da lavoura nem buscasse cada espiga caída. Aquilo que permanecesse deveria ser deixado para o pobre e para o estrangeiro. A provisão da terra não pertencia apenas ao proprietário. Deus havia determinado que sua abundância alcançasse também aqueles que não possuíam terra, recursos ou proteção natural.

“Quando segardes a messe da vossa terra, não rebuscareis inteiramente o canto do vosso campo, nem colhereis as espigas caídas da tua sega. [...] Para o pobre e para o estrangeiro as deixareis. Eu sou o Senhor, vosso Deus.”

Levítico 19:9-10

A casa do pão é, portanto, mais do que um lugar onde há colheita. É uma ordem de vida em que a provisão de Deus alcança o necessitado. O Senhor não havia dado campos a Israel para que os fortes acumulassem tudo e os pobres permanecessem sem sustento. A colheita devia testemunhar a bondade de Deus, a justiça de Deus e o cuidado de Deus com aqueles que não possuíam meios para garantir a própria sobrevivência.

Rute entra nessa provisão não porque possua direito natural, mas porque o Deus de Israel havia preparado, em Sua Lei, lugar para o estrangeiro e para o pobre. A mulher moabita começa a descobrir que a terra à qual chegou não é governada, em sua essência, pela mesma lógica de Moabe. Em Moabe, a autopreservação havia se tornado centro. Em Belém, a provisão de Deus abre espaço para que o necessitado encontre pão.

Há uma diferença profunda entre uma terra em que cada homem protege apenas o que é seu e uma casa em que a bondade de Deus se torna alimento repartido.

A providência que parece comum

Rute sai para recolher espigas e encontra um campo que pertencia a Boaz. A narrativa afirma que ela “por acaso” chegou à parte do campo que pertencia a ele. Mas o leitor já percebe que não existe acaso fora do governo de Deus. Aquilo que, aos olhos humanos, parece uma decisão simples de uma mulher pobre — sair, caminhar, escolher um campo e recolher espigas — está sendo silenciosamente conduzido por uma providência que ela ainda não consegue discernir.

“Foi, pois, ela, chegou e apanhava espigas no campo após os segadores. E, por acaso, entrou na parte da herdade que pertencia a Boaz, o qual era da família de Elimeleque.”

Rute 2:3

A providência de Deus raramente se apresenta com o ruído que imaginamos. Muitas vezes, ela trabalha nos movimentos comuns da vida: uma estrada percorrida, uma notícia ouvida, uma decisão tomada, uma porta aberta, um campo encontrado, uma palavra recebida, um encontro aparentemente casual. O Senhor não deixa de estar agindo porque não vemos sinais extraordinários. Sua mão pode ser mais profunda precisamente quando a história parece seguir pela simplicidade de seus caminhos.

Rute não sai de casa sabendo que encontrará Boaz. Ela sai procurando espigas. Não busca um redentor; busca pão para si e para Noemi. Não procura uma herança; procura alimento para aquele dia. Contudo, no caminho da humildade, da dependência e da fidelidade no pouco, ela encontra uma realidade maior do que imaginava.

Essa é uma das maneiras pelas quais a graça conduz. Deus não nos entrega sempre a visão inteira de Seu propósito. Muitas vezes, coloca diante de nós apenas a próxima obediência. Rute precisava ir ao campo. Precisava recolher espigas. Precisava fazer o que estava ao alcance de sua fé naquele dia. E, enquanto ela fazia o que lhe fora concedido fazer, Deus conduzia sua história para além de tudo o que ela poderia pedir ou imaginar.

Há pessoas que desejam conhecer o fim antes de obedecer ao começo. Gostariam de saber onde está Boaz antes de entrar nos campos. Querem uma garantia de redenção antes de aprender a recolher espigas. Mas a graça não nos chama a dominar o futuro. Chama-nos a ser fiéis à luz que já recebemos.

A casa do pão começa, muitas vezes, com uma espiga recolhida.

O pão repartido

Boaz ainda será contemplado mais adiante, quando a narrativa nos conduzir à questão da redenção. Por enquanto, é suficiente perceber que, no campo dele, Rute não encontra apenas trabalho. Encontra acolhimento.

Boaz pergunta aos seus servos quem é aquela jovem. Ao saber que se trata de Rute, a moabita, e ao ouvir sobre sua fidelidade para com Noemi, dirige-se a ela com palavras de proteção e cuidado. Ele pede que não vá a outro campo, que permaneça perto de suas servas e que beba da água provida para os trabalhadores.

“Não vás colher a outro campo, nem tampouco passes daqui, porém aqui ficarás com as minhas servas. Os teus olhos estarão no campo que segarem, e irás após elas. Não dei eu ordem aos moços que te não toquem? Quando tiveres sede, vai aos vasos e bebe do que os moços tiraram.”

Rute 2:8-9

Há uma delicadeza particular nessa provisão. Rute, que viera de Moabe, terra que não saía ao encontro de Israel com pão e água, encontra agora, em Belém, água disponibilizada para sua sede e proteção em meio ao campo. Aquilo que Moabe havia recusado ao povo de Deus torna-se, para uma mulher que sai de Moabe, expressão da misericórdia que Deus preparou em Sua casa.

Mais tarde, no momento da refeição, Boaz convida Rute a aproximar-se:

“À hora de comer, Boaz lhe disse: Achega-te para aqui, e come do pão, e molha o teu bocado no vinho. Ela se assentou ao lado dos segadores, e ele lhe deu grãos tostados; ela comeu, se fartou e ainda sobejou.”
Rute 2:14

Rute não apenas encontra espigas caídas. Ela é chamada para perto. Não apenas recolhe o que sobra no campo; recebe pão à mesa. Não apenas come; come até se fartar e ainda guarda o que sobra para levar a Noemi. A mulher estrangeira, viúva e pobre começa a experimentar que a provisão de Deus é mais generosa do que sua necessidade imediata.

A graça não humilha o necessitado que chega pela fé. Ela lhe dá lugar.

Isso não significa que Rute deixa de trabalhar ou que a provisão se torna irresponsabilidade. Ela continua no campo, colhe até o entardecer, debulha o que recolheu e leva o alimento para casa. A graça não elimina a fidelidade no pouco; ela transforma o campo de trabalho em lugar de provisão, dignidade e comunhão.

A casa do pão não é um lugar onde a necessidade é negada. É um lugar onde a necessidade encontra resposta na bondade de Deus.

Cristo, o Pão da vida

Belém não é o fim da história. O pão, a ceifa, o campo, a mesa e a provisão apontam para uma realidade maior. A cidade da casa do pão se torna, mais tarde, o lugar do nascimento daquele que declararia: “Eu sou o pão da vida.”

Cristo não veio apenas trazer provisão. Ele veio ser a provisão de Deus para a fome mais profunda do homem. O coração humano pode atravessar campos férteis e ainda permanecer faminto. Pode possuir recursos, conhecimento, reconhecimento e segurança exterior, mas continuar sem a vida que procede de Deus. Moabe pode oferecer campos; somente Cristo oferece vida.

“Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede.”
João 6:35

A chegada de Rute a Belém não deve ser reduzida a uma mudança de circunstância. Ela aponta para a passagem da terra que preserva o homem em sua antiga condição para a casa onde Deus alimenta aqueles que dependem dEle. Rute não chega forte. Chega pobre. Não chega reivindicando. Chega recolhendo. Não chega trazendo uma herança. Chega buscando favor.

E é precisamente nessa condição que ela começa a encontrar pão.

Assim acontece com todos os que se aproximam de Cristo. Não chegamos com méritos que possam exigir lugar em Sua mesa. Não trazemos recursos capazes de comprar nossa redenção. Vimos como necessitados. E Aquele que é o Pão da vida não rejeita os que vêm a Ele.

A casa do pão, em seu sentido mais profundo, é Cristo.

Nele, os estrangeiros encontram acolhimento. Os famintos recebem alimento. Os cansados encontram descanso. Os que não possuem herança recebem uma promessa. Os que vinham de longe são aproximados. E aqueles que chegaram recolhendo espigas começam a descobrir que a graça os chama para perto da mesa.

A pergunta diante de nós

A jornada de Rute nos faz uma pergunta simples: para onde estamos indo quando reconhecemos que Moabe já não pode sustentar nossa vida? É possível sair de uma terra de mistura e ainda permanecer sem direção. É possível abandonar fontes antigas de segurança e procurar apenas outras fontes semelhantes. Mas a graça de Deus não nos tira de Moabe para deixar-nos em uma estrada sem fim. Ela nos conduz para a casa do pão.

Talvez alguns estejam cansados de tentar sobreviver em campos que nunca foram capazes de alimentar a alma. Talvez tenham aprendido a recolher recursos, construir seguranças e preservar o que possuem, mas ainda conheçam uma fome que nada disso consegue satisfazer. A boa notícia de Belém continua sendo esta: o Senhor visitou Seu povo, e há pão em Sua casa.

A casa do pão não promete que todo caminho será fácil. Rute ainda precisa trabalhar, recolher, esperar e aprender. Noemi ainda carrega marcas de sua dor. A redenção ainda não foi plenamente revelada. Mas a provisão já começou.

Rute chega a Belém no princípio da ceifa.

E, quando a graça nos conduz de volta à casa do pão, descobrimos que Deus já havia preparado alimento antes mesmo que soubéssemos como encontrá-lo.

Capítulo 13

Aos pés de Boaz

Humildade, cobertura, redenção e o Redentor

A chegada de Rute a Belém abriu diante dela uma casa do pão. Nos campos, encontrou provisão; na colheita, encontrou favor; e à mesa de Boaz começou a experimentar uma bondade que ultrapassava sua necessidade imediata. Mas a provisão de um dia não resolvia toda a profundidade de sua condição. Rute ainda era viúva, estrangeira e pobre. Noemi continuava sem marido, sem filhos e com uma herança que não podia recuperar por suas próprias forças. Havia pão no campo, mas ainda havia uma história que precisava ser redimida.

É nesse ponto que a narrativa conduz Rute para a eira e, finalmente, aos pés de Boaz. A cena possui uma reverência própria e deve ser lida com sobriedade. Não é a aproximação de uma mulher tentando assegurar, por iniciativa natural, o futuro que lhe faltava. É a aproximação de alguém que reconhece sua necessidade e se coloca diante daquele que possui direito, capacidade e disposição para tratar daquilo que ela não pode resolver por si mesma.

Noemi compreende que o favor de Boaz não era casual. Ele pertencia à família de Elimeleque e estava ligado à responsabilidade de resgate. Por isso, fala a Rute sobre descanso:

“Minha filha, não hei de eu buscar-te um lar, para que sejas feliz?”

Rute 3:1

A palavra “lar” carrega também a ideia de repouso, de uma condição de segurança que Rute não poderia produzir para si. Noemi não está apenas procurando casamento como resposta social à viuvez de sua nora. Ela discerne que, na providência de Deus, existe um caminho de redenção para a casa que havia sido esvaziada pela fome, pela morte e pela perda.

Há situações em nossa vida que não são resolvidas apenas com esforço, trabalho ou sinceridade. Rute já demonstrara fidelidade. Havia deixado Moabe, apegado-se a Noemi, chegado a Belém, recolhido espigas e trabalhado com diligência. Nada disso era pequeno. Mas nenhuma dessas coisas podia, por si só, devolver-lhe uma herança, restaurar o nome dos mortos ou garantir-lhe um lugar permanente na história da promessa.

A fidelidade é preciosa, e a obediência no pouco é necessária. Ainda assim, existe uma obra que somente o Redentor pode realizar.

A necessidade de um redentor

A Lei de Israel preservava uma verdade importante: a terra não era, em última instância, propriedade absoluta de homem algum. Ela pertencia ao Senhor. Por isso, quando alguém caía em pobreza e precisava vender parte de sua propriedade, um parente próximo podia exercer o direito de resgate, comprando de volta aquilo que havia sido perdido para que a herança não desaparecesse da família.

“Se teu irmão empobrecer e vender alguma parte da sua possessão, então virá o seu resgatador, seu parente, e resgatará o que seu irmão vendeu.”

Levítico 25:25

Essa provisão da Lei revelava que Deus não tratava a herança como questão secundária. A pobreza não deveria ter a palavra final sobre uma família. A perda não precisava ser recebida como destino inevitável. O Senhor havia estabelecido, dentro da vida de Seu povo, uma provisão de misericórdia: alguém próximo poderia assumir o custo necessário para restaurar aquilo que o necessitado não conseguia recuperar.

A história de Noemi e Rute se encontra exatamente nesse lugar. Elas não possuem os recursos para redimir a terra, restaurar a continuidade da família ou assegurar o futuro. A necessidade delas não é apenas emocional ou econômica. É uma necessidade de redenção.

Boaz, porém, não é um estranho. Ele pertence à família de Elimeleque. É um homem de recursos. É honrado em sua conduta. E, acima de tudo, está disposto a agir segundo aquilo que Deus havia estabelecido.

A graça de Deus não apresenta o Redentor como uma ideia distante. Ela o aproxima da necessidade humana.

Rute não precisa produzir um redentor. Precisa reconhecer que necessita de um.

Isso é decisivo para a vida espiritual. O homem natural deseja resolver sua própria história. Quer reunir recursos, construir garantias, reparar perdas e assegurar uma herança por sua própria força. Mesmo quando se aproxima de Deus, muitas vezes deseja apenas receber ajuda para continuar sendo o redentor de si mesmo.

Mas chega um ponto em que precisamos reconhecer que nossa necessidade é maior do que nossa capacidade. Não podemos redimir nossa própria vida. Não podemos comprar de volta aquilo que o pecado, a morte e a velha natureza levaram. Não podemos restaurar por nossa própria força a herança para a qual Deus nos criou. Precisamos de alguém que seja próximo o suficiente para nos representar, forte o suficiente para assumir o custo e disposto o suficiente para fazer aquilo que nós jamais poderíamos fazer.

Precisamos de um Redentor.

Aos pés daquele que pode redimir

Rute obedece à orientação de Noemi. Depois que Boaz come, bebe e se deita junto ao monte de grãos, ela se aproxima com reverência, descobre-lhe os pés e se deita. À meia-noite, Boaz desperta, percebe que há uma mulher aos seus pés e pergunta quem ela é.

Rute responde:

“Eu sou Rute, tua serva; estende a tua capa sobre a tua serva, porque tu és resgatador.”

Rute 3:9

A expressão “estende a tua capa” possui uma relação significativa com a imagem das asas usada anteriormente por Boaz. Em Rute 2:12, ele havia dito que ela viera buscar refúgio sob as asas do Deus de Israel. Agora, Rute pede que Boaz estenda sua cobertura sobre ela, precisamente porque ele é resgatador.

Não se trata de uma tentativa de manipular Boaz, nem de uma aproximação marcada por impureza. A narrativa preserva a dignidade de Rute e a integridade de Boaz. Ela se coloca aos pés dele como serva e faz um apelo que reconhece sua própria necessidade. Boaz responde não com exploração, mas com honra. Ele não usa a vulnerabilidade de Rute para proveito próprio. Reconhece sua virtude e assume, com seriedade, a responsabilidade de tratar a questão segundo a justiça.

Há uma beleza profunda nessa cena. Rute, que havia deixado Moabe, não chega a Boaz exigindo direitos. Não se aproxima sustentada por mérito. Não reivindica herança como quem possui recursos para comprá-la. Ela se coloca aos pés daquele que pode redimir.

A posição aos pés de Boaz não é humilhação sem esperança. É humildade cheia de fé. É a confissão silenciosa de que sua vida precisa de uma cobertura que ela não pode criar, de uma herança que ela não pode recuperar e de um futuro que ela não pode assegurar.

Toda verdadeira aproximação de Cristo possui algo dessa atitude. Não chegamos diante dEle como aqueles que possuem em si mesmos uma solução. Não podemos cobrir nossa própria vergonha, pagar nossa própria dívida ou construir uma justiça que nos introduza na presença de Deus. Aproximamo-nos porque reconhecemos que somente Ele pode fazer por nós aquilo que jamais conseguiríamos realizar sozinhos.

A fé não é o orgulho de quem exige. É a confiança de quem se coloca aos pés do Redentor.

A cobertura que não envergonha

Boaz responde a Rute com bondade e honra. Ele não trata sua aproximação como inconveniente, nem a manda embora como alguém indigno de misericórdia. Pelo contrário, reconhece que sua decisão de buscar redenção revela uma fidelidade ainda maior do que aquela que demonstrara antes.

“Bendita sejas tu do Senhor, minha filha, porque melhor fizeste a tua última benevolência do que a primeira, pois não foste após jovens, quer pobres, quer ricos. Agora, pois, minha filha, não temas; tudo

quanto disseste te farei, pois toda a cidade do meu povo sabe que és mulher virtuosa.”

Rute 3:10–11

Rute havia chegado a Belém como moabita. Viera como estrangeira, viúva e pobre. Agora, Boaz fala dela como mulher virtuosa. A graça não nega sua origem, mas começa a manifestar uma realidade maior do que a origem. A mulher que poderia ser definida por sua terra passa a ser conhecida por uma fé que se apegou ao Deus de Israel, por uma fidelidade que não buscou vantagem e por uma vida que encontrou nova direção.

Mas Boaz também revela que existe um parente mais próximo. Ele está disposto a redimir, mas não se move sem honrar a ordem estabelecida. Sua disposição não anula a justiça. Seu amor não despreza a verdade. Ele promete tratar a questão no tempo certo, diante daqueles que precisam reconhecer o direito de resgate.

Essa é uma característica essencial da redenção divina. Deus não salva ignorando Sua própria justiça. A cruz não é um gesto sentimental pelo qual o pecado é simplesmente esquecido. Em Cristo, graça e verdade se encontram. O Redentor assume o custo. A dívida não é negada; é paga. A herança não é tomada por força; é restaurada segundo uma justiça que o próprio Deus estabelece.

Boaz não oferece a Rute apenas palavras de conforto. Ele se compromete a agir.

A graça verdadeira possui custo. E esse custo não é colocado sobre aquele que precisa ser redimido. É assumido pelo Redentor.

A espera da fé

Depois de falar com Boaz, Rute retorna a Noemi. Ela leva consigo seis medidas de cevada, sinal de que a provisão continua presente enquanto a redenção ainda não foi plenamente concluída. Noemi compreende que Boaz não descansará enquanto não resolver a questão naquele mesmo dia.

“Espera, minha filha, até que saibas como sairá o caso; porque aquele homem não descansará enquanto não resolver este caso ainda hoje.”

Rute 3:18

Há momentos em que a fé precisa trabalhar; Rute já havia aprendido isso nos campos. Há momentos em que a fé precisa caminhar, como quando deixou Moabe. Há momentos em que precisa confessar, como diante de Noemi. Mas há também momentos em que a fé precisa esperar.

Esperar não é abandonar a esperança, nem voltar à passividade de quem se entrega ao desespero. É descansar na obra daquele que assumiu a causa. Rute não volta para a eira tentando resolver por si mesma aquilo que Boaz havia tomado sobre si. Retorna a Noemi e espera, porque a questão já está nas mãos do redentor.

Essa é uma das lições mais difíceis para o coração natural. Gostamos de participar daquilo que podemos controlar. Temos dificuldade de descansar quando o resultado depende de outro. Queremos acrescentar nossa força, nossas explicações e nossas tentativas de assegurar o desfecho. Mas há uma parte da redenção que não pode ser realizada por nós.

Depois de nos colocarmos aos pés de Cristo, somos chamados a descansar na suficiência de Sua obra. Não porque nossa vida deixe de requerer obediência, vigilância e resposta, mas porque a base de nossa redenção não repousa na força de nossa fé, na intensidade de nosso esforço ou na capacidade de resolvermos nossa própria condição.

Ela repousa nAquele que assumiu nossa causa.

A fé não é chamada a produzir o preço da redenção. É chamada a confiar no Redentor.

Cristo, nosso verdadeiro Redentor

Boaz não é Cristo em todos os detalhes, e a narrativa de Rute não deve ser reduzida a uma alegoria em que cada gesto recebe um significado fixo. Ainda assim, a história apresenta uma figura de redenção que encontra sua plenitude no Filho de Deus.

Boaz era próximo. Pertencia à família e podia representar a causa daqueles que haviam perdido sua herança. Cristo também Se aproximou de nós. O Filho eterno assumiu nossa humanidade, participou de carne e sangue e entrou verdadeiramente em nossa condição, para que pudesse assumir nossa causa (Hb 2:14–17). Ele não nos redimiu à distância.

Boaz possuía recursos para exercer o resgate. Cristo possui toda a suficiência necessária para salvar. Nenhuma dívida é maior que Sua graça, nenhuma ruína está além de Sua capacidade e nenhuma perda pode frustrar o propósito de Deus em Seu Filho.

Boaz estava disposto a agir. Cristo não apenas possui capacidade para salvar; Ele nos amou e Se entregou por nós. Paulo afirma que, na plenitude do tempo, Deus enviou Seu Filho “para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos” (Gl 4:4–5). A redenção não é arrancada das mãos de um Deus relutante. Ela procede do coração daquele que, em Cristo, tomou sobre Si aquilo que nos condenava para nos introduzir numa herança que não poderíamos alcançar por nós mesmos.

“Pois sabeis que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo.”

1 Pedro 1:18–19

O preço de nossa redenção não foi prata ou ouro. Cristo não apenas declarou que desejava salvar-nos. Ele assumiu o custo.

Na cruz, graça e justiça não competem entre si. A dívida não é ignorada, mas tratada. O pecado não é chamado de irrelevante, mas julgado. E aquilo que jamais poderíamos pagar é assumido pelo próprio Redentor.

Rute precisava de alguém próximo, capaz e disposto. Em Cristo, encontramos tudo isso de forma perfeita.

Ele Se fez próximo. Possui toda a suficiência. E entregou-Se voluntariamente para nos redimir.

Aos pés de Cristo

Rute pediu cobertura porque precisava de um redentor. Sua esperança já não estava na capacidade de reorganizar a própria vida, mas na fidelidade daquele a quem havia entregue sua causa.

Em Cristo, essa realidade alcança uma profundidade ainda maior. Aos Seus pés, descobrimos que não precisamos esconder nossa pobreza espiritual nem apresentar uma versão melhorada de nós mesmos. Não somos recebidos porque conseguimos provar nossa dignidade, mas porque o Redentor decidiu assumir aquilo que não podíamos resolver.

Ele não apenas cobre nossa vergonha. Trata sua raiz. Não apenas perdoa nossa dívida. Concede-nos vida. Não apenas nos livra de uma antiga condenação. Introduz-nos numa herança que jamais poderíamos produzir.

A redenção em Cristo é maior do que a simples recuperação do que perdemos. Ela nos introduz em uma realidade que não possuíamos anteriormente. Somos reconciliados com Deus, recebidos como filhos e feitos participantes de uma herança incorruptível, sem mácula e imarcescível (Rm 5:1; Gl 4:5-7; 1Pe 1:3-4).

Rute ainda não sabia tudo o que viria. Aos pés de Boaz, conhecia apenas sua necessidade e a capacidade daquele homem de tratar sua causa.

Mas isso era suficiente para esperar.

A pergunta diante de nós

Rute nos chama a reconhecer que há uma parte da vida que não pode ser resolvida pela força de nossas mãos. Podemos trabalhar nos campos, recolher espigas, caminhar pela estrada da fé e responder à graça que nos chama. Mas não podemos redimir a nós mesmos.

Onde ainda estamos tentando ser os redentores da nossa própria história? Que perda tentamos resolver apenas pelo controle? Que vergonha procuramos cobrir com esforço? Que futuro desejamos garantir por recursos naturais? Que dívida interior ainda carregamos como se pudéssemos pagá-la por conta própria?

A graça nos conduz aos pés do Redentor, não para eliminar nossa obediência, mas para libertá-la da ansiedade de precisar produzir aquilo que somente Cristo pode realizar. Há uma grande liberdade quando deixamos de tentar salvar a nós mesmos e reconhecemos que a obra da redenção repousa inteiramente sobre Aquele que assumiu nossa causa.

Rute se colocou aos pés de Boaz e descobriu que sua necessidade não seria tratada por sua própria força, mas pela fidelidade de um redentor. Assim também acontece diante de Cristo. Quando cessamos de tentar redimir a nós mesmos e nos entregamos Àquele que assumiu nosso lugar, começamos a compreender que a velha história já não possui a palavra final.

A redenção começa quando a causa deixa nossas mãos e passa para as mãos do Redentor.

Capítulo 14

Uma moabita na linhagem do Rei

Obede, Jessé, Davi e a soberania da graça que conduz ao Messias

A história de Rute começou em uma terra marcada pela fome, pela viuvez e pelo vazio. Ela havia nascido em Moabe, pertencera a uma história que, ao longo das Escrituras, carregava os sinais da autopreservação, da distância em relação ao povo de Deus, da soberba, da idolatria e da mistura. Não possuía direito natural à herança de Israel. Não podia construir para si uma nova origem, garantir um futuro ou redimir aquilo que havia se perdido.

Mas a graça de Deus não a encontrou para deixá-la apenas na condição de estrangeira acolhida. Encontrou-a para introduzi-la em um propósito que Rute não poderia enxergar quando deixou Moabe. Aquela mulher havia seguido Noemi sem saber que encontraria Boaz. Chegara a Belém sem saber que os campos da cevada se tornariam lugar de provisão. Colocara-se aos pés do redentor sem saber até onde a redenção alcançaria.

A graça, muitas vezes, revela apenas o passo seguinte. Enquanto caminhamos na fidelidade de cada dia, porém, Deus está trabalhando dentro de uma história maior do que conseguimos compreender.

Boaz tomou Rute por mulher. E o texto afirma, com a simplicidade que caracteriza os grandes movimentos da providência divina, que o Senhor lhe concedeu conceber.

“Assim, tomou Boaz a Rute, e ela passou a ser sua mulher; coabitou com ela, e o Senhor lhe concedeu que concebesse, e teve um filho.”

Rute 4:13

O filho nasce no lugar em que antes havia morte. A casa que fora esvaziada pela perda começa a experimentar novamente vida. Noemi, que voltara de Moabe dizendo ter partido cheia e retornado vazia, recebe nos braços uma criança. A mulher que não via futuro começa a perceber que Deus não havia encerrado sua história.

A narrativa, contudo, não apresenta esse nascimento apenas como consolação privada. O filho de Rute e Boaz pertence a uma história de redenção que alcança Noemi, Belém, Israel e, no propósito de Deus, todas as gerações que viriam depois.

Um filho para Noemi

As mulheres de Belém reconhecem que a mão de Deus havia operado. Não falam apenas de Rute e Boaz. Dirigem-se a Noemi e bendizem ao Senhor porque sua casa não havia sido deixada sem restauração.

“Então, as mulheres disseram a Noemi: Seja o Senhor bendito, que não deixou, hoje, de te dar um neto que será teu resgatador, e seja o seu nome afamado em Israel. Ele será restaurador da tua vida e consolador da tua velhice, pois tua nora, que te ama, o deu à luz, e ela te é melhor do que sete filhos.”

Rute 4:14-15

A frase é extraordinária. Noemi havia perdido dois filhos. Rute, a moabita, torna-se agora para ela “melhor do que sete filhos”. A estrangeira, que chegara sem direito natural à herança, é reconhecida como instrumento da restauração de uma casa que parecia definitivamente esvaziada.

A graça não apenas leva Rute a Belém. Faz da própria Rute um meio de vida para Noemi.

Há um movimento profundamente redentor nessa história. Noemi, que havia chegado amarga, agora recebe consolo. A mulher que se via vazia segura uma criança nos braços. A casa que parecia encerrada recebe continuidade. Deus não ignora a dor que ela atravessou, nem faz de conta que a perda nunca existiu. A restauração não apaga automaticamente as lágrimas do passado, mas revela que elas não possuem poder para frustrar o propósito final de Deus.

O Senhor não havia abandonado Noemi em Moabe. Mesmo quando ela só conseguia enxergar vazio, Deus já estava conduzindo Rute, preparando Belém, preservando Boaz e guardando uma história que ainda não era visível.

A providência de Deus não se limita ao que conseguimos compreender enquanto a atravessamos.

Muitas vezes, somente mais tarde percebemos que o Senhor estava trabalhando em lugares onde julgávamos haver apenas perda. Não porque toda dor seja facilmente explicável, nem porque devamos minimizar aquilo que fere o coração, mas porque Deus é capaz de fazer surgir vida onde o homem só consegue ver encerramento.

Obede, Jessé e Davi

As mulheres chamam o menino de Obede. O livro registra então uma frase que altera completamente a escala da narrativa:

“As vizinhas lhe deram nome, dizendo: A Noemi nasceu um filho. E chamaram-no Obede. Este é o pai de Jessé, pai de Davi.”

Rute 4:17

Até esse ponto, o livro poderia parecer apenas a história de uma família em crise. Uma fome em Belém, uma mudança para Moabe, a morte de um marido e de dois filhos, viúvas sem futuro, o retorno de Noemi com as mãos vazias, uma estrangeira recolhendo espigas para sobreviver e um parente resgatador assumindo uma causa que não lhe era indiferente.

Então a narrativa abre diante de nós uma perspectiva muito maior.

Deus estava trabalhando na linhagem real.

Obede seria pai de Jessé, e Jessé seria pai de Davi. O filho que nasce nos braços de Noemi torna-se parte da história pela qual Deus prepararia o rei segundo o Seu coração. Aquilo que parecia pequeno, local e quase escondido nos campos de Belém estava ligado a um propósito que alcançaria Israel inteiro e avançaria muito além daquele tempo.

Essa é uma das maneiras mais belas pelas quais Deus revela Seu governo. Ele não despreza os detalhes da história humana: a fome, o luto, o trabalho no campo, a necessidade de pão, a fidelidade de uma nora, a integridade de um homem e o nascimento de uma criança. Nada disso é pequeno quando está nas mãos do Senhor.

Deus conduz Seu propósito por caminhos que frequentemente parecem comuns. Enquanto os homens procuram grandes acontecimentos, Ele trabalha em casas, estradas, campos, colheitas, mesas e famílias. Enquanto alguém pensa estar apenas recolhendo espigas para o sustento de um dia, Deus pode estar preservando uma história que alcançará gerações.

A soberania de Deus não anula a fidelidade humana. Rute escolheu não voltar. Noemi se levantou para retornar. Boaz agiu com integridade. Mas, por trás dessas respostas reais, havia uma mão maior conduzindo cada passo para um propósito que nenhum deles conseguia enxergar plenamente.

Uma origem vencida pela graça

A genealogia final do livro possui uma mensagem silenciosa e poderosa. Ela não apaga Rute. Não a esconde atrás de Boaz, nem tenta tornar a história mais respeitável aos olhos humanos eliminando a lembrança de sua origem.

Rute permanece Rute.

A moabita permanece moabita.

Mas a graça transforma o significado dessa origem.

Sua terra não podia dar-lhe entrada na herança de Israel. Sua história não lhe oferecia direito natural a Belém. Nada em seu nascimento a colocava na linha da promessa. E, no entanto, Deus a introduz precisamente na história que conduz a Davi.

A graça não apaga a verdade de onde Rute veio. Ela a vence.

O que poderia parecer barreira torna-se testemunho. O nome “moabita”, repetido pela narrativa, não existe para mantê-la presa ao passado, mas para tornar evidente que a misericórdia de Deus alcança aqueles que não possuem mérito ou reivindicação natural. Rute não é recebida porque Moabe tenha se tornado digno. É recebida porque Deus é gracioso.

Essa verdade alcança todos nós. Nenhuma origem humana concede direito diante de Deus. Nenhuma história familiar, cultural, religiosa ou moral pode tornar alguém merecedor da vida que procede do alto. Se somos recebidos, somos recebidos pela graça. Se encontramos lugar no propósito de Deus, é porque Ele, em Cristo, nos aproximou quando estávamos longe.

Rute mostra que a origem explica o passado, mas não determina o destino de uma vida alcançada por Deus.

Moabe pode ter sido o lugar de seu nascimento.

Belém se tornou o lugar de sua nova história.

E, dessa nova história, surgiria a linhagem real.

O Rei que viria

O livro de Rute termina em Davi, mas a história não termina nele. A linha que passa por Rute continua avançando.

Quando Mateus abre seu Evangelho, começa com uma genealogia. Aos olhos apressados, genealogias podem parecer apenas listas de nomes, mas, na Escritura, elas testemunham que Deus não abandona Sua promessa ao longo das gerações. Elas mostram que o propósito divino atravessa tempos de fidelidade e infidelidade, exílios e retornos, glórias e ruínas, preservando uma linha até que aquilo que foi prometido encontre seu cumprimento.

E, no meio da genealogia de Jesus, Mateus registra Rute pelo nome:

“Salmom gerou de Raabe a Boaz; Boaz gerou de Rute a Obede; Obede gerou a Jessé; Jessé gerou o rei Davi.”

Mateus 1:5–6

Séculos depois de sua caminhada para fora de Moabe, Rute reaparece na genealogia de Jesus Cristo.

Essa menção possui enorme beleza. Mateus poderia simplesmente apresentar a sucessão masculina da linhagem, mas faz questão de registrar que Boaz gerou Obede de Rute. A mulher que chegou a Belém como estrangeira permanece visível na história que conduz ao Messias.

Rute não sabia disso quando deixou Moabe. Não podia imaginar que sua decisão à beira da estrada, suas espigas recolhidas nos campos e sua confiança no Deus de Israel participariam de uma linhagem que conduziria ao nascimento de Cristo. Também não precisava saber.

Sua responsabilidade era permanecer fiel à luz que havia recebido.

O propósito de Deus nunca depende de nossa capacidade de enxergar toda a sua extensão. Ele pede que caminhemos pela fé, não que possuamos antecipadamente a explicação de cada passo. A fidelidade de Rute parecia pequena aos olhos humanos, mas foi recebida e incorporada por Deus a uma história muito maior do que ela mesma.

A redenção de uma família em Belém fazia parte da preparação para a vinda do Rei.

Davi apontava para um Rei maior.

Boaz apontava para um Redentor maior.

Belém apontava para uma provisão maior.

E Rute, a moabita, tornava-se testemunho da graça que alcança os que estavam longe e os introduz na história do Filho.

Cristo, o Rei e o Redentor

Boaz havia assumido uma causa que Rute e Noemi não podiam resolver, restaurando uma herança ameaçada pela pobreza e pela morte. Em Cristo, essa realidade alcança sua plenitude. O Filho de Davi assume uma causa infinitamente maior: a de uma humanidade incapaz de redimir a si mesma.

Ele não paga com prata ou ouro, mas entrega Sua própria vida. Não restaura apenas uma herança terrena ameaçada de desaparecer, mas introduz aqueles que estavam longe numa herança incorruptível. Não apenas trata uma história familiar interrompida pela morte, mas vence a própria morte e forma para Si um povo redimido.

Cristo é o Filho de Davi, o Rei prometido, aquele em quem o governo de Deus encontra sua expressão plena. É também o verdadeiro Redentor, que tomou sobre Si aquilo que jamais poderíamos resolver por nossas próprias forças.

A história de Rute nos ajuda a enxergar algo do coração dessa redenção. Deus não apenas retira alguém de uma condição antiga. Ele introduz essa pessoa em Seu propósito. Não apenas perdoa o passado, mas concede lugar, família, herança e futuro. Não apenas chama Rute para fora de Moabe; conduz seus passos até uma história que culmina em Cristo.

Rute entrou na linhagem do rei.

E essa linhagem conduziu ao Rei eterno.

A pergunta diante de nós

A história de Rute nos ensina que nenhum passo de fé oferecido a Deus é insignificante, mesmo quando parece pequeno, oculto e incapaz de alterar os grandes movimentos da história. Rute não conhecia Obede quando deixou Moabe. Não conhecia Jessé. Não conhecia Davi. Não podia imaginar o Messias. Mas conhecia o suficiente para não voltar, para apegar-se a Noemi, para escolher o Deus de Israel, para recolher espigas com humildade e para confiar na redenção de Boaz.

Deus não pede que enxerguemos toda a genealogia antes de dar o próximo passo. Ele pede que pertençamos inteiramente a Ele no lugar em que estamos.

Talvez existam histórias que hoje pareçam pequenas demais para carregar qualquer significado maior: um ato de fidelidade que ninguém vê, uma decisão de não retornar a uma antiga terra, a disposição de servir alguém enfraquecido, a escolha de permanecer quando tudo convida à fuga, uma vida entregue a Deus sem garantias naturais. Mas o Senhor continua trabalhando em sementes, campos e casas. Ele continua incorporando a fidelidade escondida a propósitos que ultrapassam nossa visão.

Rute saiu de Moabe sem saber que entraria na linhagem do Rei. A graça a encontrou quando ainda era estrangeira, conduziu seus passos até Belém, deu-lhe um povo, um Deus, pão, cobertura, redenção e herança.

E, no fim, revelou que aquilo que parecia ser apenas a história de uma mulher moabita caminhando ao lado de uma viúva vazia fazia parte de uma história que conduziria ao Rei eterno.

Porque, quando Deus começa uma obra, Ele não está limitado pela nossa origem, pela nossa pobreza ou pela estreiteza da nossa visão.

Ele conduz todas as coisas para Cristo.

Epílogo

Cristo, nossa verdadeira Belém

A casa do pão para a qual toda graça nos conduz

Chegamos ao fim da história de Rute, mas não ao fim daquilo que ela começou a revelar. A narrativa que se abriu com uma fome em Belém, uma família descendo aos campos de Moabe e uma mulher estrangeira caminhando ao lado de uma viúva vazia termina diante de uma genealogia. Mas a genealogia, como tantas vezes acontece nas Escrituras, não é um encerramento burocrático. É uma janela aberta. Ela nos mostra que acontecimentos aparentemente pequenos — uma estrada percorrida, uma decisão silenciosa, espigas recolhidas, uma mesa repartida, uma cobertura estendida, uma criança nos braços de uma mulher que se julgava vazia — pertenciam a uma história maior do que todos os envolvidos podiam perceber.

Rute não sabia que sua escolha alteraria o futuro de uma família. Muito menos poderia imaginar que sua fidelidade se tornaria parte de uma linhagem que alcançaria Davi e, séculos depois, Jesus Cristo. Ela sabia apenas que havia pão em Belém. Sabia que Noemi estava voltando. Sabia que já não desejava retornar aos deuses de Moabe. Sabia que o povo de Noemi se tornaria seu povo e que o Deus de Noemi seria seu Deus.

Isso foi suficiente para dar o próximo passo.

Talvez uma das grandes misericórdias de Deus seja não nos mostrar tudo de uma vez. Rute não recebeu a visão completa daquilo que sua história se tornaria. Não conhecia os campos em que recolheria espigas, a condição de estrangeira que enfrentaria, o homem aos pés de quem se colocaria, nem a genealogia em que seu nome seria um dia registrado. Deus não lhe revelou a extensão inteira do caminho.

Mostrou-lhe pão.

Há sabedoria nisso. A graça raramente começa entregando um mapa completo. Ela oferece luz suficiente para o passo seguinte. Não explica todos os caminhos, mas revela uma direção. Não elimina todas as perguntas, mas faz chegar uma notícia. Não começa por nos dar uma herança; começa conduzindo-nos para a casa do pão.

E é ali que toda essa história encontra seu centro.

Mais do que uma cidade

Belém era pequena. Miqueias a chama de pequena demais entre os milhares de Judá, mas anuncia que dela sairia aquele que haveria de governar Israel.

“E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade.”
Miqueias 5:2

Há algo profundamente coerente com os caminhos de Deus nessa escolha. Ele frequentemente começa onde os homens não procuram. Enquanto o mundo se impressiona com centros de poder, estruturas visíveis e grandeza reconhecida, Deus trabalha em lugares pequenos, por meio de pessoas comuns e em circunstâncias que dificilmente pareceriam capazes de carregar algo eterno.

Belém não é apenas o cenário em que Rute encontra provisão. É testemunha silenciosa desse modo de agir de Deus. Foi ali que uma estrangeira chegou sem recursos. Foi ali que Noemi retornou dizendo-se vazia. Foi ali que Boaz repartiu seu campo e sua mesa com uma mulher que não possuía direito natural à herança. Foi ali que Obede nasceu e que a linhagem de Davi foi preservada.

E seria ali que o Filho de Davi viria ao mundo.

Quando, séculos depois, os magos perguntaram onde deveria nascer o Cristo, os sacerdotes e escribas recorreram justamente à palavra de Miqueias (Mt 2:4–6). A pequena Belém, quase insignificante aos olhos dos homens, havia sido escolhida por Deus para receber Aquele cujo Reino não teria fim.

Assim, a história de Rute não permanece isolada da história de Cristo. A estrada que começa em Moabe e chega a Belém não termina apenas numa casa restaurada ou numa genealogia preservada. Ela entra numa história que continua avançando até o dia em que o próprio Filho de Deus entra na humanidade.

O Pão que Belém não podia produzir

Belém significa casa do pão. Contudo, no início da narrativa de Rute, a casa do pão conhecia fome. Essa contradição possui uma força particular porque revela algo que atravessa toda a experiência humana: lugares que deveriam alimentar podem conhecer escassez, recursos que pareciam seguros podem falhar e estruturas que carregam nomes de abundância podem permanecer de pé enquanto a alma ainda conhece fome.

Noemi saiu de Belém porque não havia pão. Mais tarde, voltaria porque ouvira que o Senhor havia visitado Seu povo e lhe dado pão (Rt 1:6). A provisão retornou, a ceifa começou e Rute encontrou alimento nos campos de Boaz. Mas toda aquela abundância ainda era limitada. O pão podia sustentar o corpo por uma estação; não podia vencer a morte. A colheita podia alimentar os famintos; não podia responder à fome mais profunda do coração humano. A mesa de Boaz podia acolher uma estrangeira, mas não podia, por si mesma, reconciliar o homem com Deus.

Belém precisava receber um Pão que seus próprios campos jamais poderiam produzir.

E esse Pão veio.

“Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede.”

João 6:35

Cristo não veio apenas trazer alimento. Ele próprio é o alimento de Deus para a fome do homem. Não veio simplesmente aliviar uma necessidade passageira, mas comunicar uma vida que a morte não pode destruir. Ele é o Pão que desceu do céu, oferecido àqueles que não possuem em si mesmos os recursos necessários para viver.

É nesse ponto que a história de Rute ganha uma beleza ainda maior. Ela chegou a Belém porque ouviu que havia pão. Caminhou pelos campos da cevada sem saber que sua própria descendência participaria da história pela qual Deus traria ao mundo Aquele que declararia ser o Pão da vida.

Rute buscava alimento para um dia.

Deus estava preparando alimento para o mundo.

Por isso, quando falamos de Cristo como nossa verdadeira Belém, não estamos apenas procurando uma correspondência poética entre um nome e uma pessoa. Estamos reconhecendo que tudo aquilo que Belém anunciava de maneira limitada encontra nEle sua realidade plena. É em Cristo que o faminto encontra vida. É nEle que o estrangeiro encontra acolhimento. É nEle que aquele que chega vazio encontra uma provisão que não depende da fertilidade de seus próprios campos.

Não precisamos trazer uma herança para encontrar lugar nEle. Não precisamos ter construído a história certa nem preservado os recursos certos. Chegamos como Rute chegou: necessitados de favor, dependentes da graça e conscientes de que não possuímos em nós mesmos aquilo de que precisamos.

E Ele nos recebe.

De Moabe para Cristo

Ao longo deste livro, Moabe nos serviu como figura de certos princípios da vida natural que procura preservar a si mesma. Vimos sua origem ligada à história de Ló, a proximidade com o povo da promessa sem verdadeiro pertencimento, a indiferença que se transformou em oposição, a soberba, a idolatria, a sedução de Peor e, finalmente, aquela condição descrita por Jeremias como uma longa permanência sobre as próprias borras.

Moabe conservou seu sabor porque permaneceu repousando sobre aquilo que havia se sedimentado.

Mas essa não foi a última palavra.

A graça encontrou Rute ainda em Moabe. A notícia do pão chegou até ela por meio de Noemi. A estrada foi aberta. Rute recebeu um novo povo e confessou um novo Deus. Chegou a Belém, encontrou favor nos

campos, conheceu a provisão de Boaz, colocou-se aos pés do resgatador e foi introduzida numa herança que não poderia reivindicar por nascimento.

Sem compreender toda a extensão do que Deus fazia, entrou na linhagem do Rei.

Esse movimento resume algo essencial da redenção. Deus não nos chama apenas para sair de uma condição antiga. Ele nos chama para uma Pessoa. Seu propósito não termina quando certos princípios de Moabe são expostos, nem quando abandonamos antigos deuses ou reconhecemos as borras que permaneceram em nós. Tudo isso aponta para uma realidade maior.

Deus nos conduz a Cristo.

A redenção não é simplesmente a passagem de uma terra ruim para uma terra melhor. É a passagem de uma vida que encontra seu centro em si mesma para uma vida cujo centro está no Filho de Deus.

Em Cristo, a antiga origem encontra a cruz. O estrangeiro encontra família. A fome encontra pão. A perda encontra redenção. Aquilo que tentávamos preservar perde seu governo porque outra Vida passa a definir quem somos.

Cristo não é apenas o destino no fim da estrada.

É a realidade para a qual toda verdadeira graça nos conduz.

A casa onde o estrangeiro encontra lugar

A história de Rute também nos impede de imaginar que a casa de Deus exista somente para aqueles que possuem a origem certa. Rute chega a Belém como estrangeira. Não possui herança, posição ou qualquer coisa que lhe assegure naturalmente um lugar entre o povo de Israel.

Mas o Deus de Belém não a deixa do lado de fora.

A Lei havia deixado espaço para o estrangeiro recolher espigas nos campos (Lv 19:9–10; Dt 24:19). Boaz amplia esse espaço, permitindo que Rute permaneça perto de suas servas, beba da água de seus trabalhadores e se assente à sua mesa. Mais tarde, a redenção lhe abre caminho para a herança, e a genealogia preserva seu nome na história que conduz a Davi e, finalmente, a Cristo.

O movimento da graça é sempre nessa direção. Os que estavam longe são aproximados pelo sangue de Cristo. Os estrangeiros deixam de ser estrangeiros e peregrinos e tornam-se concidadãos dos santos e membros da família de Deus (Ef 2:13, 19). Aqueles que não possuíam herança são feitos herdeiros. Aqueles que estavam definidos pelo passado recebem uma nova vida.

A graça não mantém o estrangeiro numa distância segura.

Ela o traz para dentro.

Aquilo que Rute experimentou em Belém — favor, alimento, cobertura, redenção e pertencimento — encontra sua realidade plena no Filho. Cristo não veio apenas melhorar nossa posição diante de Deus, deixando-nos nos arredores da casa. Veio introduzir-nos numa família, fazer-nos participantes de Sua vida e conceder-nos uma herança que não poderíamos conquistar.

A casa do pão se abre porque o próprio Pão se entrega.

A estrada continua

Talvez, ao chegar ao fim desta jornada, reconheçamos que ainda carregamos mais de Moabe do que imaginávamos. Talvez percebamos em nós a antiga tendência de escolher pela vista, de permanecer próximos das coisas de Deus sem permitir que Seu propósito governe realmente nossa vida, de proteger territórios, de buscar uma religião que preserve o eu ou de alimentar-nos de mesas que dividem nossa lealdade.

Talvez descubramos borras que permaneceram escondidas por muito tempo. Características que chamávamos de personalidade, prudência, firmeza ou zelo e que, sob a luz de Deus, começam a revelar medo, rigidez, apego ou necessidade de controle.

Se isso acontecer, a resposta do evangelho não é que precisamos encontrar força suficiente para sair de Moabe por nós mesmos.

A boa notícia é que Deus visita Seu povo com pão.

A graça chega antes da decisão. Ela alcança homens e mulheres ainda nos campos de Moabe, faz chegar uma notícia, abre uma estrada e nos coloca em movimento. E, quando começamos a caminhar, não exige que conheçamos antecipadamente toda a extensão do caminho. Rute não conhecia.

Haverá momentos em que precisaremos deixar antigas terras. Outros em que teremos de aprender a dizer “teu povo é o meu povo” e “teu Deus é o meu Deus”. Haverá campos onde aprenderemos a receber provisão, lugares em que nossas borras serão expostas e ocasiões em que só nos restará colocarmo-nos aos pés do Redentor.

Mas há uma direção que não muda: Cristo.

Paulo escreve que o propósito de Deus é fazer convergir nEle todas as coisas:

“...de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra.”

Efésios 1:10

Essa é a direção de toda a Escritura. É também a direção da história de Rute e da nossa própria redenção.

Tudo caminha para Cristo.

Quando Ele ocupa o centro, Moabe perde seu poder de definir quem somos. A velha origem já não possui a palavra final. A fome encontra alimento. O estrangeiro encontra casa. A perda encontra redenção. Aquilo que antes procurávamos preservar pode finalmente ser entregue porque nossa vida já não depende de permanecer intacta.

Rute começou sua jornada porque ouviu que havia pão em Belém.

No fim, descobrimos que o pão não era apenas aquilo que a esperava numa cidade.

Era Aquele para quem toda a história estava caminhando.

A verdadeira casa do pão não é, afinal, um lugar.

É uma Pessoa.

E essa Pessoa é Jesus Cristo.